

STEPHEN  
KING

○  
INSTITUTO

TRADUÇÃO  
Regiane Winarski



E Sansão clamou ao SENHOR e disse: Ó Senhor Deus, lembra-te de mim, eu te suplico, e dá-me força só esta vez, ó Deus, para que me vingue dos filisteus. Então Sansão abraçou as duas colunas centrais sobre as quais o templo se firmava e nas quais se sustentava, tendo a mão direita numa coluna e a esquerda na outra. E Sansão disse: Que eu morra com os filisteus! Ele inclinou o corpo com toda a força; e a casa desabou sobre os senhores e sobre todas as pessoas que ali estavam. Assim, na sua morte, Sansão matou mais homens do que em toda a sua vida.

Juízes, 16

Mas quem fizer mal a um desses pequeninos... melhor seria que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho e que fosse lançado no fundo do mar.

Mateus, 18

*Laugh about it, shout about it when you got to choose,  
every way you look at it you lose.*

Paul Simon

# O VIGIA NOTURNO

Meia hora depois do horário marcado para que o voo de Tim Jamieson decolasse de Tampa para as luzes fortes e os prédios altos de Nova York, a aeronave da Delta ainda estava parada no portão. Quando um funcionário da Delta e uma mulher loura com crachá de segurança pendurado no pescoço entraram na cabine, os passageiros espremidos da classe econômica soltaram murmúrios infelizes e premonitórios.

— Sua atenção, por favor! — disse o funcionário da Delta.

— De quanto tempo mais vai ser o atraso? — alguém perguntou. — Não venham com enrolação.

— O atraso deve ser curto e o capitão quer dar a garantia de que o voo vai chegar aproximadamente no horário. Mas temos um agente federal que precisa embarcar e precisamos que alguém ceda seu lugar.

Um gemido coletivo percorreu a cabine da classe econômica e Tim viu várias pessoas pegarem os celulares para o caso de alguma confusão. Já tinha havido confusão nesse tipo de situação antes.

— A Delta Air Lines está autorizada a oferecer uma passagem gratuita para Nova York no próximo voo, que sai amanhã cedo, às 6h45...

Outro gemido percorreu a cabine.

O funcionário continuou, inabalado.

— Quem aceitar vai receber um voucher de hotel para esta noite e mais quatrocentos dólares. É um bom negócio, pessoal. Quem quer?



Ninguém aceitou. A segurança loura não disse nada, só observou a cabine lotada da classe econômica com olhos que viam tudo, mas eram um tanto sem vida.

— Oitocentos — disse o funcionário da Delta. — Junto com o voucher do hotel e a passagem de cortesia.

— O cara parece um apresentador de televisão — grunhiu um homem na fileira na frente de Tim.

Ninguém aceitou.

— Mil e quatrocentos?

Ninguém. Tim achou interessante, mas nem um pouco surpreendente. E não era só porque um voo às 6h45 significava ter que acordar antes de Deus: seus colegas da classe econômica eram, em sua maioria, famílias indo para casa depois de visitar diversas atrações na Flórida, casais com queimaduras de praia e caras corpulentos de rosto vermelho e expressão irritada que deviam ter negócios na Grande Maçã valendo consideravelmente mais do que mil e quatrocentas pratas.

Alguém lá no fundo falou:

— Inclui um Mustang conversível e uma viagem para dois pra Aruba e você pode ficar com nossos lugares!

Essa tirada provocou risadas que não pareceram muito simpáticas.

O funcionário do portão olhou para a loura com o crachá, mas, se esperava alguma ajuda por parte dela, não obteve nenhuma. Ela continuou só observando, sem mover nada além dos olhos. Ele suspirou e disse:

— Mil e seiscentos.

Tim Jamieson decidiu de repente que queria sair daquela porra de avião e pegar carona para o norte. Embora essa ideia nunca tivesse passado por sua cabeça antes, ele percebeu que conseguia se imaginar

fazendo isso, e com total clareza. Ali estava ele, polegar esticado, parado na rodovia 301, em algum lugar no meio do condado de Hernando. Estava quente, havia joaninhas por todos os cantos, um outdoor anunciava um advogado especialista em processos de pequenos acidentes e “Take It on the Run”, de REO Speedwagon, estava tocando em um aparelho de som portátil no degrau de concreto de um trailer próximo, onde um homem sem camisa lavava o carro. Uma hora ou outra, um fazendeiro qualquer apareceria e lhe daria carona em uma picape com carroceria de madeira, melões na caçamba e um Jesus magnético no painel. A melhor parte nem seria ter dinheiro vivo no bolso. A melhor parte seria ficar parado sozinho na estrada, a quilômetros daquela porra de lata de sardinha com aromas conflitantes de perfume, suor e spray de cabelo.

A segunda melhor parte, no entanto, seria apertar as tetas da companhia para arrancar mais alguns dólares.

Ele se levantou até ficar perfeitamente empertigado (sua altura era um metro e setenta e sete, quase oito), empurrou os óculos no nariz e levantou a mão.

— Se chegar a dois mil, senhor, e incluir a devolução em dinheiro da minha passagem, meu assento é seu.

No fim, o voucher era para um hotel barato localizado perto do final de uma das pistas mais movimentadas do Tampa International. Tim adormeceu com o som de aviões, acordou com a mesma trilha sonora e desceu para comer um ovo cozido e duas panquecas borrachudas do café da manhã de cortesia. Embora estivesse longe de ser uma experiência

gastronômica, Tim devorou a refeição com gosto e voltou para o quarto para esperar dar nove horas, quando abririam os bancos.

Sacou o cheque sem dificuldades porque o banco sabia que ele apareceria e a transação tinha sido pré-aprovada: Tim não tinha intenção de esperar no hotel barato até que o cheque fosse compensado. Ele preferiu tirar os dois mil em notas de cinquenta e vinte e depois dobrou tudo no bolso da frente, pegou a bolsa de viagem com o segurança do banco e pediu um Uber até Ellenton. Lá, pagou o motorista, andou até a placa mais próxima indicando a 301-N e esticou o polegar. Quinze minutos depois, um idoso com um boné estampando o logo do fabricante Case parou. Não havia melões na caçamba da picape e a carroceria não era de madeira, mas fora isso encaixava direitinho na visão que ele teve na noite anterior.

— Pra onde você está indo, amigo? — perguntou o homem.

— Bom — respondeu Tim —, em algum momento pretendo chegar a Nova York. Eu acho.

O homem cuspiu tabaco pela janela.

— E por que um homem em sã consciência ia querer ir pra lá? — ele pronunciou tudo junto, *sãconsciência*.

— Sei lá — disse Tim, embora soubesse: um antigo colega de trabalho disse que havia muita oferta para segurança particular na Grande Maçã, inclusive em algumas empresas que dariam mais valor à sua experiência do que a toda aquela confusão que acabou com sua carreira na polícia da Flórida. — Só espero conseguir chegar à Geórgia hoje. Talvez eu goste mais de lá.

— Agora sim — disse o homem. — A Geórgia não é ruim, principalmente pra quem gosta de pêssego. Me dá diarreia. Você não se incomoda com música, não é?



— De jeito nenhum.

— Mas tenho que avisar, eu boto o volume alto. Estou um pouco surdo.

— Tudo bem. Fico feliz com a carona.

Foi Waylon Jennings em vez de REO Speedwagon, mas Tim não tinha problema com isso. Depois de Waylon, veio Shooter Jennings e Marty Stuart. Dentro do Dodge Ram enlameado, os dois homens ouviram a música e ficaram contemplando a rodovia. Cento e dez quilômetros depois, o homem parou, levantou a aba do boné de leve e desejou a Tim um belo dia.

Tim não conseguiu chegar à Geórgia naquela noite — passou-a em outro hotel vagabundo perto de uma barraca de estrada que vendia suco de laranja —, mas apareceu lá no dia seguinte. Na cidade de Brunswick (onde um certo tipo gostoso de ensopado tinha sido inventado), pegou um trabalho de duas semanas em uma usina de reciclagem, uma decisão tão impulsiva quanto a de abrir mão do lugar no voo da Delta saindo de Tampa. Tim não precisava do dinheiro, mas teve a impressão de que precisava do tempo. Estava em transição e isso não acontecia do dia para a noite. Além do mais, havia um boliche com um Denny's ao lado. Uma combinação dessas era difícil de superar.

### 3

Com a soma do dinheiro que recebeu da companhia aérea e na usina de reciclagem, Tim estava parado na rampa de Brunswick da I-95 Norte, sentindo-se bem rico para um andarilho. Ficou parado mais de uma hora debaixo do sol e estava pensando em desistir e voltar para o Denny's para tomar um copo de chá gelado quando uma perua Volvo parou. O banco

de trás estava cheio de caixas. A idosa atrás do volante abriu a janela do passageiro e olhou para ele através de óculos de lentes grossas.

— Apesar de não ser grande, você parece musculoso — observou ela.

— Você não é estuprador nem psicopata, é?

— Não, senhora — respondeu Tim, pensando: Mas o que mais eu poderia dizer?

— É claro que você não diria se fosse, não é? Você vai até a Carolina do Sul? Sua bolsa de viagem sugere que sim.

Um carro desviou do Volvo e avançou a toda velocidade, buzinando. A idosa não deu atenção, se limitando a manter o olhar sereno grudado em Tim.

— Sim, senhora. Preciso chegar até Nova York.

— Levo você até a Carolina do Sul. Não muito pra dentro daquele lindo estado, mas um pouco. Mas só se você me der uma ajudinha em troca. Uma mão lava a outra, se é que você me entende.

— Você coça as minhas costas e eu coço as suas — disse Tim, sorrindo.

— Ninguém vai coçar nada aqui, mas pode entrar.

Tim entrou. Ela se chamava Marjorie Kellerman e cuidava da biblioteca de Brunswick. Também participava de uma coisa chamada Associação das Bibliotecas do Sudeste, que, segundo ela, não tinha dinheiro porque “Trump e seus amiguinhos retiraram tudo. Eles entendem de cultura tanto quanto um jumento entende de álgebra”.

Depois de cento e cinco quilômetros para o norte, ainda na Geórgia, ela parou em uma bibliotecazinha de prisão na cidade de Pooler. Tim descarregou e levou as caixas de livros para dentro. Carregou outras dez ou doze caixas para o Volvo. Marjorie Kellerman disse que eram para a Biblioteca Pública de Yemassee, uns sessenta e cinco quilômetros ao

norte, já no estado da Carolina do Sul. Mas, pouco depois de passarem por Hardeeville, eles tiveram que parar. Havia um engarrafamento nas duas pistas e mais carros e caminhões não paravam de chegar.

— Ah, odeio quando isso acontece — lamentou Marjorie. — Parece que é sempre na Carolina do Sul, onde são muquiranas demais pra alargar a rodovia. Houve uma batida em algum lugar à frente e, com só duas pistas, ninguém consegue passar. Vou passar metade do dia aqui. Sr. Jamieson, você está dispensado do trabalho. Se eu fosse você, sairia do veículo, andaria de volta até a saída de Hardeeville e tentaria a sorte na rodovia 17.

— E todas essas caixas de livros?

— Ah, eu arrumo outra pessoa forte pra me ajudar a descarregar — respondeu ela, sorrindo para ele. — Pra falar a verdade, vi você lá parado no sol quente e decidi viver um pouco perigosamente.

— Bom, se a senhora tem certeza. — Tim estava ficando com claustrofobia naquele engarrafamento. Da mesma forma que se sentiu na classe econômica do voo da Delta, na verdade. — Se não tiver, posso ficar. Não tenho prazo nem nada.

— Tenho certeza absoluta — disse ela. — Foi um prazer conhecê-lo, sr. Jamieson.

— O prazer foi meu, sra. Kellerman.

— Você precisa de dinheiro? Posso colaborar com dez dólares, se precisar.

Ele ficou comovido e surpreso, não pela primeira vez, com a gentileza e a generosidade do gesto, comum a gente comum, principalmente no caso de quem não tinha muito a oferecer. Os Estados Unidos ainda eram um bom lugar, por mais que alguns (inclusive ele mesmo, de vez em quando) pudessem discordar.



— Não, estou bem. Mas obrigado por oferecer.

Ele apertou a mão dela, saiu e andou de volta pelo acostamento da I-95 até a saída de Hardeeville. Como não conseguiu uma carona imediatamente na US 17, caminhou alguns quilômetros até onde a estrada se juntava à rodovia estadual 92. Lá, uma placa apontava para a cidade de DuPray. Àquela altura, já era o meio da tarde e Tim decidiu que era melhor encontrar um hotel onde passar a noite. Sem dúvida seria outro do tipo vagabundo, mas as alternativas — dormir ao ar livre e ser devorado por mosquitos ou adormecer em um celeiro — eram bem menos atraentes. E assim, ele partiu para DuPray.

Grandes eventos se apoiam em pequenos suportes.

#### 4

Uma hora depois, ele estava sentado em uma pedra na beira da estrada de duas pistas, esperando que um trem de carga aparentemente infinito atravessasse o cruzamento. O trem avançava para DuPray na majestosa velocidade de cinquenta quilômetros por hora: vagões fechados, vagões de transporte de carros (em sua maioria, abarrotados de carros batidos em vez de veículos novos), vagões-tanque, vagões abertos e gôndolas cheias de só Deus sabia que substâncias inflamáveis que, em caso de descarrilamento, poderiam incendiar a floresta de pinheiros ou contaminar a população de DuPray com vapores tóxicos ou até fatais. Por fim, chegou a vez de um vagão laranja onde um homem de macacão estava sentado em uma cadeira de praia, lendo um livro e fumando um cigarro. O homem ergueu o olhar do livro e acenou para Tim, que retribuiu o cumprimento.

A cidade ficava três quilômetros depois, construída em volta do cruzamento da 92 (agora com o nome de Main Street) e duas outras ruas. DuPray parecia ter escapado das cadeias de lojas que tinham ocupado as cidades maiores. Até havia uma Radio Shack, mas estava fechada, com as vitrines cobertas. Tim reparou em uma mercearia, uma farmácia, um mercadinho que parecia vender um pouco de tudo e dois salões de beleza. Também havia um cinema com as palavras ALUGO OU VENDENDO O PONTO na fachada, uma revendedora de peças de carros chamada LOJA DA VELOCIDADE DE DUPRAY e um restaurante chamado RESTAURANTE DA BEV. Havia três igrejas, uma metodista e duas sem marca registrada, ambas do tipo “venham para Jesus”. Não havia mais de vinte e poucos carros e picapes espalhados pelas vagas transversais que ocupavam a área comercial. As calçadas estavam quase desertas.

Três quarteirões depois, ao passar por mais uma igreja, ele viu o DuPray Motel. Mais à frente, onde a Main Street supostamente voltava a ser a rodovia estadual 92, havia outro cruzamento com trilhos de trem, um depósito e uma fileira de telhados de metal que cintilavam ao sol. Em seguida, a floresta de pinheiros voltava a ficar densa. De modo geral, pensou Tim, parecia uma cidade saída de uma balada country, de uma daquelas canções nostálgicas cantadas por Alan Jackson ou George Strait. A placa do hotel era velha e enferrujada, sugerindo que o lugar poderia estar tão fechado quanto o cinema. De qualquer maneira, como a tarde estava chegando ao fim e aquela parecia ser a única opção para se hospedar na cidade, foi para lá que Tim se dirigiu.

Na metade do caminho, passando pelo prédio administrativo de DuPray, ele chegou a uma construção de tijolos com hera subindo pelos lados. No gramado bem-cuidado havia uma placa declarando que o local era o Departamento do Xerife do Condado de Fairlee. Tim achava que



devia ser mesmo uma porcaria de condado, se aquela era a cidade principal.

Havia duas viaturas paradas na frente: uma era um sedã novo e a outra um 4Runner velho, sujo de lama, com a lâmpada vermelha e azul no painel. Tim lançou para a entrada o olhar quase inconsciente de um andarilho com muito dinheiro no bolso, andou alguns passos e voltou para conferir melhor os quadros de aviso dos dois lados da porta dupla. Na verdade, para conferir um deles em particular. Achando que devia ter lido errado, mas querendo ter certeza.

Não nesse dia e nessa época do ano, pensou ele. Não é possível.

Mas era. Ao lado de um pôster que dizia SE VOCÊ PENSOU QUE A MACONHA FOSSE PERMITIDA NA CAROLINA DO SUL, **PENSOU ERRADO** havia um que dizia apenas **PRECISA-SE DE VIGIA NOTURNO. INFORMAÇÕES LÁ DENTRO.**

Uau, pensou ele. Isso é que era voltar ao passado.

Ele se virou para a placa enferrujada do hotel de novo, pensando naquele anúncio de **PRECISA-SE**. Nessa hora, uma das portas da delegacia se abriu e um policial magro saiu, ajeitando o quepe no cabelo ruivo. O sol do fim da tarde cintilou no seu distintivo. Ele observou as botas de Tim, a calça jeans suja e a camisa azul de cambraia. Os olhos se detiveram por um momento na bolsa pendurada no ombro de Tim antes de chegarem ao rosto.

— Posso ajudar, senhor?

O mesmo impulso que o fez se levantar no avião surgiu de novo.

— Provavelmente não, mas quem sabe?

O policial ruivo era Taggart Faraday. Ele acompanhou Tim até lá dentro, onde os odores característicos de água sanitária e amônia saíam das quatro celas nos fundos e chegavam às salas. Depois de apresentar Tim para Veronica Gibson, a policial de meia-idade encarregada do atendimento naquela tarde, Faraday pediu para ver a habilitação e algum outro documento de Tim. O que Tim ofereceu junto com a habilitação foi sua carteira de membro da polícia de Sarasota, sem tentar disfarçar que ela estava vencida havia nove meses. Mesmo assim, a atitude dos policiais mudou um pouco quando viram o documento.

— Você não mora no condado de Fairlee — disse Ronnie Gibson.

— Não — concordou Tim. — Não mesmo. Mas posso morar, se conseguir o emprego de vigia noturno.

— Não paga muito — disse Faraday — e, de qualquer modo, a decisão não é minha. Quem contrata e demite é o xerife Ashworth.

— Nosso último vigia noturno se aposentou e se mudou pra Geórgia. Ed Whitlock. Ele teve aquela doença de Lou Gehrig, a ELA. Bom sujeito. Dureza. Mas tem gente lá pra cuidar dele — disse Ronnie Gibson.

— São sempre os melhores que sofrem as piores merdas — acrescentou Tag Faraday. — Dá um formulário pra ele, Ronnie. — E, para Tim: — Nós somos uma equipe pequena aqui, sr. Jamieson, só sete em tempo integral e dois em meio período. É o que os contribuintes podem pagar. O xerife John está na rua, em patrulha. Se não chegar até as cinco, cinco e meia no máximo, é porque foi pra casa jantar e só volta amanhã.

— Seja como for, vou passar a noite aqui. Supondo que o hotel esteja aberto, claro.

— Ah, acho que o Norbert tem alguns quartos — disse Ronnie Gibson.

Ela trocou um olhar com o ruivo e os dois riram.

— Imagino que não seja um estabelecimento cinco estrelas — disse Tim.

— Olha, sem comentários sobre isso — disse Gibson —, mas no seu lugar eu daria uma olhada nos lençóis antes de deitar, só pra ver se não tem aquele insetinho vermelho. Por que você saiu da polícia de Sarasota, sr. Jamieson? Você é jovem demais para ter se aposentado, eu suponho.

— Essa é uma questão que vou discutir com o xerife, se ele me conceder uma entrevista.

Os dois policiais trocaram outro olhar, mais longo, e Tag Faraday disse:

— Vamos, entrega um formulário pro homem, Ronnie. Foi um prazer conhecer o senhor. Bem-vindo a DuPray. Agindo direito, nos daremos muito bem.

Ele saiu sem esperar resposta, deixando a alusão ao bom comportamento aberta à interpretação. Pela janela gradeada, Tim viu o 4Runner sair de ré da vaga e seguir pela pequena rua principal de DuPray.

O formulário estava em uma prancheta. Tim se sentou em uma das três cadeiras encostadas na parede esquerda, colocou a bolsa entre os pés e começou a preencher os campos.

Vigia noturno, pensou ele. Caramba.

O xerife Ashworth (xerife John para a maioria da população, assim como para seus policiais, Tim descobriu) era um homem de barriga grande que andava devagar. Tinha a papada de um basset hound e muito cabelo



branco. Havia uma mancha de ketchup na camisa do seu uniforme. Carregava uma Glock no quadril e tinha um anel de rubi no mindinho. O sotaque era forte e a atitude era simpática, de amigo de longa data, mas os olhos fundos no rosto carnudo eram inteligentes e curiosos. Ele poderia ter sido escalado em um daqueles filmes com clichês sulistas, tipo *Com as próprias mãos*, não fosse o fato de ser negro. Mais uma coisa: havia uma moldura com o certificado de graduação na Academia Nacional do FBI em Quantico pendurada na parede ao lado do retrato oficial do presidente Trump. Aquilo não era uma peça de decoração barata que se conseguia em qualquer lojinha.

— Muito bem — disse o xerife John, se balançando na cadeira. — Não tenho muito tempo. Marcella odeia quando me atraso para o jantar. A não ser que haja algum tipo de crise, claro.

— Entendido.

— Então vamos direto ao ponto. Por que você saiu da polícia de Sarasota e o que está fazendo aqui? A Carolina do Sul não tem muitos lugares movimentados, e DuPray está longe de ser um deles.

Ashworth provavelmente não pegaria o telefone para ligar para Sarasota naquela noite, mas faria isso pela manhã, então não adiantava enfeitar a história. Não que Tim quisesse fazer isso. Se não conseguisse aquele emprego, passaria a noite em DuPray e seguiria em frente de manhã, continuando as escalas até chegar a Nova York — uma viagem que ele agora entendia se tratar do hiato necessário entre o que aconteceu no Westfield Mall de Sarasota naquele dia no final do ano passado e o que talvez acontecesse no futuro. Deixando tudo isso de lado, a sinceridade era a melhor política, porque as mentiras, sobretudo em uma era na qual quase todas as informações estavam disponíveis para

qualquer pessoa com um teclado e uma conexão wi-fi, normalmente voltavam para assombrar o mentiroso.

— Me deram a escolha de pedir demissão ou ser dispensado. Escolhi pedir demissão. Ninguém ficou feliz, muito menos eu, porque gostava do meu trabalho na Costa do Golfo, mas foi a melhor solução. Assim, recebo um pouco de dinheiro, não a aposentadoria integral, mas é melhor do que nada. Vai pra minha ex-esposa.

— E o motivo? Simplifique para que eu possa chegar em casa enquanto o jantar ainda está quente.

— Não vai demorar. No final do meu turno, em um dia de novembro no ano passado, entrei no Westfield Mall pra comprar um par de sapatos porque tinha um casamento para ir. Eu ainda estava de farda, certo?

— Certo.

— Estava saindo do Shoe Depot quando uma mulher veio correndo e disse que um adolescente estava mostrando uma arma no cinema. Fui correndo pra lá.

— Você sacou sua arma?

— Não, senhor. Não naquela hora. O garoto armado tinha uns catorze anos e percebi que estava bêbado ou drogado. Ele tinha derrubado outro garoto e estava dando pontapés nele. Também estava com a arma apontada para ele.

— Parece aquela história de Cleveland. Do policial que atirou no garoto negro que estava balançando a arma de chumbinho.

— Pensei nesse caso quando me aproximei, mas o policial que atirou em Tamir Rice jurou ter pensado que o garoto estava com uma arma de verdade. Eu tinha quase certeza de que a do garoto que estava no cinema não era real, mas não tinha como ter certeza *absoluta*. Talvez você saiba por quê.

O xerife John Ashworth pareceu ter esquecido o jantar.

— Porque ele estava apontando a arma para o garoto no chão. Não faz sentido apontar uma arma falsa pra alguém. A não ser, imagino, que o outro garoto não soubesse.

— O garoto armado disse depois que estava *balançando* a arma para o outro, não apontando. Dizendo “É meu, filho da puta, você não pega o que é meu”. Não foi o que eu vi. Pra mim, ele pareceu estar apontando. Eu gritei pra ele largar a arma e levantar as mãos. Ele não me ouviu ou não me deu atenção. Se limitou a continuar chutando e apontando. Ou balançando, se era isso que estava mesmo fazendo. De qualquer modo, saquei minha arma. — Ele fez uma pausa. — Se faz alguma diferença, os garotos eram brancos.

— Pra mim, não faz. Os dois garotos estavam brigando. Um estava no chão e apanhando. O outro tinha o que poderia ser uma arma de verdade. Você atirou nele? Me diz que não chegou a fazer isso.

— Ninguém levou nenhum tiro. Mas... sabe quando as pessoas se reúnem pra ver uma briga, mas somem se uma arma aparece?

— Claro. Se as pessoas têm bom senso, saem correndo.

— Pois é. Foi o que aconteceu, só que algumas ficaram mesmo assim.

— As que estavam filmando com o celular.

Tim assentiu.

— Uns quatro ou cinco candidatos a Spielberg. Eu apontei a arma para o teto e disparei o que deveria ter sido um tiro de aviso. Talvez tenha sido uma decisão equivocada, mas na hora me pareceu a coisa certa a fazer. A única. Bom, há lustres naquela parte do shopping. A bala acertou um deles, que caiu direto na cabeça de um curioso. O garoto deixou a arma cair no chão e eu soube que não era de verdade porque, assim que bateu no piso, ela quicou. Era uma arma de plástico feita pra



parecer uma automática .45. O garoto que estava no chão levando os chutes tinha alguns hematomas e cortes, nada que parecesse precisar de pontos, mas o curioso ficou inconsciente e permaneceu assim por três horas. Concussão. De acordo com o advogado, ele ficou com amnésia e dores de cabeça lancinantes.

— Ele processou o departamento?

— Sim. Vai demorar um tempo, mas ele vai acabar levando alguma coisa.

O xerife John refletiu.

— Se ele ficou pra filmar a confusão, talvez não receba tanto, por piores que sejam suas dores de cabeça. Acho que o departamento jogou nas suas costas a acusação de disparo descuidado de uma arma.

Foi isso mesmo e seria bom, Tim pensou, se eles pudessem parar por ali. Mas não podiam. O xerife John podia parecer uma versão afro-americana do chefe Hogg de *Gatinhas e gatões*, mas não era burro. Ele se solidarizava com a situação de Tim, quase qualquer policial se solidarizaria, mas ainda fazia sua verificação. Era melhor que ouvisse o resto da história da boca do próprio Tim.

— Antes de entrar na loja de sapatos, eu passei no Beachcombers e tomei uma ou duas bebidas. Os policiais que foram levar o garoto para a delegacia sentiram meu bafo e fizeram o teste. O bafômetro deu 0,6 abaixo do limite legal, mas a situação não era nada boa considerando que eu tinha acabado de disparar minha arma e mandar um homem para o hospital.

— Você é o tipo de pessoa que bebe regularmente, sr. Jamieson?

— Bebi muito nos seis meses depois do divórcio, mas isso já tem dois anos. Agora, não. — O que era, naturalmente, o que eu *deveria* dizer, pensou ele.

— Aham, aham, vamos ver se entendi direito. — O xerife levantou um indicador gordo. — Você estava fora de serviço, o que significa que, se estivesse sem farda, a mulher não teria corrido até você.

— Provavelmente não, mas eu teria ouvido a confusão e ido até a cena de qualquer jeito. Um policial nunca está fora de serviço. Como tenho certeza que você sabe.

— Aham, aham, mas você estaria com a sua arma?

— Não. A arma estaria no meu carro.

Ashworth levantou um segundo dedo por causa desse detalhe e acrescentou um terceiro.

— O garoto tinha o que devia ser uma arma falsa, mas podia ser real. Você não tinha como ter certeza, de qualquer modo.

— Pois é.

O quarto dedo subiu.

— Seu disparo de aviso acertou um lustre, que não só caiu, como caiu na cabeça de um curioso inocente. Isso, claro, se podemos chamar um babaca filmando com o celular de curioso inocente.

Tim assentiu.

O polegar do xerife subiu.

— E, antes que essa confusão acontecesse, você por acaso tinha ingerido duas bebidas.

— Sim. E de farda, ainda por cima.

— Não foi uma boa decisão, não foi uma boa... como costumam chamar... *perspectiva*, mas eu ainda teria que dizer que você teve um azar danado. — O xerife John bateu com os dedos na beirada da mesa. O anel de rubi do mindinho pontuou cada batida com um pequeno clique.

— Acho sua história absurda demais pra não ser verdade, mas vou ter



que ligar para o seu antigo chefe pra confirmar. Nem que seja para ouvir tudo de novo e me impressionar mais uma vez.

Tim sorriu.

— Minha chefe era Bernadette DiPino, a delegada de polícia de Sarasota. E é melhor você ir jantar, senão sua esposa vai ficar zangada.

— Aham, aham, pode deixar que eu cuido da Marcy. — O xerife se inclinou para a frente por cima da barriga. Seus olhos estavam mais brilhantes do que nunca. — Se eu fizesse um teste de bafômetro agora, sr. Jamieson, qual seria o resultado?

— Pode tentar e descobrir.

— Não vou fazer isso. Acredito que não preciso. — Ele se encostou, e a cadeira soltou outro gemido longo e sofrido. — Por que você iria querer o trabalho de vigia noturno em uma cidadezinha desprezível como esta? Só paga cem dólares por semana e, embora não haja muita agitação de domingo a quinta, pode ser irritante nas noites de sexta e sábado. O clube de strip em Penley fechou ano passado, mas há vários bares e espeluncas na área ao redor.

— Meu avô era vigia noturno em Hibbing, Minnesota. A cidade onde Bob Dylan cresceu, sabe? Pois então, isso foi depois que ele se aposentou da Polícia Estadual. Meu avô foi a inspiração para eu querer ser policial quando era pequeno. Quando vi a placa, eu pensei...

Tim deu de ombros. O que ele *pensou*? Basicamente a mesma coisa de quando aceitou o emprego na usina de reciclagem. Nada. Passou pela sua cabeça que talvez estivesse, pelo menos mentalmente falando, em um lugar meio complicado.

— Seguindo os passos do vovô, aham. — O xerife John uniu as mãos acima de sua considerável pança e encarou Tim, os cintilantes e curiosos olhos fundos nas bolsas de gordura. — Você se considera aposentado, é

isso? Está só procurando alguma coisa pra fazer as horas passarem? Não acha que está meio jovem pra isso?

— Aposentado da polícia, sim. Esse tempo passou. Um amigo disse que me arrumaria trabalho de segurança em Nova York e eu queria uma mudança de ares. Talvez não precise ir a Nova York pra isso. — Ele achava que o que realmente queria era uma mudança de ideias. Talvez não conseguisse isso com o emprego de vigia noturno, mas talvez sim.

— Divorciado, é?

— Sim.

— Filhos?

— Não. Ela queria, eu não. Não achava que estava pronto.

O xerife John olhou para o formulário de Tim.

— Diz aqui que você tem quarenta e dois anos. Na maioria dos casos, provavelmente não todos, se você ainda não está pronto a esse ponto...

Ele parou de falar, esperando em seu melhor estilo de policial que Tim completasse a frase. Tim não completou.

— Você pode acabar indo pra Nova York alguma hora, sr. Jamieson, mas por enquanto está só andando por aí. Não é isso?

Tim pensou bem e concordou que *era*.

— Se eu te der esse emprego, como vou saber que você não vai botar na cabeça que vai embora daqui a duas semanas ou daqui a um mês? DuPray não é o lugar mais interessante do mundo, nem mesmo da Carolina do Sul. O que quero saber é: como vou ter certeza de que posso contar com você?

— Eu vou ficar. Sempre supondo que você ache que estou fazendo o trabalho direito, é claro. Se decidir que não estou, pode me demitir. Se eu decidir ir embora, vou avisar com antecedência. É uma promessa.

— O emprego não paga o suficiente pra você se sustentar.

Tim deu de ombros.

— Vou encontrar outra coisa, se precisar. Não vai me dizer que eu seria o único cara da cidade trabalhando em dois empregos pra pagar as contas, não é? Sem falar que tenho uma pequena reserva pra começar.

O xerife John ficou imóvel por algum tempo, pensando em tudo, e então se levantou, com uma agilidade surpreendente para um homem tão pesado.

— Pode passar aqui amanhã de manhã e vamos ver o que fazer sobre isso. Por volta das dez estaria bom.

O que vai lhe dar tempo suficiente para falar com a polícia de Sarasota, pensou Tim, e ver se minha história é verdadeira. E também descobrir se há mais manchas no meu registro.

Ele se levantou e estendeu a mão. O aperto do xerife John era forte.

— Onde você vai passar a noite, sr. Jamieson?

— No hotel ali na frente, se tiver vaga.

— Ah, o Norbert vai ter muitos quartos vazios — disse o xerife. — E duvido que tente vender erva para você. Sabe, me parece que você ainda tem uma aura de policial. Se não tiver problema pra digerir fritura, o Bev aqui na rua fica aberto até as sete. Eu gosto muito do fígado acebolado.

— Obrigado. E obrigado por conversar comigo.

— De nada. Foi uma conversa interessante. Ah, e quando você fizer o check-in no DuPray, diga ao Norbert que o xerife John mandou ele te dar um dos quartos bons.

— Pode deixar.

— Mas ainda assim eu olharia se tem insetos na cama antes de deitar.

Tim sorriu.

— Já recebi esse conselho.



Tim jantou filé de frango frito, vagem e uma torta de pêssego de sobremesa no Restaurante da Bev. Estava bom. Já o quarto que recebeu no DuPray Hotel era outra história, e fez os quartos em que Tim tinha se hospedado em suas andanças para o norte parecerem palácios. O ar-condicionado na janela era barulhento e não refrescava muito. O chuveiro enferrujado pingava e parecia não haver como fazê-lo parar. (Tim acabou colocando uma toalha embaixo para abafar o som.) A cúpula do abajur ao lado da cama estava queimada em alguns pontos. O único quadro do quarto, uma composição perturbadora com um barco a vela completamente tripulado por homens negros sorridentes e possivelmente homicidas, estava torto. Tim ajustou a posição, mas o quadro voltou a ficar torto imediatamente.

Havia uma cadeira dobrável do lado de fora. O assento estava afundado e as pernas estavam tão enferrujadas quanto o chuveiro defeituoso, mas a cadeira aguentou seu peso. Ele ficou sentado lá com as pernas esticadas, matando insetos e vendo o sol queimar sua luz laranja de fornalha pelas árvores. Olhar para o sol lhe trouxe felicidade e melancolia ao mesmo tempo. Outro trem de carga aparentemente infinito apareceu às 8h15, percorrendo a ferrovia estadual e passando pelos armazéns nos arredores da cidade.

— Aquele maldito Georgia Southern está sempre atrasado.

Tim olhou para o lado e viu o proprietário/único empregado da noite do refinado estabelecimento. Ele era muito magro. Usava um colete estampado na parte de cima do corpo. A calça cáqui estava pescando siri para exibir melhor as meias brancas e os tênis All Star velhos. O rosto meio de rato era emoldurado por um corte antigo, estilo Beatles.

— Não diga — disse Tim.

— Não importa — disse Norbert, dando de ombros. — O trem da noite sempre passa direto. O da meia-noite *quase* sempre passa direto, a não ser que tenha diesel para descarregar ou frutas e legumes frescos pro mercado. Tem um cruzamento lá pra frente. — Ele cruzou os dedos indicadores para demonstrar. — Uma linha vai pra Atlanta, Birmingham, Huntsville, lugares assim. A outra vem de Jacksonville e vai pra Charleston, Wilmington, Newport News, lugares assim. Os trens diurnos são os que mais param. Você está pensando em trabalhar nos armazéns? Costuma ter vaga pra um ou dois homens por lá. Mas tem que ter as costas fortes. Não é pra mim.

Tim olhou para ele. Norbert arrastou os tênis e abriu um sorriso, mostrando o que Tim chamava de dentes quase aposentados. Estavam na boca, mas parecia que não ficariam por muito tempo.

— Cadê seu carro?

Tim só continuou olhando.

— Você é da polícia?

— No momento, sou um homem vendo o pôr do sol entre as árvores — respondeu Tim. — E preferiria fazer isso sozinho.

— Nem precisa dizer mais nada, nem precisa dizer mais nada — concordou Norbert e saiu andando, parando só para lançar um último olhar interrogativo por cima do ombro.

O trem de carga terminou de passar. As luzes vermelhas do cruzamento se apagaram. As barreiras subiram. Os dois ou três veículos que estavam esperando ligaram os motores e foram em frente. Tim viu o sol passar de laranja a vermelho enquanto descia — *à noite céu vermelho, deleite do marinheiro*, teria dito seu avô vigia noturno. Viu as sombras dos pinheiros se alongarem sobre a rodovia 92 e se juntarem. Ele tinha quase certeza de que não conseguiria o emprego de vigia noturno e talvez fosse

melhor assim. DuPray parecia distante de tudo, não só um desvio, mas praticamente um beco sem saída. Se não fossem aqueles quatro armazéns, a cidade provavelmente não existiria. Aliás, qual era o *sentido* da existência deles? Armazenar televisões de algum porto ao norte como Wilmington ou Norfolk antes que fossem enviadas para Atlanta ou Marietta? Armazenar caixas de peças de computador de Atlanta antes que fossem enviadas para Wilmington ou Norfolk ou Jacksonville? Armazenar fertilizantes ou produtos químicos perigosos, porque naquela parte dos Estados Unidos não havia lei contra isso? Não havia como conseguir a resposta para essas perguntas, portanto eram perguntas sem sentido, como qualquer tolo sabia.

Ele entrou, trancou a porta (por assim dizer, já que a porcaria era tão fina que um único chute a abriria), ficou de cueca e se deitou na cama, que era meio mole, mas não tinha insetos (ao menos pelo que ele conseguiu verificar). Ele colocou as mãos atrás da cabeça e olhou para o quadro dos homens negros sorridentes manobrando a fragata ou seja lá qual fosse o nome de um barco daqueles. Para onde eles estavam indo? Seriam piratas? Achou que pareciam piratas. Seja lá o que fossem, acabaria chegando a hora de carregar e descarregar no porto da escala seguinte. Talvez tudo fosse assim. E todo mundo. Não muito tempo antes, por escolha própria, ele tinha sido descarregado de um voo da Delta a caminho de Nova York. Depois, carregou latas e garrafas em uma máquina de separação. Naquele dia, tinha carregado livros para uma bibliotecária gentil em um lugar e descarregado em outro. Ele só estava ali porque a I-95 ficou carregada de automóveis esperando que o reboque levasse embora o carro batido de algum infeliz, provavelmente depois de uma ambulância carregar e descarregar o motorista no hospital mais próximo.



Mas um vigia noturno não carrega e descarrega, pensou Tim. Só anda por aí e bate nas portas, o que, seu avô teria dito, é a parte bonita.

Ele adormeceu e acordou apenas à meia-noite, quando outro trem de carga passou. Usou o banheiro e, antes de voltar para a cama, tirou o quadro torto e virou a tripulação de homens negros sorridentes para a parede.

Aquela porcaria lhe dava arrepios.

## 8

Quando o telefone do quarto tocou na manhã seguinte, Tim já havia tomado banho e estava outra vez sentado na cadeira dobrável, vendo as sombras que cobriram a rua no pôr do sol derreterem para o outro lado. Era o xerife John. Ele não perdeu tempo.

— Não achei que a delegada fosse estar trabalhando tão cedo, então fiz uma pesquisa na internet. Parece que você se esqueceu de incluir umas coisinhas no seu formulário. Também não mencionou elas na nossa conversa. Você recebeu uma homenagem por salvar vidas em 2017 e levou o título de Oficial do Ano da Polícia de Sarasota em 2018. Você esqueceu?

— Não — respondeu Tim. — Eu me candidatei ao emprego impulsivamente. Se tivesse tido mais tempo pra pensar, teria incluído essas coisas.

— Me conte sobre o jacaré. Eu cresci perto do pântano Little Pee Dee e amo uma boa história de jacarés.

— Não é muito boa porque o jacaré não era muito grande. E eu não salvei a vida da criança, mas a história tem um lado engraçado.

— Vamos ouvir.

— O chamado veio de Highlands, um campo de golfe particular. Eu era o policial mais próximo. O garoto estava em cima de uma árvore, perto de um obstáculo de água. Ele tinha uns onze ou doze anos e estava gritando como um louco. O jacaré estava embaixo.

— Parece o Pequeno Sambo Negro — comentou o xerife John. — Só que, pelo que lembro, na história dele eram tigres em vez de um jacaré. Além disso, se era um campo de golfe particular, aposto que o garoto na árvore não era negro.

— Não, e o jacaré estava mais dormindo do que acordado. Só tinha um metro e meio — acrescentou Tim. — Um e oitenta no máximo. Peguei um taco de golfe com o pai dele, que foi quem deu a ideia da homenagem depois, e bati nele algumas vezes.

— Bateu no jacaré, imagino, não no pai.

Tim riu.

— Isso mesmo. O jacaré voltou para a água, o garoto desceu e pronto. — Ele fez uma pausa. — Só que eu apareci no telejornal da noite. Balançando um taco de golfe. O âncora brincou que eu dei uma bela tacada certa. Bom humor, sabe como é.

— Aham. E a história do policial do ano?

— Bom, eu sempre chegava na hora, nunca faltava por doença, e eles tinham que dar pra alguém — justificou Tim.

Houve um longo silêncio do outro lado da linha. Até que o xerife John disse:

— Não sei se podemos chamar isso de modéstia conveniente ou de autoestima baixa, mas não faz diferença pra mim. Sei que é algo que não se diz quando se conhece alguém há tão pouco tempo, mas sou um homem que fala o que pensa. Eu falo demais, como dizem algumas pessoas. Minha esposa, por exemplo.



Tim olhou para a rua, olhou para os trilhos do trem, olhou para as sombras cada vez menores. Lançou um olhar para a torre de água da cidade, alta como um robô invasor em um filme de ficção científica. Seria mais um dia quente, avaliou ele. Avaliou também uma outra coisa: poderia conseguir ou perder o emprego naquele momento. Tudo dependeria do que fosse dizer. A pergunta era: ele queria mesmo o emprego ou aquilo não passou de um ímpeto que nasceu de uma história sobre o vovô Tom?

— Sr. Jamieson? Ainda está aí?

— Eu mereci o prêmio. Outros policiais também estavam à altura, eu trabalhei com ótimos colegas, mas, sim, eu mereci. Eu não trouxe muita coisa comigo quando saí de Sarasota, pretendia providenciar o envio do resto caso me fixasse em Nova York, mas trouxe o documento. Está na minha bolsa. Posso mostrar, se você quiser.

— Eu quero, mas não por não acreditar em você — disse o xerife John. — Eu só gostaria de dar uma olhada. Você é absurdamente qualificado para o emprego de vigia noturno, mas se quiser mesmo pode começar hoje às onze. O horário é das onze às seis.

— Eu quero — disse Tim.

— Tudo certo.

— Só isso?

— Eu também sou um homem que confia nos instintos e estou contratando um vigia noturno, não um segurança de carro-forte da Brinks, então, sim, só isso. Não precisa se apresentar às dez, como combinamos ontem. Pode dormir um pouco mais e chegar ao meio-dia. A policial Gullickson vai te explicar tudo. Não vai demorar. Não é ciência aeroespacial, como dizem por aí, se bem que é capaz de você ver

uns foguetes na Main Street nos sábados à noite, depois que os bares fecharem.

— Tudo bem. Obrigado.

— Vamos ver o quanto você vai agradecer depois que terminar a primeira semana. Mais uma coisa. Você não está vinculado ao Departamento do Xerife e não tem autorização pra carregar uma arma. Se der de cara com uma situação que não pode resolver ou que considere perigosa, terá que chamar a central pelo rádio. Está combinado assim?

— Está.

— É melhor mesmo, sr. Jamieson. Se eu descobrir que você anda armado, você vai ter que fazer as malas.

— Entendido.

— Então descanse. Você está prestes a se tornar uma criatura noturna.

Como o conde Drácula, pensou Tim. Ele desligou o telefone, pendurou o aviso de NÃO PERTURBE na porta, puxou a cortina fina e velha, programou o celular e voltou a dormir.

## 9

A policial Wendy Gullickson, uma das funcionárias de meio período do xerife, era dez anos mais nova do que Ronnie Gibson e era linda, mesmo com o cabelo louro preso em um coque tão apertado que parecia gritar. Tim não fez nenhuma tentativa de agradá-la: ficou claro que ela estava com o escudo erguido, e bem erguido. Ele se perguntou por um momento se ela tinha outra pessoa em mente para o emprego de vigia noturno, talvez um irmão ou o namorado.

Ela deu a Tim um mapa do bairro não tão comercial de DuPray, um rádio portátil de pendurar no cinto e um relógio que também ficaria

preso no cinto. Não era à pilha, a policial Gullickson explicou: ele tinha que dar corda no começo de cada turno.

— Aposto que era coisa moderna em 1946 — comentou Tim. — Achei bem legal. Meio retrô.

Ela não sorriu.

— Clique no relógio no Pequeno Motor do Fromie Vendas e Serviços e depois no depósito ferroviário na ponta oeste da rua principal. São dois quilômetros e meio de uma ponta a outra. Ed Whitlock fazia quatro circuitos por turno.

O que resultava em vinte quilômetros.

— Não vou precisar ir aos Vigilantes do Peso, isso é certo.

Nada de sorriso ainda.

— Ronnie Gibson e eu vamos criar um planejamento. Você vai ter duas noites de folga por semana, provavelmente nas segundas e terças. A cidade fica muito tranquila depois do fim de semana, mas talvez às vezes a gente precise realocar você. Isso se você ficar, é claro.

Tim cruzou as mãos na barriga e observou-a com um meio sorriso.

— Você tem algum problema comigo, policial Gullickson? Se tiver, fale agora ou cale-se para sempre.

Como ela tinha a pele branca no estilo nórdico, não deu para esconder o rubor quando surgiu nas bochechas. Ela ficou ainda mais bonita, mas ele achou que ela devia odiar aquilo mesmo assim.

— Não sei se tenho ou não. Só o tempo dirá. Nós formamos um bom grupo. Pequeno, mas bom. Somos unidos. Você é só um cara que veio de fora e arrumou um emprego. Os moradores brincam por causa do vigia noturno, e Ed levava as brincadeiras numa boa, principalmente numa cidade com uma força policial tão pequena quanto a nossa.



— É melhor prevenir do que remediar — disse Tim. — Como meu avô sempre dizia. Ele foi vigia noturno, policial Gullickson. Foi por isso que me candidatei à vaga.

Talvez isso a tivesse amolecido um pouco.

— Quanto ao relógio, concordo que é arcaico. Só posso dizer pra você se acostumar. Ser vigia noturno é um trabalho analógico em uma era digital. Ao menos em DuPray.

## 10

Tim descobriu em pouco tempo o que ela quis dizer. Ele era basicamente um policial de ronda de mais ou menos 1954, só que sem arma e sem cassetete. Ele não tinha poder de prisão. Alguns dos estabelecimentos comerciais maiores da cidade eram equipados com dispositivos de segurança, mas a maioria das lojas menores não tinha esse tipo de tecnologia. Em lugares como a DuPray Comércio e a Drogaria Oberg, Tim verificava se as luzes verdes de segurança estavam acesas e se não havia sinal de invasão. Nas menores, mexia em maçanetas, espiava pelo vidro e dava a batida tripla tradicional. De vez em quando, isso gerava resposta, um aceno ou algumas palavras, mas na maioria das vezes não, e não havia problema. Ele fazia uma marca de giz e seguia em frente. O procedimento era o mesmo no trajeto de volta, mas dessa vez apagando as marcas ao passar. O processo todo o fazia se lembrar de uma piada irlandesa antiga: *Se você chegar lá primeiro, Paddy, faz uma marca de giz na porta. Se eu chegar primeiro, eu apago.* Não parecia haver motivo prático para as marcas: era simplesmente tradição, datando talvez dos dias da reconstrução, passando por uma longa cadeia de vigias noturnos.

Graças a um dos policiais de meio período, Tim encontrou um lugar decente para morar. George Burkett disse que sua mãe tinha um apartamentinho mobiliado em cima da garagem que poderia alugar barato, caso ele estivesse interessado.

— São só dois aposentos, mas é bem legal. Meu irmão morou lá dois anos antes de se mudar para a Flórida. Foi para aquele parque Universal em Orlando. Ganha um salário decente.

— Que bom.

— É, mas o preço que cobram pelas coisas na Flórida... Uau, sem noção. Mas tenho que avisar, Tim, se você quiser o apartamento não vai poder ouvir música alta tarde. Minha mãe não gosta de música. Ela não gostava nem do banjo que o Floyd tocava o tempo todo. Ela e meu irmão discutiam muito por causa disso.

— George, eu raramente vou estar em casa à noite.

O policial Burkett, com vinte e poucos anos, gentil e alegre, sem as luzes da inteligência inata, se animou com isso.

— É verdade, me esqueci desse detalhe. Além de tudo, tem um Carrier pequeno lá, não é grande coisa, mas dá pra deixar a casa fresca pra você dormir, ou ao menos deixava para o Floyd. Está interessado?

Tim estava, e, embora o ar-condicionado não servisse para muita coisa, a cama era confortável, a sala, aconchegante, e o chuveiro não pingava. A cozinha não passava de um micro-ondas e uma chapa elétrica, mas ele fazia a maioria das refeições no Restaurante da Bev mesmo, então tudo bem. E o aluguel era insuperável: setenta dólares por semana. George tinha descrito a mãe como um dragão, mas a sra. Burkett acabou se mostrando uma boa alma com um sotaque sulista tão carregado que ele só entendia metade do que ela dizia. Às vezes ela deixava um pedaço

de pão de milho ou uma fatia de bolo embrulhada em papel-manteiga na porta dele. Era como ter uma elfa sulista como senhoria.

Norbert Hollister, o dono com cara de rato do hotel, estava certo sobre o Depósito e Armazenamento DuPray: havia sempre gente de menos trabalhando lá e eles sempre estavam contratando. Tim acreditava que, em lugares em que o trabalho manual era recompensado pelo menor salário por hora permitido por lei (na Carolina do Sul, sete dólares e vinte e cinco centavos por hora), a rotatividade era alta. Ele foi falar com o patrão, Val Jarrett, que estava disposto a contratá-lo três horas por dia, começando às oito da manhã, o que dava tempo a Tim para se lavar e fazer uma refeição depois de terminar seu período de vigia noturno. E assim, além do compromisso na noite, ele mais uma vez se viu carregando e descarregando.

São as voltas que o mundo dá, disse ele para si mesmo. As voltas que o mundo dá. E só por um tempo.

## 11

Conforme o tempo na cidadezinha sulista ia passando, Tim Jamieson caiu em uma rotina tranquila. Ele não tinha intenção de ficar em DuPray pelo resto da vida, mas conseguia se ver ali até o Natal (talvez montando uma arvorezinha artificial no apartamentinho em cima da garagem), quem sabe até durante o verão. Não era um oásis cultural, e ele entendia por que os jovens viviam loucos para fugir do tédio monocromático, mas Tim gostava. Tinha certeza de que aquele sentimento mudaria com o tempo, mas no momento estava bom.

Ele acordava às seis da tarde. Jantava no Bev, às vezes sozinho, às vezes com algum policial. Fazia rondas de vigia durante as sete horas



seguintes. Tomava o café da manhã no Bev. Dirigia uma empilhadeira no Depósito e Armazenamento DuPray até as onze. Almoçava um sanduíche com uma coca ou um chá gelado na sombra do depósito ferroviário. Voltava para casa e dormia até as seis. Nos dias de folga, às vezes dormia até doze horas seguidas. Leu livros de mistério de John Grisham e toda a série *As crônicas de gelo e fogo*. Era fã de Tyrion Lannister. Tim sabia que havia uma série de televisão baseada nos livros do Martin, mas não sentia necessidade de assistir, pois sua imaginação lhe proporcionava todos os dragões de que precisava.

Na época de policial, se familiarizou com o lado noturno de Sarasota, tão diferente dos dias de sol e surfe da cidade de veraneio quanto o sr. Hyde era do dr. Jekyll. O lado noturno costumava ser repugnante e às vezes perigoso, e, apesar de ele nunca ter aceitado usar aquela gíria odiosa da polícia para viciados mortos e prostitutas abusadas — NHE, nenhum humano envolvido —, dez anos na força policial o transformaram em um cínico. Às vezes, ele levava aqueles sentimentos para casa (que tal *com frequência?*, dizia para si mesmo quando estava disposto a ser honesto), o que acabou se tornando parte da acidez que corroeu o casamento. Ele achava que esses sentimentos também foram um dos motivos de ter ficado tão irredutível à ideia de ter um filho. Havia coisa ruim demais por aí. Muitas coisas que podiam dar errado. Um jacaré em um campo de golfe era a menor delas.

Quando aceitou o trabalho de vigia noturno, não conseguia imaginar que uma cidade de cinco mil e quatrocentas pessoas (boa parte vivendo nas áreas rurais) podia ter um lado noturno, mas DuPray tinha e Tim descobriu que gostava dele. As pessoas que encontrava no lado noturno eram a melhor parte do trabalho.

Havia a sra. Goolsby, com quem ele trocava acenos e cumprimentos baixos na maioria das noites, quando começava a primeira ronda. Ela ficava sentada no balanço da varanda, indo para a frente e para trás, bebendo em um copo o que poderia ser uísque, refrigerante ou chá de camomila. Às vezes, ela ainda estava lá na volta. Foi Frank Potter, um dos policiais com quem às vezes jantava na Bev, quem contou que a sra. G. tinha perdido o marido um ano antes. O caminhão de Wendell Goolsby derrapou pela lateral de uma rodovia no Wisconsin durante uma tempestade de neve.

— Addie ainda não tem nem cinquenta anos, mas ela e Wen foram casados por muito, muito tempo mesmo assim — explicou Frank. — Se casaram quando nenhum dos dois tinha idade pra votar ou pra beber. Como naquela música do Chuck Berry que fala do casamento adolescente. Esse tipo de relação não costuma durar, mas a deles durou.

Tim também conheceu a Órfã Annie, uma sem-teto que muitas noites dormia em um colchão inflável no beco entre o Departamento do Xerife e a DuPray Comércio. Ela também tinha uma pequena barraca em um campo atrás do depósito ferroviário e, quando chovia, dormia lá.

— O verdadeiro nome dela é Annie Ledoux — contou Bill Wicklow quando Tim perguntou sobre ela. Bill era o mais velho dos policiais de DuPray, um funcionário de meio período que parecia conhecer todo mundo da cidade. — Ela dorme naquele beco há anos. Prefere ficar lá do que na barraca.

— O que ela faz quando chega o frio? — perguntou Tim.

— Vai pra Yemassee, na maioria das vezes levada por Ronnie Gibson. Elas têm um parentesco qualquer, são primas de terceiro grau, se não me engano. Tem um abrigo pra pessoas sem-teto lá. Annie diz que só usa em



último caso, porque é cheio de gente maluca. Eu digo: olha quem está falando, amiga.

Tim conferia o esconderijo do beco uma vez por noite, e foi à barraca dela um dia depois do turno no armazém, mais por pura curiosidade. Na frente, havia três bandeiras em varas de bambu cravadas na terra: a dos Estados Unidos, a dos Estados Confederados e uma que Tim não reconheceu.

— É a bandeira da Guiana — explicou ela quando ele perguntou. — Encontrei na lata de lixo atrás do Zoney's. Bonita, né?

Ela estava sentada em uma cadeira coberta de plástico transparente, tricotando um cachecol que parecia comprido o suficiente para servir em um dos gigantes de George R.R. Martin. Ela foi bem simpática e não exibiu sinal do que um dos colegas de Tim em sua época de policial de Sarasota chamava de “síndrome paranoica do sem-teto”, embora fosse fã de programas de entrevista noturnos de rádio na WMDK e a conversa às vezes seguisse por caminhos estranhos, que levavam a discos voadores, trocas de almas e possessão demoníaca.

Uma noite, ao encontrá-la ouvindo o radinho, reclinada no colchão de ar no beco, ele perguntou por que ela ficava lá quando tinha uma barraca que aparentava estar em perfeitas condições. A Órfã Annie, que talvez tivesse sessenta anos, talvez oitenta, olhou para ele como se fosse maluco.

— Aqui eu estou perto da polícia. Você sabe o que tem atrás do depósito e dos armazéns, sr. J.?

— Uma floresta, eu acho.

— Uma floresta e um pântano. Quilômetros de brejo e lama e plantas que vão até a Geórgia. Tem *bichos* lá e alguns seres humanos malvados também. Quando está chovendo e tenho que ficar na barraca, eu digo pra

mim mesma que nada vai acontecer durante uma tempestade, mas não durmo bem mesmo assim. Eu tenho uma faca e deixo ela por perto, mas não acho que ajudaria muito contra um rato de pântano gigante.

Annie era magra a ponto de estar cadavérica, e Tim começou a levar pequenos lanches do Bev para ela, antes de começar seu pequeno turno carregando e descarregando no complexo de armazéns. Às vezes era um saco de amendoins ou torresmo Mac's, às vezes uma moon pie ou uma torta de cereja. Uma vez foi um frasco de pickles Wickles que ela agarrou e segurou entre os seios murchos, rindo de prazer.

— Wickies! Não como um Wicky desde que Hector era filhote! Por que você é tão bondoso comigo, sr. J.?

— Não sei — respondeu Tim. — Acho que é só porque eu gosto de você, Annie. Posso experimentar um?

Ela entregou o frasco para ele.

— Claro. Você vai ter que abrir mesmo, minhas mãos doem muito por causa da artrite. — Ela esticou as mãos e mostrou dedos tão retorcidos que cada um parecia um pedaço de galho. — Ainda consigo tricotar e costurar, mas só o Senhor sabe até quando.

Ele abriu o frasco, fez uma leve careta pelo cheiro intenso de vinagre e pegou um dos pickles. Estava pingando uma coisa que poderia ser até formaldeído, pelo que ele sabia.

— Devolve, devolve!

Ele entregou o frasco para ela e comeu os pickles.

— Meu Deus, Annie, acho que a minha boca nunca mais vai desinchar.

Ela riu e exibiu os poucos dentes que restavam.

— Fica melhor com pão e manteiga e um RC bem gelado. Ou com uma cerveja, mas não bebo mais isso.

— O que é isso que você está tricotando? Um cachecol?

— O Senhor não virá com suas próprias vestimentas — respondeu Annie. — Agora vai, sr. J., e faz seu trabalho. Fique de olho em homens em carros pretos. O George Allman, do rádio, fala sobre eles o tempo todo. Você sabe de onde *eles* vêm, não sabe?

Ela olhou para ele com sabedoria. Talvez estivesse brincando. Talvez não. Com a Órfã Annie, era difícil saber.

Corbett Denton era outro habitante do lado noturno de DuPray. Ele era o barbeiro da cidade e era conhecido pelos moradores como O Baterista por causa de alguma façanha adolescente que ninguém parecia saber direito, só que tinha resultado em um mês de suspensão na escola da região. Talvez fosse louco em seus anos dourados, mas isso tinha ficado bem para trás. O Baterista tinha agora cinquenta e tantos anos, ou talvez sessenta e poucos, e estava acima do peso, calvo e insone. Quando não conseguia dormir, ele se sentava no degrau da entrada da barbearia e ficava olhando a rua principal vazia de DuPray. Vazia exceto por Tim. Eles tinham as conversas incoerentes típicas de meros conhecidos — o tempo, o beisebol, o Bazar de Calçada de Verão anual da cidade —, mas uma noite Denton disse uma coisa que deixou Tim em alerta amarelo.

— Sabe, Jamieson, essa vida que achamos que levamos não é real. Não passa de uma brincadeira de sombras e eu vou ficar bem feliz quando as luzes se apagarem. No escuro, todas as sombras desaparecem.

Tim se sentou no degrau embaixo do poste de barbeiro, a espiral infinita agora parada durante a noite. Ele tirou os óculos, limpou as lentes na camisa e os colocou de volta.

— Permissão pra falar abertamente?

O Baterista Denton jogou na vala o cigarro, que soltou algumas fagulhas.



— Vá em frente. Entre a meia-noite e as quatro, todo mundo deveria ter permissão de falar abertamente. É a minha opinião, pelo menos.

— Você fala como um homem que sofre de depressão.

O Baterista riu.

— Ora, ora, temos um Sherlock Holmes aqui.

— Você devia ir ver o dr. Roper. Existem comprimidos que podem melhorar sua atitude. Minha ex toma. Se bem que se livrar de mim deve ter deixado ela melhor ainda.

Tim sorriu para mostrar que era piada, mas O Baterista Denton não sorriu de volta, só se levantou.

— Eu conheço os comprimidos, Jamieson. São como álcool e erva. Devem ser tipo o ecstasy que os jovens tomam hoje em dia quando vão a essas raves ou sei lá como se chamam. Essas coisas fazem você acreditar por um tempo que tudo é real. Que importa. Mas não é real e não importa.

— Para com isso — disse Tim, baixinho. — Isso não é jeito de viver.

— Na minha opinião, é o único jeito de viver — rebateu o barbeiro, e saiu andando na direção da escada que levava ao apartamento acima da barbearia, em uma cadência lenta e arrastada.

Tim ficou olhando para ele, inquieto. Achava que O Baterista Denton era um daqueles sujeitos que poderiam decidir se matar em uma noite chuvosa. Talvez levasse o cachorro junto, se tivesse um. Cogitou conversar com o xerife John, mas pensou em Wendy Gullickson, que ainda não tinha amolecido muito. A última coisa que queria era que ela ou algum outro policial achasse que ele estava indo longe demais. Ele não era mais um agente da lei, só o vigia noturno da cidade. Era melhor deixar pra lá.

Mas O Baterista Denton nunca saiu de sua cabeça.

Em uma das rondas noturnas perto do final de junho, Tim viu dois garotos andando na direção oeste pela Main Street com mochilas nas costas e lancheiras nas mãos. Eles poderiam estar indo para a escola, se não fossem duas horas da manhã. No fim das contas, os andarilhos noturnos eram os gêmeos Bilson. Estavam com raiva dos pais, que se recusaram a levá-los à Feira Agrícola de Dunning porque os últimos boletins tinham sido inaceitáveis.

— Nós tiramos quase só C e não repetimos em nada — disse Robert Bilson. — Passamos de ano. O que tem pra se ficar com raiva nisso?

— Não está certo — concordou Roland Bilson. — Nós vamos chegar na feira de manhã cedo e arrumar trabalho. Ficamos sabendo que sempre precisam de mique.

Tim pensou em dizer que a palavra correta era muque, mas decidiu que não fazia sentido.

— Meninos, odeio ser estraga-prazeres, mas vocês têm quantos anos? Onze?

— Doze! — disseram os dois ao mesmo tempo.

— Tudo bem, doze. Falem baixo, tem gente dormindo. Ninguém vai contratar vocês na feira. O que vão fazer é enfiar vocês na Cadeia de Um Dólar até seus pais aparecerem. Até lá, vocês vão ficar mofando no meio da feira. Só vai aparecer gente pra olhar pra vocês, e alguns talvez atirem amendoins e torresmo.

Os gêmeos Bilson olharam para ele com consternação (e talvez um certo alívio).

— Vocês vão fazer o seguinte — prosseguiu Tim. — Vão voltar pra casa agora e eu vou andando atrás, só pra garantir que não mudem de ideia na mente coletiva de vocês.

— O que é mente coletiva? — perguntou Robert.

— Uma coisa que dizem que os gêmeos têm, pelo menos de acordo com as lendas. Vocês usaram a porta ou pularam uma janela?

— Janela — disse Roland.

— Tudo bem, então voltem por ela. Se tiverem sorte, seus pais nem vão perceber que vocês saíram.

— Você não vai contar? — perguntou Robert.

— Não, a não ser que eu veja vocês dois tentando de novo — respondeu Tim. — Aí não só eu vou contar o que vocês fizeram, mas também que vocês me desafiaram quando peguei vocês.

— Nós não fizemos isso! — exclamou Roland, chocado.

— Eu vou mentir — disse Tim. — Sou bom nisso.

Ele seguiu os dois irmãos e viu Robert Bilson fazer escadinha com as mãos para ajudar Roland a entrar pela janela aberta. Tim fez o mesmo para Robert. Ele esperou para ver se alguma luz se acenderia, sinalizando a iminente descoberta dos candidatos a fujões, mas como nada aconteceu voltou para a ronda.

Havia mais gente nas ruas nas noites de sexta e de sábado, pelo menos até meia-noite ou uma da manhã. Em geral, casais namorando. Depois, talvez houvesse uma invasão do que o xerife John chamava de foguetes de rua: jovens dentro de carros ou picapes envenenados rodando em disparada pela deserta rua principal de DuPray, a cem, cento e dez quilômetros por hora, correndo lado a lado e acordando as pessoas com o estrondo teimoso dos silenciadores. Às vezes um policial municipal ou estadual perseguia um deles e multava (ou botava na cadeia, se o



bafômetro desse acima de 0,9). De qualquer maneira, mesmo com quatro policiais de DuPray de serviço à noite durante a semana, as prisões eram relativamente raras. Em geral, os foguetes se safavam.

Tim foi ver a Órfã Annie e a encontrou sentada do lado de fora da barraca, tricotando chinelos. Com ou sem artrite, aqueles dedos se moviam como um relâmpago. Ele perguntou se ela gostaria de ganhar vinte dólares. Annie disse que um pouco de dinheiro era sempre útil, mas dependeria do serviço. Ele contou e ela riu.

— Fico feliz em ajudar, sr. J. Se você incluir uns frascos de Wickles, claro.

Annie, cujo lema parecia ser faz direito ou não faz, confeccionou uma faixa de nove metros de comprimento e dois de largura, que Tim prendeu a um rolo de aço que ele mesmo fez soldando pedaços de canos na oficina do Pequeno Motor do Fromie Vendas e Serviços. Depois de explicar ao xerife John o que queria fazer e de receber permissão para tentar, Tim e Tag Faraday penduraram o rolo em um cabo acima da interseção tripla da Main Street, firmando o cabo nas fachadas da Drogeria Oberg de um lado e do falecido cinema do outro.

Nas noites de sexta e de sábado, por volta do horário de fechamento dos bares, Tim puxava uma corda que desdobrava a faixa como uma cortina de janela. Dos dois lados, Annie tinha desenhado uma câmera antiquada com flash. A mensagem embaixo dizia **VAI DEVAGAR, SEU IDIOTA! ESTAMOS FOTOGRAFANDO SUA PLACA!**

Eles não estavam fotografando nada, é claro (embora Tim anotasse os números quando conseguia decifrá-los), mas a faixa de Annie pareceu dar resultado. Não era perfeita, mas o que na vida era?

No começo de julho, o xerife John chamou Tim até a sua sala. Tim perguntou se estava encrencado.

— Pelo contrário — disse o xerife John. — Você está fazendo um bom trabalho. Aquela coisa da faixa pareceu maluquice, mas tenho que admitir que me enganei e você estava certo. Nunca foram as corridas da meia-noite que me incomodaram, nem as pessoas reclamando que éramos preguiçosos demais para acabar com elas. As mesmas pessoas, veja bem, que votam contra o aumento na folha de pagamento da força policial ano após ano. O que me incomodava era a sujeira que tínhamos que limpar quando um desses corredores acertava uma árvore ou um poste. Gente morta é ruim, mas os que nunca mais são os mesmos depois de uma noite de farra... acho que às vezes são piores. Mas junho foi bom este ano. Melhor do que bom. Talvez só uma exceção da regra, mas acho que não. Desconfio que foi a faixa. Pode dizer pra Annie que ela talvez tenha salvado algumas vidas com isso e que, assim que o tempo frio chegar, ela pode dormir em uma das celas dos fundos em qualquer noite que quiser.

— Pode deixar — garantiu Tim. — Faça um estoque de Wickles, e ela vai aparecer com frequência.

O xerife John se encostou. A cadeira gemeu com mais desespero do que nunca.

— Quando falei que você era qualificado demais pro trabalho de vigia noturno, eu não sabia nem metade da história. Nós vamos sentir sua falta quando você for pra Nova York.

— Não estou com pressa — disse Tim.

O único comércio da cidade que ficava aberto vinte e quatro horas era o Zoney's Go Mart, perto do complexo de armazéns. Além de cerveja,

refrigerante e batata frita, o Zoney's vendia uma gasolina genérica chamada Go Juice. Dois belos irmãos somalis, Absimil e Gutaale Dobira, se alternavam no turno da madrugada, que ia da meia-noite às oito da manhã. Em uma madrugada quente de meados de julho, quando estava marcando com giz e batendo em portas pelo lado oeste da rua principal, Tim ouviu um estampido vindo das proximidades do Zoney's. Não foi muito alto, mas Tim sabia reconhecer um tiro quando ouvia. Em seguida, escutou um grito de dor ou de raiva e o som de vidro quebrando.

Tim saiu correndo, o relógio batendo na coxa, a mão procurando automaticamente a coronha de uma arma que não portava mais. Ele viu um carro estacionado junto às bombas e, quando se aproximou da loja de conveniência, dois jovens saíram correndo lá de dentro, um deles com um punhado de alguma coisa que devia ser dinheiro. Tim se apoiou em um joelho e viu os jovens entrarem no carro e saírem em disparada, os pneus soltando nuvens de fumaça azul no asfalto manchado de óleo e graxa.

Ele tirou o rádio do cinto.

— Estação, aqui é o Tim. Quem estiver aí, responda.

Era Wendy Gullickson, com uma voz sonolenta e irritada.

— O que você quer, Tim?

— Houve um dois-onze no Zoney's. Um disparo foi dado.

Isso a despertou.

— Meu Deus, roubo? Estarei aí ag...

— Não, me escuta. Dois elementos, sexo masculino, brancos, adolescentes ou com vinte e poucos anos. Carro compacto. Pode ser um Chevy Cruze, não tive como identificar a cor embaixo das lâmpadas fluorescentes do posto, mas era um modelo antigo, placa da Carolina do Norte, começa com WTB-9, não identifiquei os três dígitos finais. Chama



quem estiver patrulhando e a Polícia Estadual antes de fazer *qualquer outra coisa!*

— O que...

Ele desligou, botou o rádio no lugar e correu em disparada para o Zoney's. O vidro da bancada estava quebrado, e a registradora, aberta. Um dos irmãos Dobira estava caído de lado, gemendo em uma poça de sangue. Ele estava com dificuldade de respirar, cada inspiração terminando em um assovio. Tim se ajoelhou ao lado dele.

— Vou ter que deitar você de costas, sr. Dobira.

— Por favor, não... dói...

Tim tinha certeza de que doía, mas precisava ver o estrago. A bala atingira o alto do lado direito do uniforme azul de Dobira, que agora estava de um roxo sujo por causa do sangue. Havia um filete saindo da boca e encharcando o cavanhaque. Quando ele tossiu, borrifou o rosto e os óculos de Tim com gotículas.

Tim pegou o rádio de novo e ficou aliviado ao constatar que Gullickson não tinha saído do posto.

— Precisamos de uma ambulância, Wendy. O mais rápido que for possível chegar de Dunning. Um dos irmãos Dobira está ferido, parece que a bala raspou no pulmão.

Ela respondeu que tinha entendido e começou a fazer uma pergunta. Tim voltou a interrompê-la, largou o rádio no chão e tirou a camisa que estava usando. Depois a apertou no buraco no peito de Dobira.

— Você pode segurar isto por uns segundos, sr. Dobira?

— Difícil... respirar.

— Tenho certeza de que está mesmo. Segura. Vai ajudar.

Dobira apertou a camiseta dobrada contra o peito. Tim achava que ele não conseguiria segurar por muito tempo e não podia contar com a

chegada da ambulância para antes de vinte minutos. Mesmo esse tempo seria um milagre.

Lojas de conveniência de postos de gasolina costumam ter muitas coisas para comer e poucas de primeiros socorros. Mas Tim encontrou vaselina. Pegou um frasco e, no corredor seguinte, uma caixa de Huggies, que abriu enquanto corria até o homem no chão. Tirou a camiseta agora encharcada de sangue, puxou delicadamente o uniforme também encharcado e começou a desabotoar a camisa que Dobira estava usando por baixo.

— Não, não, não — gemeu Dobira. — Dói, não toca, por favor.

— Não tenho escolha. — Tim ouviu um motor se aproximando. Luzes azuis começaram a cintilar e a dançar nos cacos de vidro quebrado. Ele não olhou. — Aguenta firme, sr. Dobira.

Ele pegou um pouco de vaselina no frasco e colocou no ferimento. Dobira gritou de dor e olhou para Tim com olhos arregalados.

— Consigo respirar... um pouco melhor.

— É só um paliativo. De qualquer maneira, se sua respiração está melhor, você não teve falência do pulmão.

Pelo menos não completamente, pensou Tim.

O xerife John entrou e se ajoelhou ao lado de Tim. Estava com uma camisa de pijama do tamanho de uma vela por cima da calça do uniforme e com o cabelo totalmente desganhado.

— Você chegou rápido — observou Tim.

— Eu estava acordado. Não consegui pegar no sono e estava preparando um sanduíche quando Wendy ligou. O senhor é Gutaale ou Absimil?

— Absimil, senhor. — Ele ainda estava chiando, mas a voz estava mais forte. Tim pegou uma das fraldas descartáveis ainda dobrada e

pressionou no ferimento. — Ah, isso doeu.

— A bala entrou e saiu ou ainda está aí dentro? — perguntou o xerife John.

— Não sei e não quero ter que virá-lo de novo para descobrir. Ele está relativamente estável, então acho melhor esperarmos a ambulância.

O rádio de Tim estalou. O xerife John o pegou com cuidado no meio do vidro quebrado.

— Tim? Bill Wicklow viu os caras na estrada Deep Meadow e conseguiu pará-los.

— Aqui é o John, Wendy. Diz pro Bill ter cuidado. Eles estão armados.

— Eles estão dominados, isso sim. — Wendy podia estar sonolenta antes, mas agora estava totalmente desperta e parecendo satisfeita. — Eles tentaram sair correndo e largar o carro. Um está com o braço quebrado e o outro está algemado na grade da viatura de Bill. A Polícia Estadual está a caminho. Diz pro Tim que ele acertou sobre ser um Cruze. Como está Dobira?

— Ele vai ficar bem — disse o xerife John.

Tim não tinha tanta certeza, mas entendia que o xerife estava falando tanto com o homem ferido quanto com a policial Gullickson.

— Eu dei pra eles o dinheiro da registradora — disse Dobira. — É o que nos ensinam a fazer.

Ele parecia envergonhado mesmo assim. *Profundamente* envergonhado.

— Foi a coisa certa — disse Tim.

— O que estava com a arma atirou em mim assim mesmo. E o outro quebrou o balcão. Pra pegar... — Mais tosse.

— Pss — fez o xerife John.



— Pra pegar os bilhetes de loteria — completou Absimil Dobira. — Aqueles de raspadinha. A gente precisa conseguir eles de volta. Até serem comprados, são propriedade do... — Ele soltou uma tosse fraca. — Do Estado da Carolina do Sul.

— Fique quieto, sr. Dobira. Pare de se preocupar com essas porcarias de raspadinhas e poupe suas energias — disse o xerife John.

O sr. Dobira fechou os olhos.

## 15

No dia seguinte, enquanto Tim estava almoçando na varanda do depósito ferroviário, o xerife John chegou no seu veículo particular. Ele subiu a escada e olhou para o assento de vime da outra cadeira, que estava vago.

— Acha que isso aí me aguenta?

— Só tem um jeito de descobrir — respondeu Tim.

O xerife John se sentou com cuidado.

— O hospital disse que Dobira vai ficar bem. O irmão, Gutaale, está com ele e contou que já viu aqueles dois cretinos antes. Algumas vezes.

— Tinham ido mapear o local — deduziu Tim.

— Sem dúvida. Mandeí Tag Faraday pegar o depoimento dos dois irmãos. Tag é o melhor que eu tenho, mas acho que eu nem precisava dizer isso pra você.

— Gibson e Burkett não são ruins.

O xerife John suspirou.

— Não, mas nenhum dos dois teria agido tão rápido nem com tanta convicção quanto você ontem à noite. E a pobre Wendy provavelmente ficaria lá parada olhando, isso se não desmaiasse na hora.

— Ela é excelente no atendimento — disse Tim. — Foi feita para a função. É só a minha opinião, sabe.

— Aham, aham, e fera na organização. Ela reorganizou todos os nossos arquivos no ano passado e armazenou tudo em pendrives. Só que na rua ela é quase inútil. Mas ama fazer parte da equipe. O que você acharia de fazer parte da equipe, Tim?

— Acho que você não tem fundos pra pagar o salário de mais um policial. Por acaso teve um aumento nos recursos da noite pro dia?

— Quem me dera. Mas Bill Wicklow vai entregar o distintivo no fim do ano. Eu estava pensando que você e ele podiam trocar de função. Ele anda por aí e bate nas portas, você bota o uniforme e volta a portar uma arma. Perguntei ao Bill. Ele diz que ser vigia noturno seria bom pra ele, ao menos por um tempo.

— Posso pensar?

— Não vejo por que não. — O xerife John se levantou. — Ainda faltam cinco meses pro fim do ano. Mas ficaríamos felizes de ter você conosco.

— Isso inclui a policial Gullickson?

O xerife John sorriu.

— Wendy é difícil de conquistar, mas você avançou um longo caminho nessa estrada ontem à noite.

— É mesmo? E se eu a convidasse pra jantar, o que você acha que ela diria?

— Acho que ela diria sim, desde que você não estivesse pensando em levar ela no Bev. Uma garota bonita daquelas vai esperar o Roundup em Dunning, no mínimo. Talvez o mexicano em Hardeeville.

— Valeu pela dica.

— Não foi nada. Pense no emprego.

— Pode deixar.

Ele pensou. E ainda estava pensando nisso quando o inferno veio à terra numa noite quente mais para o fim do verão.



# O GENIOZINHO

Em uma linda manhã em Minneapolis em abril daquele ano — Tim Jamieson ainda a meses de sua chegada em DuPray —, Herbert e Eileen Ellis estavam sendo levados para o escritório de Jim Greer, um dos orientadores da Escola Broderick para Crianças Excepcionais.

— Luke não está encrencado, está? — perguntou Eileen, assim que se sentaram. — Se está, não disse nada.

— De jeito nenhum — tranquilizou Greer. Ele tinha trinta e poucos anos, cabelo castanho rareando e um rosto compenetrado. Estava usando uma camisa esporte aberta na gola e calça jeans passada. — Olha, vocês sabem como as coisas são aqui, certo? Como as coisas têm que funcionar considerando a capacidade mental dos nossos alunos. Eles são avaliados, mas não *com* notas. Não podem ser. Temos alunos de dez anos com autismo leve que fazem matemática de nível de ensino médio, mas ainda leem no nível de quinto ano. Temos crianças fluentes em até quatro línguas, mas com dificuldade em multiplicar frações. Nós ensinamos todas as matérias e noventa por cento dos alunos e alunas moram aqui. É necessário, porque a maioria vem de todas as partes dos Estados Unidos, sem contar uns dez que são do exterior. Mas centramos nossas atenções em seus talentos especiais, sejam lá quais forem, o que torna o sistema tradicional, em que as crianças avançam do jardim de infância até o terceiro ano do ensino médio, bem inútil pra nós.

— Sabemos disso — disse Herb —, e sabemos que Luke é um garoto inteligente. É por isso que ele está aqui.

O que ele não acrescentou (mas sem dúvida Greer sabia) era que eles não tinham dinheiro para pagar os valores astronômicos da escola. Herb era supervisor em uma fábrica de embalagens, e Eileen era professora de ensino fundamental. Luke era um dos poucos alunos não internos da Brod e um dos *pouquíssimos* bolsistas.

— Inteligente? Não exatamente.

Greer olhou para uma pasta aberta na mesa imaculada, e Eileen teve uma premonição repentina: ou eles seriam convidados a retirar o filho da escola ou a bolsa seria cancelada, o que acabaria forçando a retirada. A anuidade da Brod era de quarenta mil dólares, mais ou menos, aproximadamente a mesma da Harvard. Greer diria que tudo tinha sido um engano, que Luke não era tão inteligente quanto todos acreditavam. Ele era só um garoto normal com leitura bem acima do nível e que parecia lembrar tudo. Eileen sabia, pelo que já tinha lido, que a memória eidética não era exatamente incomum em crianças pequenas: algo entre dez e quinze por cento de todas as crianças normais tinham a capacidade de se lembrar de quase tudo. A pegadinha era que o talento costumava desaparecer quando as crianças passavam à adolescência, e Luke já estava perto disso.

Greer sorriu.

— Vou ser bem direto. Nós temos orgulho de dar aulas para crianças excepcionais, mas nunca tivemos um aluno na Broderick que fosse como Luke. Um dos nossos professores eméritos, o sr. Flint, que já está com oitenta e poucos anos, assumiu a tarefa de ensinar a Luke a história dos Bálcãs, um assunto complexo, mas que oferece muita luz sobre a situação geopolítica atual. É o que diz Flint, pelo menos. Depois da



primeira semana, ele me procurou e disse que a experiência dele com o filho de vocês devia ter sido semelhante à experiência dos anciãos judeus, quando Jesus não só ensinou, como os repreendeu, dizendo que não era o que entrava pela boca que os tornava sujos, mas o que saía dela.

— Estou perdido — admitiu Herb.

— Billy Flint também. Esse é meu ponto.

Greer se inclinou para a frente.

— Tentem me entender agora. Luke absorveu o equivalente a dois semestres de um trabalho de mestrado extremamente difícil em uma única semana e tirou muitas das conclusões que Flint pretendia apresentar quando a preparação histórica adequada tivesse sido feita. Algumas dessas conclusões, Luke argumentou, e de forma bem convincente, eram “sabedoria recebida e não pensamento original”. Se bem que, Flint acrescentou, o garoto fez isso de maneira muito educada. Quase pedindo desculpas.

— Não sei bem o que responder — disse Herb. — Luke não fala muito sobre o que faz na escola porque diz que nós não entenderíamos.

— E isso é bem verdade — disse Eileen. — Eu talvez já tenha sabido alguma coisa sobre o binômio de Newton, mas faz muito tempo.

— Quando Luke vai pra casa, ele parece uma criança como outra qualquer. Depois que faz os deveres e as tarefas de casa, ele liga o X-Box ou joga basquete com o amigo Rolf em frente à garagem. Ele ainda assiste a *Bob Esponja*. — Herb refletiu e acrescentou: — Se bem que normalmente com um livro no colo.

Sim, pensou Eileen. Nos últimos tempos, com *Princípios da sociologia*. Antes disso, William James. Antes disso, o Grande Livro dos A.A. e, antes disso, as obras completas de Cormac McCarthy. Ele lia da mesma forma que vacas criadas livres pastam: indo para onde a grama estivesse

mais verde. Isso era uma coisa que seu marido preferia ignorar, porque a estranheza o assustava. Com ela não era diferente, e esse devia ser um dos motivos para ela não saber nada sobre a aula de Luke sobre a história dos Bálcãs. Ele não contou porque ela não perguntou.

— Nós temos prodígios aqui — disse Greer. — Na verdade, eu classificaria mais de cinquenta por cento do corpo estudantil da Brod como prodígio. Mas eles apresentam limitações. Luke é diferente porque é *global*. Não é uma coisa: é tudo. Acho que ele nunca vai jogar beisebol ou basquete profissional...

— Se ele puxar o meu lado da família, vai ser baixo demais para o basquete. — Herb estava sorrindo. — A não ser que ele seja o próximo Spud Webb, claro.

— Pss — fez Eileen.

— Mas ele joga com entusiasmo — continuou Greer. — Ele gosta, não considera tempo perdido. Não é desajeitado no atletismo. Se dá bem com os colegas. Não é introvertido nem emocionalmente disfuncional de maneira alguma. Luke é um típico garoto americano mais ou menos descolado, que usa camiseta de banda de rock e boné virado pra trás. Pode não ser tão descolado em uma escola normal, a rotina talvez o enlouquecesse, mas acho que até assim se sairia bem: ele simplesmente seguiria com seus estudos sozinho. — Ele acrescentou rapidamente: — Não que vocês fossem querer pagar para ver.

— Não, não. Estamos felizes com ele aqui — disse Eileen. — Muito felizes. E sabemos que ele é um bom garoto. Amamos demais o Luke.

— E ele ama vocês. Já tive várias conversas com Luke e ele deixa isso bem claro. Encontrar uma criança brilhante assim é extremamente raro. Encontrar uma que também é bem ajustada e tem os pés no chão, sendo

capaz de enxergar o mundo externo tão bem quanto o mundo dentro da própria cabeça, é ainda mais difícil.

— Se não tem nada de errado, por que estamos aqui? — perguntou Herb. — Não que eu me importe de ouvir você tecendo elogios ao nosso filho, não pense isso. E, aliás, eu ainda acabo com ele no jogo de basquete, apesar de ele ter um arremesso decente.

Greer se recostou na cadeira. O sorriso desapareceu.

— Vocês estão aqui porque estamos chegando ao limite do que podemos fazer pelo Luke e ele sabe disso. Ele demonstrou interesse em fazer um trabalho universitário um tanto peculiar. Disse que gostaria de se formar em engenharia no Massachusetts Institute of Technology em Cambridge e em inglês na Emerson, do outro lado do rio, em Boston.

— O quê? — perguntou Eileen. — *Ao mesmo tempo?*

— É.

— E o vestibular? — Foi a única coisa em que Eileen conseguiu pensar para dizer.

— Ele vai fazer no mês que vem, em maio. Na North Community High. E vai arrasar nas provas.

Vou ter que preparar o almoço dele, pensou Eileen. Ela tinha ouvido falar que a comida do refeitório da North Comm era horrível.

Depois de um momento de silêncio atônito, Herb se manifestou:

— Sr. Greer, nosso filho tem *doze* anos. Na verdade, fez doze meses passado. Ele pode saber tudo da Sérvia, mas só vai conseguir deixar o bigode crescer daqui a uns três anos. Você... isso...

— Entendo o que vocês estão sentindo e não estaríamos tendo essa conversa se meus colegas de orientação e o resto dos professores não acreditassem que Luke está acadêmica, social e emocionalmente à altura de enfrentar esses desafios. E, sim, nos *dois* campi.



— Não vou mandar um garoto de doze anos para o outro lado do país pra viver no meio de universitários com idade pra beber e ir a bares. Se ele tivesse parentes com quem ficar talvez fosse diferente, mas... — Eileen se deteve.

Greer estava assentindo.

— Eu entendo e concordo totalmente, e Luke sabe que não está pronto pra ficar sozinho, mesmo em um ambiente supervisionado. Ele está bastante ciente disso. Mas está ficando frustrado e infeliz com a situação atual porque está com sede de aprender. Está sedento, na verdade. Não sei que dispositivo fabuloso é esse que ele tem na cabeça, nenhum de nós sabe, e talvez o velho Flint seja quem mais se aproximou quando falou sobre Jesus ensinando os anciãos. Mas, quando tento visualizar, imagino uma máquina enorme e brilhante que só funciona com dois por cento da capacidade. Cinco por cento no máximo. Mas, como é uma máquina *humana*, ele sente... sede.

— Frustrado e infeliz? — perguntou Herb. — Hã. Nós não vemos esse lado dele.

Eu vejo, pensou Eileen. Não o tempo todo, mas às vezes. É quando os pratos tremem ou as portas se fecham sozinhas.

Ela pensou na imagem de Greer da máquina enorme e brilhante, uma coisa grande o suficiente para encher três ou quatro prédios do tamanho de armazéns, e trabalhando fazendo o quê, exatamente? Não mais do que copos de papel ou bandejas de alumínio de fast-food. Eles deviam mais a ele, mas deviam isso?

— E a Universidade de Minnesota? — perguntou ela. — Ou a de Concordia, em St. Paul? Se ele fosse estudar em alguma dessas, poderia continuar morando conosco.

Greer suspirou.

— É a mesma coisa que considerar tirá-lo da Brod e colocá-lo em uma escola normal de ensino médio. Estamos falando de um garoto para quem a escala de QI é inútil. Ele sabe para onde quer ir. Sabe do que precisa.

— Não sei o que podemos fazer a respeito — disse Eileen. — Talvez ele consiga bolsas nesses lugares, mas nós *trabalhamos* aqui. E estamos longe de ser ricos.

— Bom, vamos falar sobre isso — disse Greer.

## 2

Quando Herb e Eileen voltaram para a escola naquela tarde, Luke estava brincando na frente da pista de embarque e desembarque com mais quatro estudantes, dois garotos e duas garotas. Eles estavam rindo e conversando animadamente. Para Eileen, pareciam crianças como outras quaisquer, as garotas de saias com leggings por baixo, os seios começando a despontar, Luke e seu amigo Rolf de calças largas de amarrar (a moda do ano para os rapazes) e camisetas. A de Rolf dizia CERVEJA É PARA PRINCIPIANTES. Ele estava com o violoncelo no estojo acolchoado e parecia estar fazendo pole-dance enquanto falava sobre uma coisa que poderia ter sido o baile de primavera ou o teorema de Pitágoras.

Luke viu os pais, fez uma pausa longa o suficiente para bater o punho no de Rolf, pegou a mochila e entrou no banco de trás do 4Runner de Eileen.

— Os dois — disse ele. — Excelente. A que devo essa honra extraordinária?

— Você quer mesmo estudar em Boston? — perguntou Herb.

Luke não ficou sem jeito: ele riu e balançou os dois punhos no ar.

— Quero! Posso?

Como se pedisse autorização para passar a noite de sexta na casa de Rolf, pensou Eileen, maravilhada. Ela pensou em como Greer tinha expressado o que o filho deles tinha. Ele chamou Luke de *global* e essa era a palavra perfeita. Luke era um gênio que de alguma forma não tinha sido deformado pelo intelecto avantajado. Ele não tinha pudor nenhum em subir no skate e levar o cérebro de um bilhão de dólares por uma calçada íngreme, disparando ladeira abaixo.

— Vamos jantar cedo e conversar — propôs ela.

— Rocket Pizza! — exclamou Luke. — Que tal? Supondo que você tenha tomado seu Prilosec, pai. Tomou?

— Ah, pode acreditar, depois da reunião de hoje, estou com a medicação em dia.

### 3

Eles pediram uma pizza grande de pepperoni, e Luke comeu metade sozinho, junto com três copos grandes de coca, deixando os pais impressionados com seu aparelho digestório e sua bexiga. Luke explicou que tinha falado com o sr. Greer primeiro porque:

— Eu não queria fazer vocês surtarem. Foi uma conversa exploratória básica.

— Você jogou a isca pra ver se o peixe ia fisgar — disse Herb.

— Certo. Joguei verde pra colher maduro. Soltei a isca pra ver quem fisgaria. Deixei no ar pra ver...

— Chega. O sr. Greer explicou como nós talvez possamos ir com você.



— Vocês têm que ir — pediu Luke, com sinceridade. — Eu sou novo demais pra ficar sem meus exaltados e reverenciados pais. Além disso... — Ele olhou para os dois do outro lado dos restos de pizza. — Eu não conseguiria estudar. Morreria de saudade.

Eileen ordenou a seus olhos que não se enchessem de lágrimas, mas claro que se encheram. Herb entregou um guardanapo para ela.

— O sr. Greer... hum... delineou uma situação, por assim dizer... em que nós poderíamos... bem... — disse ela.

— Realocação — resumiu Luke. — Quem quer o último pedaço?

— É todo seu — disse Herb. — Que você não morra antes de ter a oportunidade de fazer essa matrícula maluca.

— *Ménage* de faculdade — disse Luke e riu. — Ele falou com vocês sobre os ex-alunos ricos, não falou?

Eileen colocou o guardanapo na mesa.

— Meu Deus, Lukey, você discutiu as opções financeiras dos seus pais com seu orientador? Quem são os adultos nesta conversa? Estou começando a ficar meio confusa sobre isso.

— Calma, *mamacita*, é que faz sentido. Se bem que minha primeira ideia foi o fundo patrimonial. A Brod tem um enorme, poderia pagar a realocação de vocês com ele e nem sentir, mas os investidores jamais aceitariam, apesar de fazer sentido lógico.

— Faz? — perguntou Herb.

— Ah, faz. — Luke mastigou com entusiasmo, engoliu e tomou um pouco de coca. — Eu sou um investimento. Uma ação com bom potencial de crescimento. É como investir centavos pra colher dólares, certo? É assim que os Estados Unidos funcionam. Os investidores conseguiriam enxergar isso sem problema, mas eles não podem quebrar a caixa cognitiva em que estão.

— Caixa cognitiva — repetiu o pai dele.

— É, você sabe. Uma caixa construída como resultado da dialética ancestral. Talvez até tribal, embora seja meio hilário pensar em uma tribo de investidores. Eles dizem: “Se fizermos isso por ele, talvez ele tenha que fazer por outra criança”. Essa é a caixa. É tipo passada de um para o outro.

— Sabedoria popular — disse Eileen.

— Exatamente, mãe. Os investidores vão passar para os ex-alunos ricos, os que ganharam *muchos* megadólares pensando fora da caixa, mas que ainda amam o azul e branco da Broderick. O sr. Greer vai ser o líder. Pelo menos, espero que seja. O acordo é que eles me ajudem agora e eu ajudo a escola depois, quando estiver rico e famoso. Não faço questão de ser nenhuma dessas coisas, sou classe média até o osso, mas pode ser que eu fique rico mesmo assim, como efeito colateral. Sempre supondo que eu não contraia uma doença nojenta nem morra em um ataque terrorista ou algo assim.

— Não diga coisas que atraiam o sofrimento — disse Eileen e fez o sinal da cruz por cima da mesa suja.

— Superstição, mãe — disse Luke, com indulgência.

— Me aguenta. E limpe a boca. Molho de tomate. Parece que suas gengivas estão sangrando.

Luke limpou a boca.

— De acordo com o sr. Greer — disse Herb —, certos grupos interessados podem mesmo custear o preço de uma realocação e nos sustentar por até um ano e quatro meses.

— Ele contou que as mesmas pessoas que ajudariam financeiramente podem também ajudar você a encontrar um emprego novo? — Os olhos de Luke estavam brilhando. — Um melhor? Porque um dos ex-alunos da

escola é Douglas Finkel. Por acaso ele é dono da American Paper Products e isso se aproxima do seu ponto de interesse. Da sua zona de conforto. Onde a borracha toca no...

— O nome de Finkel foi mencionado — interrompeu Herb. — Só que de forma especulativa.

— Além disso... — Luke se virou para a mãe, os olhos brilhando. — Boston é um mercado que está absorvendo professores. A média salarial inicial pra alguém com a sua experiência chega a sessenta e cinco mil dólares por ano.

— Filho, como você sabe dessas coisas? — perguntou Herb.

Luke deu de ombros.

— Primeiro de tudo pela Wikipédia. Depois, procuro as fontes principais citadas na Wikipédia. Basicamente é uma questão de acompanhar o ambiente. Meu ambiente é a Escola Broderick. Eu conhecia todos os investidores, mas os ex-alunos com grana eu tive que pesquisar.

Eileen esticou o braço por cima da mesa, pegou o que restava da última fatia de pizza da mão do filho e a colocou na travessa de metal com os pedaços de borda que sobraram.

— Lukey, mesmo que isso acontecesse, você não sentiria falta dos seus amigos?

Os olhos dele se enevoaram.

— Sentiria. Principalmente do Rolf. Da Maya também. Mesmo que a gente não possa oficialmente convidar garotas pro baile de primavera, extraoficialmente ela é meu par. Então, sim. *Mas*.

Eles esperaram. O filho, sempre falante e muitas vezes verborrágico, agora parecia ter dificuldades. Ele começou, parou, começou de novo e parou de novo.



— Não sei como dizer. Não sei se *consigo*.

— Tente — encorajou Herb. — Vamos ter muitas discussões importantes no futuro, mas essa é a mais importante até hoje. Então, tente.

Na entrada do restaurante, Richie Rocket fez sua aparição, que era de hora em hora, e começou a dançar “Mambo Number 5”. Eileen viu a figura de traje espacial prateado fazendo sinal para as mesas mais próximas com as mãos enluvadas. Várias criancinhas se juntaram a Richie Rocket, dançando com a música e rindo, enquanto os pais olhavam, tiravam fotos e aplaudiam. Não muito tempo antes, cinco curtos anos antes, Lukey era uma daquelas crianças. Agora ali estavam os três, falando sobre mudanças impossíveis. Eileen não sabia como uma criança como Luke podia ter nascido de um casal como eles, pessoas comuns com aspirações e expectativas comuns, e às vezes desejava que tivesse sido diferente. Às vezes ela odiava o papel que tinha sido atribuído a eles, mas nunca odiava Lukey, jamais odiaria. Ele era seu bebê, seu único.

— Luke? — chamou Herb, baixinho. — Filho?

— É o que vem depois — disse Luke. Ele levantou a cabeça e olhou direto para eles, os olhos iluminados com um brilho que seus pais raramente viam. Luke escondia esse brilho deles porque sabia que os assustava de uma forma que alguns pratos balançando não conseguiam. — Vocês não entendem? *É o que vem depois*. Eu quero ir lá... e aprender... e depois seguir em frente. Aquelas faculdades são como a Brod. Não o objetivo, só degraus *para* o objetivo.

— Que objetivo, querido? — perguntou Eileen.

— *Não sei*. Tem tanta coisa que eu quero aprender e descobrir. Tenho essa coisa na minha cabeça... ela fica procurando... e de vez em quando

fica satisfeita, mas na maioria das vezes não. Às vezes me sinto tão pequeno... tão burro...

— Querido, não. Burro é a última coisa que você é. — Ela tentou pegar a mão dele, mas Luke a afastou, balançando a cabeça. A travessa de pizza tremeu na mesa. Os pedaços de borda foram sacudidos.

— Tem um abismo, tá? Às vezes, eu sonho com ele. Não termina nunca, e é cheio de todas as coisas que eu não conheço. Não sei como um abismo pode ser cheio, é um oxímoro, mas é. Isso faz com que eu me sinta pequeno e burro. Mas tem uma ponte por cima e eu quero andar sobre ela. Quero ficar no meio, levantar as mãos...

Eles ficaram olhando, fascinados e com certo medo, enquanto Luke erguia as mãos para as laterais do rosto estreito e intenso. A travessa de pizza agora estava mais do que tremendo, estava balançando. Como os pratos faziam às vezes nos armários.

— ... e todas aquelas coisas na escuridão vão subir flutuando. *Eu sei.*

A travessa deslizou pela mesa e caiu no chão. Herb e Eileen mal notaram. Essas coisas aconteciam perto de Luke quando ele estava chateado. Não com frequência, mas às vezes. Eles estavam acostumados.

— Eu entendo — disse Herb.

— Entende coisa nenhuma — contestou Eileen. — Nenhum de nós dois entende. Mas você pode ir em frente e começar a preencher a papelada. Faça o SAT, filho. Você pode fazer essas coisas e ainda assim mudar de ideia. Se não mudar, se continuar comprometido... — Ela olhou para Herb, que assentiu. — Nós vamos tentar fazer acontecer.

Luke sorriu e pegou a travessa de pizza. Ele olhou para Richie Rocket.

— Eu dançava assim com ele quando era pequeno.

— Dançava — disse Eileen. Ela precisou usar o guardanapo de novo.

— Dançava mesmo.

— Você sabe o que dizem sobre o abismo, não sabe? — perguntou Herb.

Luke balançou a cabeça, ou porque era uma das raras coisas que ele não sabia, ou porque não queria estragar a frase de efeito do pai.

— Quando você olha pra ele, ele olha pra você.

— Tenho certeza disso — concordou Luke. — Ei, a gente pode comer sobremesa?

#### 4

Incluindo a redação, a prova do SAT durava quatro horas, mas havia um intervalo misericordioso no meio. Luke se sentou em um banco no saguão da escola, comeu os sanduíches preparados por sua mãe e desejou ter um livro. Tinha levado *Almoço nu*, mas um dos fiscais confiscou (junto com o celular dele e o de todo mundo) e disse que devolveria depois. O fiscal também folheou as páginas, procurando fotos pornográficas ou folhas de cola.

Enquanto comia seu cereal Snackimals, Luke observou à sua volta, de pé, vários estudantes que estavam fazendo as provas. Garotos e garotas grandes, do segundo e do terceiro ano do ensino médio.

— Garoto, o que você está fazendo aqui? — perguntou um deles.

— Vim fazer a prova — disse Luke. — Como você.

Eles pensaram a respeito. Uma das garotas perguntou:

— Você é um gênio? Tipo nos filmes?

— Não — disse Luke, sorrindo —, mas eu *até* fiquei no Holiday Inn Express a noite passada.

Todos riram, o que era bom. Um dos garotos mostrou a palma da mão e Luke o cumprimentou dando um tapinha.



— Pra onde você vai? Que faculdade?

— MIT, se eu for aceito — disse Luke.

Mas a resposta não foi totalmente honesta, porque ele já tinha uma admissão provisória nas duas faculdades de sua escolha, desde que se saísse bem na prova daquele dia. O que não seria problema. Até então, a prova tinha sido moleza. Eram os garotos à sua volta que ele achava intimidantes. No outono, estaria em salas de aula cheias de garotos daqueles, bem mais velhos e com cerca do dobro do seu tamanho, e claro que todos ficariam olhando para ele. Luke já tinha discutido o assunto com o sr. Greer e disse que provavelmente pareceria uma aberração aos olhos dos outros.

— É o *seu* sentimento que importa — disse o sr. Greer. — Tente manter isso em mente. E se você precisar de conselhos, só de alguém pra conversar sobre o que sente, pelo amor de Deus, procure. E você sempre pode me mandar mensagens de texto.

Uma das garotas, uma ruiva bonita, perguntou se ele tinha feito a questão do hotel na parte de matemática.

— Aquela sobre o Aaron? — perguntou Luke. — Fiz, claro.

— Qual opção você escolheu? Você lembra?

A questão era sobre como descobrir quanto um cara chamado Aaron teria que pagar pelo quarto de hotel por  $x$  noites se o valor fosse US\$ 99,95 por noite mais 8% de imposto mais uma cobrança adicional única de cinco dólares, e claro que Luke lembrava. Era uma questão meio capciosa por causa do fator *quanto*. A resposta não era um número, era uma equação.

— Era a letra B. Olha. — Ele pegou a caneta e escreveu no embrulho de seu lanche:  $1,08(99,95x) + 5$ .

— Tem certeza? — perguntou ela. — Eu marquei a letra A.

Ela se inclinou, pegou o embrulho de lanche (Luke sentiu o aroma do perfume dela, lilás, delicioso) e escreveu:  $(99,95 + 0,08x) = 5$ .

— Excelente equação — disse Luke —, mas é assim que as pessoas que criam esses testes ferram a gente. — Ele bateu na equação dela. — A sua só reflete a estadia de uma noite. E também não leva em consideração o imposto.

Ela gemeu.

— Tudo bem — consolou Luke. — Você deve ter acertado o resto.

— Pode ser que você esteja errado e ela certa — disse um dos garotos, o mesmo que tinha dado o *high five* na mão de Luke.

Ela balançou a cabeça.

— O garoto está certo. Eu esqueci a porra do imposto. Sou horrível.

Luke a viu sair andando de cabeça baixa. Um dos garotos correu atrás e passou o braço pela cintura dela. Luke sentiu inveja dele.

Um dos outros, um alto usando óculos de marca, se sentou ao lado de Luke.

— É esquisito? — quis saber ele. — Ser você?

Luke pensou na pergunta.

— Às vezes. Geralmente é só uma vida normal mesmo.

Um dos fiscais apareceu na porta e tocou um sino.

— Vamos, crianças.

Luke se levantou com certo alívio e jogou o embrulho do lanche em uma lata de lixo perto da porta do ginásio. Olhou para a ruiva bonita uma última vez e, quando entrou, a lata de lixo deslizou alguns centímetros para a esquerda.

A segunda metade da prova foi tão fácil quanto a primeira, e Luke achou que se saiu razoavelmente na redação. Foi sucinto, pelo menos. Quando deixou a escola, viu a ruiva bonita sentada em um banco sozinha, chorando. Luke se perguntou se ela tinha se afundado na prova e, se sim, o quanto — se foi um desempenho ruim o suficiente apenas para não entrar na primeira escolha de faculdade ou se foi um desempenho ruim o bastante para ter que fazer uma faculdade comunitária. Ele também se perguntou como era ter um cérebro que não parecia saber todas as respostas. Depois se perguntou se devia ir até lá para tentar consolá-la, e se ela aceitaria consolo de um garoto que ainda era basicamente um fedelho. Ela provavelmente o mandaria cair fora. Até se perguntou sobre o jeito como a lata de lixo tinha se movido — aquilo foi sinistro. Ele se deu conta (e com a força de uma revelação) que a vida era basicamente um SAT bem comprido e que, em vez de quatro ou cinco escolhas, havia dezenas. Inclusive merdas como *às vezes e talvez sim, talvez não*.

Ele viu sua mãe acenando. Acenou de volta e correu para o carro. Quando entrou e colocou o cinto, ela perguntou como ele achava que tinha ido.

— Gabaritei — disse Luke.

Ele abriu seu sorriso mais largo, mas não conseguiu parar de pensar na ruiva. O choro tinha sido doloroso, mas o jeito como ela abaixou a cabeça quando ele mostrou o erro na equação — como uma flor em meio a um tempo seco — foi pior.

Ele disse para si mesmo para não pensar no assunto, mas claro que não dava para fazer isso. *Tente não pensar em um urso polar*, Fiódor Dostoiévski disse uma vez, *e você vai ver o maldito surgir na sua mente o tempo todo*.

— Mãe?



— O quê?

— Você acha que a memória é uma bênção ou uma maldição?

Ela nem precisou pensar: Deus sabia do que *ela* estava se lembrando.

— As duas coisas, querido.

## 6

Às duas da madrugada de um dia de junho, enquanto Tim Jamieson batia em portas pela rua principal de DuPray, um SUV preto entrou na Wildersmoot Drive, em um dos subúrbios no lado norte de Minneapolis. Era um nome louco para uma rua, e Luke e seu amigo Rolf a chamavam de Wildersmack Drive, em parte porque deixava o nome mais maluco ainda e em parte porque os dois queriam dar um smack em uma garota, e como queriam.

Dentro do SUV havia um homem e duas mulheres. Ele se chamava Denny, e elas, Michelle e Robin. Denny estava dirigindo. Na metade da silenciosa rua sinuosa, ele apagou as luzes, encostou no meio-fio e desligou o motor.

— Tem certeza de que esse não é TP, né? Porque eu não trouxe meu chapéu de papel-alumínio.

— Ha, ha — fez Robin, em um tom seco. Ela estava no banco de trás.

— Só um TC comum — disse Michele. — Nada pra você precisar tirar a calcinha pela cabeça. Vamos resolver logo isso.

Denny abriu o console entre os dois bancos da frente e pegou um celular que parecia resgatado dos anos 1990: corpo retangular volumoso e antena curta e grossa. Ele entregou o aparelho para Michelle. Enquanto ela digitava o número, ele abriu o fundo falso do console e tirou luvas finas de látex, duas Glocks modelo 37 e uma lata de aerossol

estava são, essa seria a virada de Shyamalan, mas, de acordo com os livros de psicologia que Luke tinha lido, a maioria das pessoas loucas entendiam que estavam loucas. Ele não estava.

Quando era menor (com cinco anos, e não doze), ele teve a mania de colecionar bótons políticos. Seu pai ficou feliz em ajudar com a coleção, porque a maioria dos bótons saía bem em conta no eBay. Luke tinha um fascínio especial (por motivos que não sabia explicar, nem para si mesmo) por bótons de candidatos à presidência que tinham perdido. A febre acabou passando e a maioria dos bótons devia estar guardada no espacinho do sótão ou no porão, mas ele tinha guardado um em particular como talismã de boa sorte: o bóton apresentava um avião azul, cercado pelas palavras ASAS POR WILLKIE. Wendell Willkie concorreu à presidência contra Franklin Roosevelt em 1940, mas perdeu feio, ganhando apenas em dez estados por um total de oitenta e dois votos eleitorais.

Luke tinha colocado o bóton na tigela do troféu da Liga Infantil. Ele o procurou agora e não encontrou nada.

Em seguida, foi até o pôster de Tony Hawk no skate Birdhouse. Parecia certo, mas não era. O pequeno rasgo no lado esquerdo tinha sumido.

Não eram seus tênis, não era seu pôster, o bóton do Willkie tinha desaparecido.

Não era seu quarto.

Uma coisa começou a tremer em seu peito e ele respirou fundo várias vezes para tentar sossegá-la. Foi até a porta e segurou a maçaneta, com a certeza de que estaria trancada.

Não estava, mas o corredor que havia depois da porta não era nada parecido com o corredor da casa onde ele tinha vivido seus doze anos e

tivesse feito a estreia acadêmica em Boston antes de sumir de vista. Crianças como ele acabam aparecendo nos telejornais, normalmente nos segmentos de coisas impressionantes. E o que eu sempre digo, doutor?

— Que, no nosso ramo, não ter nenhuma notícia é uma boa notícia.

— Exatamente. Em um mundo perfeito, nós teríamos deixado esse passar. Ainda recebemos uma boa cota de TCs. — Ela bateu no círculo rosa do formulário de entrada. — Como isto aqui indica, o BNDF dele nem é tão alto. Mas...

Ela não precisou terminar. Certos bens eram ainda mais raros. Presas de elefante. Peles de tigre. Chifres de rinoceronte. Metais raros. Até petróleo. Era possível acrescentar essas crianças especiais, cujas qualidades extraordinárias não tinham nada a ver com seus QIs. Mais cinco chegando naquela semana, incluindo o garoto Dixon. Uma ótima aquisição, mas dois anos antes talvez tivessem trinta como ele.

— Ah, olha — apontou a sra. Sigsby. Na tela do computador, o recém-chegado estava se aproximando da residente mais antiga da Parte da Frente. — Ele vai conhecer a espertinha da Benson. Ela vai contar a história, ou ao menos uma versão dela.

— Ainda na Parte da Frente — disse Hendricks. — Ela devia ser promovida a anfitriã oficial.

A sra. Sigsby abriu seu sorriso mais glacial.

— Melhor ela do que você, doutor.

Hendricks olhou para baixo e pensou em dizer: *Deste ângulo, consigo ver como você está ficando com pouco cabelo, Siggers. É parte da sua anorexia de nível baixo, mas bem antiga. Seu couro cabeludo é rosa como o olho de um coelho albino.*

Havia muitas coisas que ele pensava em dizer para ela, a chefona sem tetas e gramaticalmente perfeita do Instituto, mas nunca dizia. Não seria



Frente. Não sei o que acontece na Parte de Trás, nem quero saber. Só sei que a Parte de Trás parece uma armadilha, quem vai pra lá não volta. Não pra cá, pelo menos.

Ele olhou de volta para o caminho por onde tinha chegado. Havia muitos pôsteres motivacionais e também muitas portas, umas oito de cada lado.

— Quantas pessoas moram nesses quartos?

— Cinco, contando nós dois. A Parte da Frente nunca fica lotada, mas agora está parecendo uma cidade fantasma. As crianças e os adolescentes vêm e vão.

— Falando em Michelangelo — murmurou Luke.

— Hã?

— Nada. O que...

Uma das portas duplas do final mais próximo do corredor se abriu e uma mulher de vestido marrom apareceu, de costas para eles. Ela estava segurando a porta com a bunda, enquanto lutava com alguma coisa. Kalisha se levantou num pulo.

— Oi, Maureen, oi, garota, espera, deixa a gente te ajudar.

Como ela disse *a gente* e não *eu*, Luke se levantou e foi atrás de Kalisha. Quando chegou mais perto, ele viu que o vestido marrom era uma espécie de uniforme, como uma camareira poderia usar em um hotel bacana... ou meio bacana, pelo menos, porque não era cheio de babados nem nada. Ela estava tentando arrastar uma cesta de roupas pela tira de metal entre aquele corredor e o salão que havia à frente e parecia uma sala de estar, com mesas e cadeiras e janelas deixando o sol forte entrar. Também havia uma televisão que parecia do tamanho de uma tela de cinema. Kalisha abriu a porta para aumentar o espaço. Luke segurou a cesta de roupas (com DANDUX impresso na lateral) e ajudou a

que tivesse acontecido, ele esperava que os dois não tivessem acordado na hora.

— Muito inteligente, seria meu palpite. Você é TP ou TC? Acho que TC.

— Não sei do que você está falando.

Só que talvez ele soubesse. Ele lembrou que os pratos às vezes tremiam nos armários, que a porta do seu quarto às vezes abria e fechava sozinha e que a travessa caiu da mesa no Rocket Pizza. Também que a lata de lixo se movera sozinha no dia do SAT.

— TP é telepatia. TC é...

— Telecinesia.

Ela sorriu e apontou para ele.

— Você é mesmo um garoto inteligente. Telecinesia, isso mesmo. Você é uma coisa ou outra, já que supostamente ninguém tem as duas... ou é o que dizem os técnicos, pelo menos. Eu sou TP.

Ela falou isso com certo orgulho.

— Você lê mentes — disse Luke. — Claro. Todos os dias e duas vezes no domingo.

— Como você acha que eu sei sobre a Maureen? Ela nunca contaria pra *ninguém* aqui sobre os problemas que tem, ela não é esse tipo de pessoa. E não sei nenhum dos detalhes, só tenho uma noção geral. — Ela refletiu. — Tem alguma coisa sobre um bebê também. E isso é estranho. Perguntei uma vez se ela tinha filhos e ela disse que não.

Kalisha deu de ombros.

— Eu sempre fui capaz de fazer isso. Algumas vezes consigo, outras não, nunca o tempo todo, mas não é como ser uma super-heroína. Se fosse, eu sairia daqui.

— Você está falando sério sobre isso?

que acabou, porque já estou aqui e estão me testando de novo, mas talvez eu ainda possa estar transmitindo. Se você tiver sorte, vai pegar e passar umas semanas tomando suco e vendo televisão em vez de receber agulhadas e ressonância magnética.

A garota viu os dois e acenou. Kalisha acenou de volta e, antes que Luke pudesse dizer qualquer coisa, abriu a porta.

— Vem. Tira essa cara de bobo e vem conhecer eles.



rosto agradável, bonito, as bochechas e a testa brilhando com o que Luke supunha que fosse uma mistura de suor e repelente. — Iris Stanhope.

Luke apertou a mão dela, ciente de que os insetos (eram chamados de borrachudos em Minnesota, mas ele não sabia como eram chamados ali) tinham começado a se alimentar dele.

— Não estou feliz de estar aqui, mas acho que estou de conhecer você — disse Luke.

— Sou de Abilene, Texas. E você?

— Minneapolis. Fica em...

— Eu sei onde é — interrompeu Iris. — Terra de um bilhão de lagos, alguma merda assim.

— George! — gritou Kalisha. — Cadê a educação, garoto? Venha até aqui!

— Vou, sim, mas espere. Isso é importante. — George encostou na linha, segurou a bola de basquete na altura do peito e começou a falar com uma voz baixa e carregada de tensão. — Tudo bem, pessoal, depois de sete jogos difíceis, a hora é agora. Segunda prorrogação, os Wizards estão um ponto na frente dos Celtics, e George Iles, que acabou de sair do banco, tem a chance de vencer a partida da linha de lance livre. Se ele fizer uma cesta, os Wizards empatam de novo. Se fizer as duas, vai entrar pra história, colocar sua foto no Hall da Fama do basquete, talvez ganhe um Tesla conversível...

— Teria que ser customizado — disse Luke. — O Tesla não tem em conversível, ao menos ainda não.

George não deu ouvidos.

— Ninguém esperava ver Iles nessa situação, menos ainda o próprio Iles. Um silêncio sinistro se espalha pela Capital One Arena...

— Eu sou TC-pos, não tem nada rosa na minha pasta. Nada de rosa pra este garoto aqui.

— Você viu sua pasta? — perguntou Luke.

— Nem preciso. Eu sou sinistro. Olha isso.

Não houve pausa nenhuma para concentração, o garoto só ficou ali parado, mas uma coisa extraordinária aconteceu. (Pareceu extraordinária a Luke, pelo menos, apesar de nenhuma das garotas parecer impressionada.) As nuvens de borrachudos voando em volta da cabeça de George se afastaram para trás, formando uma espécie de cauda de cometa, como se eles tivessem sido atingidos por um sopro forte de vento. Só que *não havia* vento.

— Está vendo? — se gabou ele. — TC-pos em ação. Só que não dura muito.

Era verdade. Os borrachudos já tinham voltado a voar em volta dele e só não o atacavam por causa do repelente que ele tinha passado.

— O segundo arremesso que você lançou — disse Luke. — Você poderia ter feito entrar na cesta?

George balançou a cabeça, parecendo lamentar.

— Eu queria que trouxessem um TC-pos muito poderoso — disse Iris, cuja empolgação por conhecer o garoto novo tinha passado. Ela parecia cansada, assustada e mais velha do que a idade que tinha, que Luke avaliou como uns quinze anos. — Um que pudesse nos teletransportar pra *fora* daqui.

Ela se sentou em um dos bancos da mesa de piquenique e colocou a mão sobre os olhos. Kalisha se sentou ao lado e passou o braço em volta dela.

— Não, querida, pare com isso, vai ficar tudo bem.

— Sou Luke Ellis.

Ele esticou a mão, sem saber direito o que esperar. Nick o ignorou e abriu o armário verde de equipamentos.

— Você joga xadrez, Ellis? Esses três são péssimos. Donna Gibson ao menos me proporcionava um joguinho razoável, mas ela foi pra Parte de Trás há três dias.

— E não vamos mais ver ela — acrescentou George, com tristeza.

— Eu jogo — disse Luke —, mas não estou muito a fim agora. Quero saber onde estou e o que acontece aqui.

Nick pegou um tabuleiro de xadrez e uma caixa com as peças dentro. Arrumou as peças rapidamente, espiando entre as mechas de cabelo que caíam nos olhos em vez de empurrá-las para trás.

— Você está no Instituto. Em algum lugar nas florestas do Maine. Não é nem uma cidade, só coordenadas no mapa. TR-110. Sha ouviu isso de algumas pessoas. Donna também, e Pete Littlejohn também. Ele é outro TP que foi pra Parte de Trás.

— Parece que Petey já foi há um tempão, mas foi só na semana passada — disse Kalisha, com tristeza. — Lembra de todas aquelas espinhas? E de como os óculos dele ficavam escorregando?

Nicky não prestou atenção.

— Os cuidadores do zoológico não tentam esconder, nem negar. Por que fariam isso se trabalham com crianças TP todos os dias? E eles não se preocupam com as coisas que querem deixar em segredo porque nem Sha consegue ir fundo, e olha que ela é bem boa.

— Consigo marcar noventa por cento nas cartas de Zener quase todos os dias — disse Kalisha. Sem se gabar, só contando. — E eu saberia dizer o nome da sua avó se você botasse na parte da frente da mente, mas a frente é o máximo que consigo alcançar.



— Bom, eu não *quero* — disse Kalisha.

— Calem a boca, vocês todos — ordenou Nicky. Ele se inclinou por cima do tabuleiro e olhou para Luke. — Eles nos sequestram, sim. Porque temos poderes psíquicos, sim. Como eles nos encontram? Não sei. Mas só pode ser uma operação grande, porque este lugar é grande. É uma porra de um *complexo*. Tem médicos, técnicos, os tais dos cuidadores... parece um pequeno hospital na floresta.

— E tem segurança — acrescentou Kalisha.

— Tem mesmo. O responsável pela segurança é um escroto grande e careca chamado Stackhouse.

— Isso é loucura — disse Luke. — Nos Estados Unidos?

— Não estamos nos Estados Unidos, estamos no Reino do Instituto. Quando você for ao refeitório almoçar, Ellis, olhe pelas janelas. Você vai ver muitas outras árvores, mas, se olhar bem, também vai ver outro prédio. É de concreto verde, igual a este. Se mistura com as árvores, eu acho. Lá fica a Parte de Trás. É pra onde somos encaminhados depois que os testes e as injeções acabam.

— O que acontece lá?

Foi Kalisha quem respondeu.

— Não sabemos.

Luke estava prestes a perguntar se Maureen sabia, estava na ponta da língua, mas aí ele se lembrou do que Kalisha tinha sussurrado no seu ouvido: *Eles escutam*.

— Nós sabemos o que eles contam — disse Iris. — Eles dizem...

— Eles dizem que tudo vai ficar *BEEEEEEEM!*

Nicky gritou isso tão alto e tão de repente que Luke se encolheu e quase caiu do banco. O garoto de cabelo preto se levantou e parou, olhando para a lente poeirenta de uma das câmeras. Luke se lembrou de

— Além do mais — lembrou Iris —, muitos estão trabalhando no hábito do tabaco.

Era absurdo, mas Luke achava que fazia um sentido meio doido. Ele pensou no retórico autor romano das *Sátiras*, Juvenal, que disse que, se o povo recebesse pão e circo, ficaria feliz e não causaria problemas. Ele achava que a mesma lógica podia valer para bebida e cigarros, principalmente quando oferecidos para crianças assustadas, infelizes e trancafiadas.

— Essas coisas não interferem nos testes?

— Como a gente não sabe para o que são os testes, é difícil dizer — respondeu George. — Eles só parecem querer que você veja os pontos e ouça o zumbido.

— Que pontos? Que zumbido?

— Você vai descobrir — disse George. — Essa parte não é tão ruim. Chegar lá é que mata. Odeio as injeções.

— Três semanas, mais ou menos — acrescentou Nicky. — É o tempo que a maioria das pessoas fica na Parte da Frente. Pelo menos é o que Sha acha, e ela é quem está aqui há mais tempo. Depois, vamos pra Parte de Trás. Depois, é o que dizem, somos interrogados e nossas lembranças daqui são apagadas. — Ele abriu os braços e levantou as mãos para o céu, os dedos abertos. — Depois disso, crianças, nós vamos pro céu! Limpos, exceto talvez por um hábito de um maço por dia! Aleluia!

— Ele quer dizer de volta pra casa, pros nossos pais — disse Iris, baixinho.

— Onde seremos recebidos de braços abertos — ironizou Nicky. — Sem perguntas, só bem-vindos de volta e vamos comer no Chuck E. Cheese pra comemorar. Parece realista pra você, Ellis?

Não parecia.

— Estou cagando se estão juntinhos ou não. Na verdade, torço pros dois irem em frente e perderem a virgindade, supondo que ainda a tenham, enquanto podem. Mas, de vez em quando, Alvorson capta coisas que são pertinentes à minha missão. Como a conversa dela com o garoto Washington.

Maureen Alvorson, a faxineira que parecia gostar e simpatizar com os internos do Instituto, era na verdade uma informante. (Considerando as conversinhas bobas que ela relatava, a sra. Sigsby considerava “espiã” um termo grandioso demais.) Nem Kalisha nem nenhum dos outros TPS tinha percebido isso, porque Maureen era muito boa em esconder sua fonte de dinheirinho extra.

O que a tornava particularmente valiosa era a ideia, plantada com todo cuidado, de que certas áreas do Instituto — o canto sul do refeitório e uma pequena área perto das máquinas da cantina, para citar duas — eram zonas mortas de vigilância de áudio. Eram aqueles os lugares onde Alvorson ouvia os segredos dos garotos e das garotas. Em geral, coisas bobas, mas às vezes havia uma pepita de ouro na peneira. O garoto Washington, por exemplo, que confidenciou a Maureen que estava pensando em cometer suicídio.

— Nada de informação nova — disse Sigsby. — Vou manter você avisado se ela passar alguma coisa que acho que pode ser do seu interesse, Trevor.

— Tudo bem. Eu só estava perguntando.

— Entendido. Agora, vá. Tenho trabalho a fazer.



chop suey americano) e SOBREMESA (torta de maçã *à la mode* ou uma coisa chamada Torta Mágica de Creme). Havia uma lista com seis refrigerantes.

— Você pode pedir leite, mas não botam no cardápio — explicou Kalisha. — A maioria só quer se for com cereal, no café.

— A comida é boa mesmo? — perguntou Luke.

A natureza prosaica da pergunta, como se eles estivessem em um Sandals Resort com tudo incluso, trouxe de volta seu sentimento de irrealidade e deslocamento.

— É, sim — respondeu Iris. — Às vezes, eles nos pesam. Eu ganhei dois quilos.

— Estão nos engordando pro abate — disse Nicky. — Como João e Maria.

— Nas noites de sexta e nos almoços de domingo tem bufê livre — avisou Kalisha. — Você pode comer à vontade.

— Como João e a porra da Maria — repetiu Nicky, dando meia-volta e olhando para a câmera no canto. — Pode voltar, Norma. Acho que estamos prontos.

Ela voltou na mesma hora, o que só aumentou a sensação de irrealidade de Luke. Mas quando as asinhas e o chop suey chegaram, ele comeu com vontade. Ele estava em um lugar estranho, morrendo de medo da sua situação e do que podia ter acontecido com os pais, mas também tinha doze anos.

Era um garoto em idade de crescimento.

manter isso em segredo com uma operação grande daquelas? Além de ser ilegal e inconstitucional, envolvia sequestro de crianças.

Eles passaram por uma porta aberta, e dentro Luke viu o que parecia ser uma sala de descanso. Havia mesas e máquinas vendendo lanches e bebidas (mas sem o cartaz dizendo BEBA COM RESPONSABILIDADE). Três pessoas estavam sentadas a uma das mesas, um homem e duas mulheres. Estavam usando roupas comuns, calças jeans e camisas de botão, e tomando café. Uma das mulheres, meio loura, pareceu familiar. Primeiro, ele não soube por quê, mas então se lembrou de uma voz dizendo *Claro, o que você quiser*. Era a última coisa de que se lembrava antes de acordar ali.

— Você — disse ele, apontando para ela. — Foi você.

A mulher não disse nada e permaneceu inexpressiva. Mas ela olhou para ele. Ainda estava olhando quando Gladys fechou a porta.

— Foi ela — insistiu Luke. — Sei que foi.

— Só mais um pouco — disse Gladys. — Não vai demorar, aí você pode voltar pro seu quarto. Você provavelmente gostaria de descansar. Os primeiros dias podem ser exaustivos.

— Você me ouviu? Foi ela que entrou no meu quarto. Ela jogou um spray na minha cara.

Não houve resposta, só aquele sorriso de novo, que Luke foi achando cada vez mais sinistro.

Eles chegaram a uma porta marcada: B-31.

— Se você se comportar, ganha cinco fichas — informou ela, enfiando a mão no outro bolso e pegando um punhado de círculos de metal que pareciam moedas, só que tinham um triângulo em baixo-relevo de cada lado. — Está vendo? Estou com elas bem aqui.

Tony colocou um band-aid quadradinho transparente e virou a cadeira para uma parede branca.

— Agora, feche os olhos.

Luke fechou.

— Está ouvindo alguma coisa?

— Tipo o quê?

— Para de fazer perguntas e responde à minha. Você está *ouvindo* alguma coisa?

— Fica quieto e me deixa prestar atenção.

Tony ficou quieto. Luke prestou atenção.

— Alguém passou andando no corredor. E alguém riu. Acho que foi a Gladys.

— Mais nada?

— Não.

— Ótimo, você está indo bem. Agora quero que conte até vinte e abra os olhos.

Luke contou e abriu os olhos.

— O que está vendo?

— A parede.

— Mais nada?

Luke pensou que Tony devia estar falando dos pontos. *Quando você vir pontos, diz que viu, recomendara George. Quando não vir, diz que não viu. Não adianta mentir. Eles sabem.*

— Mais nada.

— Certeza?

— Sim.

Tony deu um tapinha nas costas dele, fazendo Luke dar um pulo.



adolescentes fazendo qualquer coisa por fichas para comprar cooler de vinho e cigarro? Claro que sim. Ele não tinha pensado *Eu nunca faria isso?* Claro que sim. Quando Luke pensava em adolescentes que bebiam e fumavam (coisa que raramente fazia, porque tinha questões mais importantes a considerar), o que vinha à sua mente eram otários góticos que ouviam Pantera e desenhavam chifres tortos do diabo nas jaquetas jeans, otários tão burros que confundiam o ato de se enrolar nas correntes de um vício com um ato de rebeldia. Luke não conseguia se imaginar fazendo nenhuma das duas coisas, mas ali estava ele agora, olhando para uma tela azul de laptop e batendo na tecla ENTER, como um rato em uma caixa de Skinner batendo na alavanca por um pedaço de ração ou alguns grãos de cocaína.

Fechou o laptop e pegou o controle remoto em cima da televisão. Esperava outra tela azul e outra mensagem dizendo que precisava de uma ou algumas fichas para ligá-la, mas deu de cara com Steve Harvey entrevistando David Hasselhoff, perguntando o que Hoff queria fazer antes de morrer. A plateia estava rindo das respostas engraçadas.

Apertar o botão do guia no controle remoto levou a um menu da DirectTV parecido com o que ele tinha em casa. Porém, assim como o quarto e o laptop, não era a mesma coisa: embora houvesse uma ampla seleção de filmes e de programas esportivos, não havia rede nem canais de notícias. Luke desligou o aparelho, colocou o controle remoto em cima e olhou ao redor.

Além da porta que levava ao corredor, havia duas outras portas. Uma era um closet, com calças jeans, camisetas (nenhum esforço tinha sido feito para copiar as roupas que Luke tinha em casa, o que foi um certo alívio), duas camisas de botão, dois pares de tênis e um par de chinelos. Não havia sapatos sociais.

Maureen sorriu e mostrou dentes que pareciam ter passado da hora de ter contato com um dentista.

— Que bom pro Nick — disse ela. — Tony deve ter devolvido em dobro, mas mesmo assim... que bom. Agora, vem. Com a sua ajuda, posso arrumar esses quartos em um segundo.

O primeiro tinha pôsteres de personagens da Nickelodeon, Tommy Pickles e Zuko, nas paredes e um pelotão de bonequinhos G.I. Joe na escrivaninha. Luke reconheceu vários na hora, por já ter tido sua fase G.I. Joe não muito tempo antes. O papel de parede exibia palhaços felizes com balões.

— Puta merda — disse Luke. — Isso é o quarto de um garotinho.

Ela olhou para Luke achando graça, como quem diz *Você não é exatamente o Matusalém*.

— Isso mesmo. O nome dele é Avery Dixon e, de acordo com a minha ficha, ele tem só dez anos. Vamos começar a trabalhar. Aposto que só preciso te ensinar a fazer as pontas como em leitos de hospital uma vez. Você parece um menino que aprende rápido.

De volta ao quarto, Luke segurou uma das fichas na frente da câmera do laptop. Sentiu-se meio idiota fazendo isso, mas o computador se abriu na mesma hora, primeiro mostrando uma tela azul que dizia BEM-VINDA DE VOLTA, DONNA! Luke franziu a testa, mas sorriu um pouco. Em algum momento antes da sua chegada, o computador pertenceu (ou foi emprestado, pelo menos) a alguém chamado Donna. A tela de boas-vindas ainda não tinha sido modificada. Alguém cometeu um deslize. Foi um deslize pequenininho, mas onde havia um podia haver outros.

Luke suspirou.

— Me dá um segundo. Tenho que calçar meus tênis.

— Beleza.

Hadad o levou até uma porta depois do elevador e usou um cartão magnético para destrancá-la. Eles percorreram a curta distância até o prédio da administração juntos, espantando os insetos.

11

Ele achou a sra. Sigsby parecida com a irmã mais velha do seu pai. Assim como a tia Rhoda, aquela mulher era magrela, quase sem quadris e sem seios. Só que havia linhas de sorriso em volta da boca de tia Rhoda e seus olhos sempre irradiavam calor. Ela adorava abraçar. Luke achava que não haveria abraços vindos da mulher parada ao lado da escrivaninha, com um terno cor de ameixa e saltos combinando. Talvez houvesse sorrisos, mas seriam falsos como uma nota de três dólares. Nos olhos da sra. Sigsby, ele viu uma análise cuidadosa e mais nada. Nadinha.

— Obrigada, Hadad, eu cuido dele a partir de agora.

O atendente (Luke achava que Hadad era isso) assentiu respeitosamente e saiu da sala.

— Vamos começar com uma coisa óbvia — disse ela. — Nós estamos sozinhos. Passo mais ou menos uns dez minutos com cada novato pouco depois de sua chegada. Alguns, desorientados e com raiva, já tentaram me atacar. Não guardo ressentimento por isso. Por que guardaria? Nossos visitantes mais velhos têm dezesseis anos, e a média de idade é de onze anos e seis meses. Crianças, em outras palavras, e as crianças têm controle de impulso ruim nos melhores momentos. Vejo



— Não, Luke. As coisas ainda não estão claras. — Ela se encostou, apoiando outra vez as mãos abertas na mesa. — Não se trata de uma negociação. Você vai fazer o que nós quisermos de qualquer jeito. Acredite em mim em relação a isso e vai poupar a si mesmo de muita dor. Você não vai ter contato com o mundo externo durante seu tempo no Instituto, e isso inclui seus pais. Você vai obedecer a todas as ordens. Vai cumprir todos os protocolos. Mas não vai, embora talvez existam algumas exceções, achar as ordens árduas ou os protocolos pesados. O tempo vai passar rápido e, quando você nos deixar, quando acordar no seu quarto numa bela manhã, nada disso terá acontecido. A parte triste, ao menos na *minha* opinião, é que você nem vai saber que teve o grande privilégio de servir ao seu país.

— Não vejo como isso é possível — disse Luke, falando mais para si mesmo do que para ela. Esse era seu jeito de falar quando alguma coisa (um problema de física, um quadro de Manet, as implicações das dívidas em curto e longo prazo) tinha sua atenção total. — Tantas pessoas me conhecem. O pessoal da escola... as pessoas com quem meus pais trabalham... meus amigos... vocês não podem apagar a memória de *todos*.

Ela não riu, mas sorriu.

— Talvez você fique muito surpreso com o que podemos fazer. Nós terminamos aqui. — Ela se levantou, contornou a mesa e estendeu a mão. — Foi um prazer conhecer você.

Luke também se levantou, mas não apertou a mão dela.

— Aperta a minha mão, Luke.

Parte dele queria, velhos hábitos eram difíceis de largar, mas ele manteve as mãos nas laterais do corpo.

— Eu sei o que é coagir, Lukey. Eu frequentei a escola, sabe. E você não está errado. — Ele se levantou. — Vem, vamos pro parquinho. Você pode me dar outra aula de xadrez.

— Acho que só quero deitar — disse Luke.

— Você está meio pálido mesmo. Mas o doce ajudou, né? Admita.

— Ajudou — concordou Luke. — O que você fez pra ganhar uma ficha?

— Nada. Maureen me deu uma antes do fim do turno dela. Kalisha está certa sobre ela. — Nicky falou isso quase contrariado. — Se tem uma pessoa boa nesse palácio de merda, essa pessoa é ela.

Eles chegaram na porta do quarto de Luke. Nicky levantou o punho e Luke bateu o dele.

— Vejo você quando a campainha tocar, geniozinho. Até lá, alegria.

Luke decidiu que não se importava.

Eles conversaram um pouco sobre suas escolas antes de terem sido arrancados das vidas normais (escolas normais, pelo que Luke pôde perceber, não especiais para crianças inteligentes) e sobre seus programas de televisão e filmes favoritos. Estava tudo ótimo até Iris levar a mão até a bochecha sardenta e Luke perceber que ela estava chorando. Não muito, só um pouco, mas, sim, eram lágrimas.

— Nada de injeções hoje, mas tive aquela merda de termômetro na bunda — contou ela. Quando viu a expressão intrigada de Luke, ela sorriu, o que fez outra lágrima descer pela bochecha. — Eles tiram nossa temperatura retal.

Os outros estavam assentindo.

— Não tenho ideia do motivo, mas é humilhante — disse George.

— Também é coisa do século XIX — acrescentou Kalisha. — Devem ter algum motivo, mas... — Ela deu de ombros.

— Quem quer café? — perguntou Nick. — Vou buscar se vocês...

— Oi.

Vindo da porta. Eles se viraram e viram uma garota de calça jeans e blusa sem mangas. O cabelo, curto e espetado, era verde de um lado e azul-arroxeadado do outro. Apesar do penteado punk, ela parecia uma criança de contos de fadas perdida na floresta. Luke achou que ela devia ter quase a mesma idade que ele.

— Onde estou? Algum de vocês sabe o que é este lugar?

— Vem aqui, luz do sol — disse Nicky, e abriu seu sorriso encantador.

— Puxa uma pedra. Experimenta a culinária.

— Não estou com fome — disse a recém-chegada. — Só me digam uma coisa. Quem eu tenho que chupar pra sair daqui?

Foi assim que eles conheceram Helen Simms.



Levantou-se e andou pelo quarto, os pés descalços fazendo barulho, a calça do pijama farfalhando. Era uma boa pergunta. Por que ele *não* pensava? Não era nisso em que ele supostamente era bom? Lucas Ellis, o geniozinho. O garoto prodígio. Ama o marinheiro Popeye, ama Call of Duty, ama jogar basquete no quintal, mas também tem uma boa noção de francês escrito, apesar de ainda precisar de legendas quando assiste a filmes franceses na Netflix, porque os atores falam muito rápido e as expressões idiomáticas são loucas. *Boire comme un trou*, por exemplo. Por que alguém beberia como um buraco se beber como um gambá faz muito mais sentido? Ele é capaz de encher um quadro-negro de equações matemáticas, consegue citar todos os elementos da tabela periódica, consegue listar todos os vice-presidentes datando até o de George Washington, pode dar uma explicação razoável de por que a velocidade da luz nunca será atingida fora do cinema.

Então por que ele está sentado ali, sentindo pena de si mesmo?

O que mais eu *posso* fazer?

Luke decidiu encarar isso como uma pergunta real em vez de uma demonstração de desespero. Fugir era impossível, mas... e aprender?

Ele tentou pesquisar *New York Times* no Google e não ficou surpreso de ouvir o HAL 9000. Nada de notícias para os garotos do Instituto. A questão era: dava para contornar a proibição? Encontrar uma brecha? Talvez.

Vamos ver, pensou ele. Vamos ver. Ele abriu o Firefox e digitou *#!capadeGriffin!#*.

Griffin era o homem invisível de H.G. Wells, e esse site, que Luke descobrira um ano antes, era um jeito de contornar os controles parentais. Não se tratava exatamente de dark web, mas era uma coisa próxima. Luke já tinha usado a página uma vez, não por querer visitar

— Ele é TP, não é? Como você.

Kalisha assentiu.

— Mas ele é bem mais forte do que eu e do que todos os outros TPs que passaram aqui durante a minha estadia. Vem, vamos levar ele pro meu quarto.

— Posso ir? — perguntou Helen.

— Como quiser, querida — disse Kalisha. — Sei que o Luke aqui aprecia a vista.

Helen ficou vermelha.

— Vou me trocar primeiro.

— Fica à vontade — disse Kalisha, e para o garoto: — Qual é o seu nome?

— Avery. — A voz dele estava rouca de chorar e gritar. — Avery Dixon.

— Sou Kalisha. Pode me chamar de Sha, se quiser.

— Só não chama ela de camarada — avisou Luke.

## 5

O quarto de Kalisha era mais feminino do que Luke esperava, considerando o jeito como ela falava. A colcha da cama era rosa e as fronhas dos travesseiros tinham babados. Um quadro de Martin Luther King olhava para eles da escrivaninha.

Ela viu Luke olhando e riu.

— Eles tentam deixar as coisas como eram em casa, mas acho que alguém achou que manter a foto que eu tinha ali era ir longe demais e mudou.

— De quem era?

— Acho que sim, mas ela deixa algo a desejar no quesito personalidade.

Ele pensou que isso talvez a fizesse rir (gostava da gargalhada dela), mas Kalisha pareceu triste.

— Este lugar vai acabar com ela. Daqui a pouco vai sair correndo e se encolher toda vez que vir um cara de camisa azul. Assim como o resto de nós. Avery, você precisa vestir essas coisas. Eu e o Lukey vamos virar de costas.

Eles viraram de costas, olhando pela porta aberta de Kalisha para o pôster que declarava que ali era o paraíso. Atrás deles, fungadas e o farfalhar de roupas. Finalmente, Avery declarou:

— Estou vestido. Podem se virar.

Eles se viraram. Kalisha disse:

— Agora leva essa calça molhada de pijama pro banheiro e pendura na lateral da banheira.

Ele foi sem discutir e voltou.

— Fiz o que você mandou, Sha.

A fúria tinha sumido da voz dele. Agora, parecia tímido e cansado.

— Que bom. Pode ir pra cama. Pode deitar, tudo bem.

Kalisha se sentou, botou os pés de Avery no colo e bateu na parte da cama ao seu lado. Luke se sentou e perguntou a Avery se ele estava se sentindo melhor.

— Acho que sim.

— Você *sabe* que sim — disse Kalisha.

Ela começou a fazer carinho no cabelo do garotinho de novo. Luke tinha a sensação — talvez fosse besteira, talvez não — de que havia muita coisa acontecendo entre os dois. Trocas invisíveis.



Eles ficaram em silêncio por um momento. Luke achava que teria que ir embora logo, mas não queria sair ainda. Não estava pronto para ficar sozinho.

— Acho que posso ajudar Maureen. — Ele falou com voz baixa, quase sem mover os lábios. — Com as dívidas de cartão de crédito. Mas eu teria que falar com ela.

Kalisha arregalou bem os olhos e sorriu.

— Sério? Seria ótimo. — Agora ela levou os lábios ao ouvido dele, provocando novos arrepios. Luke teve medo de olhar para os braços, receando que a pele estivesse arrepiada. — Seja rápido. Ela vai ter uma semana de folga em um ou dois dias. — Agora ela colocou a mão, ah, Deus, bem alto na perna dele, território que nem sua mãe visitava mais. — Depois que ela voltar, fica em outro local por três semanas. Você pode ver ela nos corredores ou na sala de descanso, mas só. Ela não vai falar pra onde vai, nem nos lugares onde é seguro falar, então só pode ser pra Parte de Trás.

Ela afastou os lábios dos ouvidos dele e a mão da coxa, deixando em Luke um fervoroso desejo de que ela tivesse outros segredos para contar.

— Volta pro seu quarto — disse ela, cujo brilho no olhar o levou a pensar que ela sabia do efeito que tinha sobre ele. — Tenta dormir um pouco.

## 7

Ele acordou de um sono profundo e sem sonhos com uma batida alta na porta. Sentou-se, olhou ao redor como louco, pensando se tinha perdido a hora em um dia de aula.

A porta se abriu e um rosto sorridente apareceu. Era Gladys, a mulher que o levou para receber o chip na orelha e que disse que ele estava ali para servir.

— Surpresa! — disse ela. — Bom dia! Você perdeu o café da manhã, mas eu trouxe suco de laranja. Você pode ir bebendo no caminho. Está fresco!

Luke viu a luz verde de energia do laptop. Embora estivesse com a tela em repouso, se Gladys entrasse e apertasse uma das teclas para ver o que ele andava pesquisando (ele não achava impossível que ela fizesse isso), veria o homem invisível de H.G. Wells com a cabeça enrolada pelas ataduras e os óculos escuros. Gladys não saberia o que era, talvez achasse que fosse algum tipo de ficção científica ou de mistério, mas ela devia fazer relatórios. Se fizesse, iriam para alguém em posição superior à dela. Alguém que era pago para ser curioso.

— Você pode me dar um minuto pra vestir a calça?

— Trinta segundos. Não vamos deixar o suco ficar quente.

Ela deu uma piscadela malandra e fechou a porta. Luke pulou da cama, vestiu a calça jeans, pegou uma camiseta e despertou o laptop para verificar a hora. Ficou impressionado ao constatar que eram nove horas. Ele *nunca* dormia até tão tarde. Por um momento, se perguntou se tinham colocado alguma coisa na sua comida, mas, se esse tivesse sido o caso, não teria acordado no meio da noite.

É o choque, pensou ele. Eu ainda estou tentando processar isso tudo, botar na cabeça o que aconteceu.

Ele desligou o computador, sabendo que qualquer esforço que fizesse para esconder o sr. Griffin não significaria nada se eles estivessem monitorando as buscas. E, se estivessem espelhando o computador, já saberiam que ele encontrou um jeito de acessar o *New York Times*. Claro

que, se Luke começasse a pensar assim, tudo seria inútil. E devia ser exatamente assim que os minions da Sigsby queriam que ele pensasse: ele e todas as outras crianças eram prisioneiras ali.

Se eles soubessem, já teriam tirado o computador, ele disse para si mesmo. E, se estivessem mesmo espelhando o computador, não saberiam que a tela de entrada está com o nome errado?

Essas conclusões pareciam fazer sentido, mas talvez eles só estivessem dando mais corda para ele. Era paranoia, mas a *situação* era de paranoia.

Quando Gladys abriu a porta de novo, ele estava sentado na cama, calçando os tênis.

— Bom trabalho! — exclamou ela, como se Luke fosse um garoto de três anos que tivesse conseguido se vestir sozinho pela primeira vez.

Luke estava gostando cada vez menos daquela mulher, mas, quando ela lhe entregou o copo de suco, ele tomou tudo.

## 8

Dessa vez, quando balançou o cartão, Gladys mandou o elevador parar no nível B.

— Nossa, que dia lindo! — comentou ela, quando o elevador começou a descer. Essa parecia ser a frase que ela usava para começar qualquer conversa.

Luke olhou para as mãos dela.

— Estou vendo que você usa aliança. Você tem filhos, Gladys?

O sorriso dela se tornou cauteloso.

— Isso é assunto particular.

— Eu só queria saber se você gostaria que eles ficassem trancados num lugar assim.



— C — disse a voz feminina suave. — Nível C — repetiu.

Não havia mais sorriso no rosto de Gladys quando ela o acompanhou para fora do elevador, segurando o braço dele com um pouco mais de força do que era necessário.

— Eu também queria saber como você fica de consciência tranquila. Mas acho que é meio pessoal, não é?

— Chega, Luke. Eu trouxe suco. Nem precisava fazer isso.

— E o que você diria pros seus filhos se algum deles descobrisse o que se passa aqui? Se saísse, tipo, na televisão. Como você explicaria pra eles?

Ela andou mais rápido, quase o arrastando, mas sem sinal de raiva no rosto: se houvesse algum, ele teria ao menos o benefício da dúvida de saber que talvez a tivesse atingido. Mas não. Só o vazio. O rosto de uma boneca.

Eles pararam na sala C17. As prateleiras estavam carregadas de equipamentos médicos e de computadores. Havia uma cadeira acolchoada que parecia um assento de cinema e, atrás, em uma haste de aço, uma coisa que parecia um projetor. Pelo menos não havia correias nos braços da cadeira.

Um técnico estava à espera: ZEKE, de acordo com o crachá no uniforme azul. Luke conhecia o nome. Maureen tinha dito que ele era um dos cruéis.

— Oi, Luke — cumprimentou Zeke. — Está tranquilo?

Sem saber como responder, Luke deu de ombros.

— Não vai criar caso? É isso o que eu quero saber, camarada.

— Não. Nada de caso.

— Bom saber.

Zeke abriu um frasco cheio de líquido azul. Havia um odor pungente de álcool, e Zeke pegou um termômetro que devia ter uns trinta centímetros. Não era possível, mas...

— Baixa a calça e se inclina sobre a cadeira, Luke. Os antebraços no assento.

— Não com...

*Não com a Gladys aqui*, ele pretendia dizer, mas a porta da C17 foi fechada. Gladys tinha ido embora. Talvez para preservar minha decência, pensou Luke, mas provavelmente porque ela já estava de saco cheio das minhas merdas. O que o teria alegrado, ele tinha certeza, se não fosse a vara de vidro que logo estaria explorando profundezas antes inexploradas de sua anatomia. Parecia o tipo de termômetro que um veterinário poderia usar para medir a temperatura de um cavalo.

— Não com o quê? — Ele balançou o termômetro para a frente e para trás, como o pompom de um líder de torcida. — Não com isso? Desculpa, camarada, mas tem que ser. Ordem do quartel-general, sabe.

— Usar um termômetro de sovaco não seria mais fácil? — perguntou Luke. — Aposto que dá pra comprar na CVS baratinho. Fica ainda mais barato com o cartão de fidelidade...

— Guarda sua sabedoria pros seus amigos. Abaixa a calça e se vira sobre a cadeira, senão eu faço por você. E você não vai gostar.

Luke andou lentamente até a cadeira, desabotoou e puxou a calça para baixo e se inclinou.

— Ah, maravilha, é assim que se faz! — Zeke parou na frente dele. Estava com o termômetro em uma das mãos e um frasco de vaselina na outra. Mergulhou e tirou o termômetro do frasco, que ficou com uma bolha gelatinosa na ponta. Para Luke, parecia a frase de efeito de uma piada suja. — Está vendo? Muito lubrificante. Não vai doer nada. Só

relaxa as nádegas e lembra que, enquanto você não sentir as minhas *duas* mãos em você, sua virgindade posterior permanece intacta.

Ele foi para trás de Luke, que ficou inclinado com os antebraços apoiados no assento da cadeira e a bunda levantada. Ele sentia o cheiro do próprio suor, forte e rançoso. Tentou lembrar a si mesmo que não era o primeiro garoto a receber aquele tratamento no Instituto. Ajudou um pouco... mas não muito, não tanto. A sala estava cheia de equipamentos altamente tecnológicos e aquele homem estava se preparando para medir sua temperatura da forma menos tecnológica imaginável. Por quê?

Para me quebrar, pensou Luke. Para fazer com que eu entenda que sou uma cobaia e, quando você tem cobaias, pode obter os dados que quiser do jeito que quiser. E talvez eles nem *queiram* esse dado específico. Talvez seja só um jeito de dizer: *Se a gente pode enfiar isso no seu cu, o que mais a gente pode enfiar lá?* Resposta: *O que a gente tiver vontade.*

— O suspense está te matando, né? — perguntou Zeke às suas costas, e o filho da puta estava quase rindo.

## 9

Depois da infâmia do termômetro, que pareceu demorar muito tempo, Zeke tirou a pressão arterial, botou um monitor de O<sub>2</sub> no dedo dele e verificou altura e peso. Ele olhou a garganta e o nariz de Luke. Anotou os resultados cantarolando. Àquela altura, Gladys já tinha voltado e estava bebendo em uma caneca com margaridas e sorrindo aquele sorriso falso.

— Hora da injeção, garoto Lukey — disse Zeke. — Você não vai me dar trabalho, vai?



Luke fez que não. A única coisa que desejava agora era voltar para o quarto e limpar a vaselina da bunda. Ele não tinha motivo para sentir vergonha, mas sentia mesmo assim. Humilhado.

Zeke lhe deu uma injeção. Não houve calor dessa vez. Não houve nada além de uma dor leve que apareceu e sumiu.

Zeke olhou o relógio, os lábios se movendo enquanto contava os segundos. Luke fez o mesmo, só que sem mover os lábios. Tinha chegado a trinta quando Zeke baixou seu braço.

— Alguma náusea?

Luke balançou a cabeça.

— Gosto metálico na boca?

O único gosto que Luke estava sentindo era do suco de laranja.

— Não.

— Certo, ótimo. Agora, olha para a parede. Está vendo algum ponto?

Talvez uns pontos um pouco maiores, tipo círculos.

Luke balançou a cabeça.

— Você está falando a verdade, camarada, não está?

— Estou. Não vejo pontos. Nem círculos.

Zeke o encarou por vários segundos (Luke pensou em perguntar se ele estava vendo algum ponto ali, mas se segurou). Depois, se empertigou, bateu as mãos uma na outra com exagero, como se estivesse tirando poeira delas, e se virou para Gladys.

— Pode tirar ele daqui. O dr. Evans vai querer ver ele esta tarde pro negócio do olho. — Ele indicou um projetor. — Quatro horas.

Luke pensou em perguntar o que era o negócio do olho, mas não se importava. Ele estava com fome, o que aparentemente não mudava independentemente do que fizessem com ele (ao menos até ali), mas o

que ele queria mais do que comida era se limpar. Estava se sentindo (e só essa palavra podia descrever adequadamente) sodomizado.

— Não foi tão ruim, foi? — perguntou Gladys, enquanto os dois subiam pelo elevador. — Muita agitação pra nada. — Luke pensou em perguntar se ela acharia que era muita agitação pra nada se tivesse sido o cu *dela*. Nicky talvez perguntasse, mas ele não era Nicky.

Ela abriu o sorriso falso que ele estava achando cada vez mais horrível.

— Você está aprendendo a se comportar e isso é *maravilhoso*. Toma uma ficha. Na verdade, toma logo duas. Estou me sentindo generosa hoje.

Ele pegou as fichas.

Mais tarde, no chuveiro, com a cabeça inclinada e a água correndo pelo cabelo, chorou mais um pouco. Ele era parecido com Helen ao menos em uma coisa: queria que tudo fosse um sonho. Daria qualquer coisa, talvez a própria alma, se pudesse acordar com a luz do sol sobre a cama como uma segunda coberta e sentir cheiro de bacon fritando lá embaixo. As lágrimas finalmente secaram e ele começou a sentir uma coisa diferente de dor e perda, uma coisa mais dura. Uma espécie de alicerce que era desconhecido para ele. Era um alívio saber que existia.

Aquilo não era um sonho, estava mesmo acontecendo e sair dali não parecia mais suficiente. Aquela coisa dura queria mais. Queria expor todo o grupo de sequestradores e torturadores de crianças, da sra. Sigsby até Gladys com os sorrisos de plástico, e Zeke com o termômetro retal gosmento. Derrubar o Instituto sobre a cabeça de todos eles, assim como Sansão derrubou o templo de Dagom em cima dos filisteus. Sabia que isso não passava de uma fantasia ressentida e impotente de um garoto de doze anos, mas ele queria mesmo assim e, se houvesse alguma forma de fazer isso, ele faria.

Como seu pai gostava de dizer, era bom ter objetivos. Podiam ajudá-lo a enfrentar momentos difíceis.

10

Quando ele chegou ao refeitório, estava vazio exceto pelo zelador (FRED, dizia o crachá) limpando o chão. Ainda estava cedo para o almoço, mas havia uma tigela de frutas (laranjas, maçãs, uvas e umas bananas) em uma mesa na frente. Luke pegou uma maçã, foi até as máquinas e usou uma das fichas para pegar um saco de pipoca. O café da manhã dos campeões, pensou ele. A mamãe daria um chilique.

Ele levou a comida para a sala e olhou para o parquinho. George e Iris estavam sentados a uma das mesas de piquenique, jogando damas. Avery estava na cama elástica, dando pulos medianos e cautelosos. Não havia sinal de Nicky nem de Helen.

— Acho que essa é a pior combinação de comidas que eu já vi — disse Kalisha.

Ele pulou e derrubou um pouco de pipoca no chão.

— Caramba, você bem que sabe assustar uma pessoa.

— Desculpa. — Ela se agachou, pegou algumas das pipocas do chão e jogou na boca.

— Do chão? — perguntou Luke. — Não acredito que você fez isso.

— Regra dos cinco segundos.

— De acordo com o Serviço Nacional de Saúde, que fica na Inglaterra, a regra dos cinco segundos é mito. Uma farsa.

— Ser um gênio significa que você tem a missão de estragar as ilusões de todo mundo?

— Não, eu só...



Ela sorriu e se levantou.

— Só estou de sacanagem, Luke. A garota da catapora está de sacanagem com você. Você está bem?

— Estou.

— Hoje foi o dia da temperatura retal?

— Foi. Não vamos falar sobre isso.

— Pode deixar. Quer jogar cribbage até a hora do almoço? Se você não souber jogar, posso ensinar.

— Eu sei, mas não quero. Acho que vou ficar um tempo no meu quarto.

— Pra pensar na situação?

— Mais ou menos isso. Nos vemos no almoço.

— Quando a campainha tocar. Está marcado. Levanta a cabeça, pequeno herói, e bate aqui.

Ela levantou a mão e Luke viu alguma coisa presa entre o polegar e o indicador. Ele bateu com sua palma branca na palma escura dela e o pedaço de papel dobrado passou para a mão dele.

— Até mais, garoto — disse ela, indo para o parquinho.

No quarto, Luke se deitou na cama, se virou para ficar de frente para a parede e desdobrou o quadradinho de papel. A letra de Kalisha era pequena e bem bonita.

*Encontre a Maureen do lado da máquina de gelo, perto do quarto do Avery. AGORA. Joga isso na privada.*

Ele amassou o papel, foi até o banheiro e largou o bilhete na privada, enquanto abaixava a calça. Sentiu-se ridículo ao fazer isso, como um garoto brincando de espião. Ao mesmo tempo, não se sentiu nada ridículo. Teria adorado acreditar que pelo menos não havia vigilância na *maison du chier*, mas não acreditava.

A máquina de gelo. Onde Maureen tinha falado com ele no dia anterior. Era meio interessante. De acordo com Kalisha, havia vários lugares na Parte da Frente onde a vigilância de áudio funcionava mal ou não funcionava, mas Maureen parecia preferir aquele. Talvez por não haver vigilância de vídeo lá. Talvez porque era onde ela se sentia mais segura, possivelmente porque a máquina de gelo era muito barulhenta. Ou talvez ele estivesse fazendo sua avaliação com poucas evidências.

Ele pensou em entrar no *Star Tribune* antes de se encontrar com Maureen e se sentou diante do computador. Até chegou a abrir o sr. Griffin, mas parou aí. Ele *queria* saber? Queria descobrir, talvez, que aqueles filhos da mãe, aqueles *monstros*, estavam mentindo e seus pais estavam mortos? Entrar no *Star Tribune* para conferir seria um pouco como apostar as economias da vida toda em um giro de roleta.

Agora não, decidiu ele. Talvez depois que a humilhação do termômetro estivesse um pouco mais para trás, mas não agora. Se isso fosse sinal de covardia, paciência. Ele desligou o computador e foi andando até a outra ala. Maureen não estava perto da máquina de gelo, mas o carrinho de roupas estava parado na metade do que Luke pensava agora como o corredor do Avery, e ele a ouvia cantar alguma coisa sobre chuva, tanta chuva. Ele seguiu aquele som de voz e a viu colocando lençóis limpos em um quarto decorado com pôsteres do WWF, com fortões de shortinhos apertados. Todos pareciam malvados, do tipo que mastiga pregos e cospe grampos.

— Oi, Maureen, como vai?

— Bem. As costas estão doendo um pouco, mas tenho meu Motrin.

— Quer ajuda?

— Obrigada, mas este é o último quarto e estou quase acabando. São duas garotas e um garoto. Devem chegar em breve. Este é o quarto do

garoto. — Ela indicou os pôsteres e riu. — Como se você não soubesse.

— Bom, pensei em pegar um pouco de gelo, mas não tem balde no meu quarto.

— Ficam empilhados em um vão ao lado da máquina. — Ela se empertigou, botou as mãos na base da coluna e fez uma careta. Luke ouviu a espinha estalar. — Ah, assim está melhor. Vou te mostrar.

— Só se não der trabalho.

— Trabalho nenhum. Vem. Você pode empurrar meu carrinho se quiser.

Enquanto eles andavam pelo corredor, Luke pensou em suas pesquisas sobre o problema de Maureen. Uma estatística horrível se destacou: os norte-americanos devem mais de doze trilhões de dólares. Dinheiro gasto, mas não ganho, só prometido. Um paradoxo que só contadores podiam amar. Enquanto boa parte dessa dívida tinha a ver com hipotecas de casas e propriedades comerciais, uma quantidade significativa era relativa àqueles retângulos de plástico que todo mundo carregava na bolsa e na carteira: a oxicodona dos consumidores americanos.

Maureen abriu um armário pequeno à direita da máquina.

— Você pode pegar um para mim? Não queria ter que me inclinar. Algum sujeito sem consideração empurrou todos os baldes pro fundo.

Luke esticou a mão. Quando fez isso, falou com voz baixa.

— Kalisha me contou sobre seu problema com cartões de crédito. Acho que sei como resolver, mas muita coisa depende da sua residência declarada.

— Minha residência...

— Em que estado você mora?

— Eu... — Ela lançou um olhar rápido e furtivo ao redor. — Nós não podemos contar coisas pessoais pros residentes. Seria o fim do meu



emprego se alguém descobrisse. Posso confiar em você, Luke?

— Vou ficar de bico calado.

— Eu moro em Vermont. Burlington. É pra lá que eu vou na minha semana de folga. — Contar para ele pareceu liberar alguma coisa dentro dela e, apesar de manter o volume baixo, as palavras saíram em uma torrente. — A primeira coisa que tenho que fazer quando saio do trabalho é apagar um monte de ligações de cobrança do celular. E, quando chego em casa, da secretária eletrônica do telefone. Você sabe, do fixo. Quando a secretária eletrônica fica cheia, eles deixam cartas de aviso ou de ameaça, na caixa de correspondência e por baixo da porta. Meu carro eles podem tomar quando quiserem, é um ferro-velho, mas agora estão falando em tirar a minha casa! Está paga, e não graças a *ele*. Quitei a hipoteca com o bônus do contrato quando vim trabalhar aqui, foi *por isso* que aceitei esse trabalho, mas vão tirar, e aquele troço já era...

— Patrimônio — sussurrou Luke.

— Isso mesmo. — As bochechas pálidas se encheram de cor, mas Luke não sabia se era de vergonha ou de raiva. — E quando pegarem a casa eles vão querer o que está guardado, e aquele dinheiro não é pra mim! Não é pra mim, mas vão pegar de qualquer jeito. Eles dizem.

— Ele acumulou isso tudo?

Luke estava perplexo. O homem devia ser uma máquina de gastar.

— *Sim!*

— Fala baixo. — Ele segurou o balde de plástico com uma das mãos e abriu a máquina de gelo com a outra. — Seu local de residência é bom. Vermont não é um estado de comunhão de bens.

— O que isso quer dizer?

Uma coisa que não querem que você saiba, pensou Luke. Tem tantas coisas que não querem que você saiba. Quando fica grudada na armadilha de moscas, eles querem que você permaneça lá. Ele pegou a concha de plástico dentro da porta da máquina de gelo e fingiu estar quebrando pedaços.

— Os cartões que ele usou estavam no nome dele ou no seu?

— No dele, claro, mas estão cobrando de mim porque ainda somos legalmente casados e temos conta conjunta!

Luke começou a encher o balde de plástico com gelo... bem devagar.

— Eles dizem que podem fazer isso e parece plausível, mas não podem. Não legalmente, não em Vermont. Não na maioria dos estados. Se ele estava usando os cartões *dele* e a assinatura dele estava nos canhotos, a dívida é *dele*.

— Eles dizem que é nossa! De nós dois!

— Eles mentem — disse Luke, com tristeza. — Quanto às ligações que você mencionou... alguma delas acontece depois das oito da noite?

A voz dela desceu até um sussurro feroz.

— Você está brincando? Às vezes eles ligam à meia-noite! “Pague senão o banco vai tirar sua casa semana que vem! Você vai voltar e encontrar as fechaduras trocadas e seus móveis no gramado!”

Luke tinha lido sobre situações como esta e coisa pior. Cobradores de dívidas ameaçando tirar pais idosos de casas de repouso. Ameaçando ir atrás de filhos jovens ainda tentando alcançar alguma independência financeira. Qualquer coisa para conseguir uma porcentagem da grana.

— É bom você estar fora na maior parte do tempo e essas ligações caírem na caixa postal. Não deixam você trazer o celular pra cá?

— Não! Meu Deus, não! Fica trancado no meu carro em... bom, não aqui. Mudei de número uma vez e eles conseguiram o novo. Como

puderam fazer isso?

É fácil, pensou Luke.

— Não apaga essas ligações. Guarda. Elas têm o horário marcado. É ilegal que agências de cobrança liguem para os clientes, porque é assim que eles chamam gente como você, clientes, depois das oito da noite.

Ele virou o balde e começou a enchê-lo de novo, ainda mais devagar. Maureen estava olhando para ele com admiração e um pouco de esperança, mas Luke nem percebeu. Estava mergulhado no problema, desenhando as linhas até o ponto central, onde poderiam ser cortadas.

— Você precisa de um advogado. Nem pense em procurar uma das empresas de dinheiro fácil que anunciam na televisão a cabo. Eles vão tirar tudo que puderem de você e te levar à falência. Você nunca vai conseguir seu histórico de crédito de volta. Você precisa de um advogado honesto de Vermont que seja especializado em liquidação de dívida, que saiba sobre o Ato de Práticas Justas de Cobranças de Dívidas e que odeie aqueles sanguessugas. Posso pesquisar e encontrar um nome.

— Você pode fazer isso?

— Tenho quase certeza. — Se não tirassem seu computador primeiro, claro. — O advogado precisa descobrir qual agência de cobrança está encarregada de tentar conseguir o dinheiro. Quem está te assustando e ligando no meio da noite. Os bancos e as empresas de cartão de crédito não gostam de dar os nomes dos comparsas que usam, mas, a não ser que o Ato de Práticas Justas seja revogado, e tem gente poderosa em Washington tentando isso, um bom advogado pode obrigá-los a fornecer essa informação. As pessoas que estão ligando pra você passam do limite o tempo todo. São uns cretinos que trabalham em centrais de telemarketing.

Não muito diferentes dos cretinos que trabalham aqui, pensou Luke.



— O que são...

— Não importa. — Seria longo demais. — Com as fitas da sua secretária eletrônica, um bom advogado vai procurar os bancos e dizer que eles têm duas escolhas: perdoar as dívidas ou ir ao tribunal, acusados de práticas ilegais. Os bancos odeiam ir a julgamento e que descubram que eles contratam cobradores que são quase como os caras que quebram pernas em um filme do Scorsese.

— Você acha que eu não tenho que pagar?

Maureen estava perplexa. Ele olhou para o rosto cansado e pálido.

— Você fez alguma coisa errada?

Ela balançou a cabeça.

— Mas é *tanto* dinheiro. Ele estava mobiliando a casa em Albany, comprando aparelhos de som e computadores e televisões de tela plana, ele tem uma amante e está comprando coisas pra ela, ele gosta de cassinos e isso está acontecendo há *anos*. A boba e ingênua aqui só percebeu quando era tarde demais.

— Não é tarde demais, é o que...

— Oi, Luke.

Luke deu um pulo, se virou e viu Avery Dixon.

— Oi. Como estava a cama elástica?

— Boa. Depois ficou chata. Adivinha? Me deram uma injeção e eu nem chorei.

— Que bom.

— Quer ver televisão na sala até a hora do almoço? A Iris disse que tem Nickelodeon. *Bob Esponja*, *Rusty Rivets* e *The Loud House*.

— Agora não, mas pode aproveitar.

Avery observou os dois por mais um momento e seguiu pelo corredor.

Quando ele foi embora, Luke se virou para Maureen.

— Não é tarde demais, é o que estou dizendo. Mas você tem que ser rápida. Me encontra aqui amanhã. Vou ter um nome pra você. Alguém bom. Alguém com um histórico. Eu prometo.

— Isso... filho, isso é bom demais pra ser verdade.

Ele gostou de ser chamado de filho por ela. Provocou uma sensação calorosa. Era burrice, talvez, mas era verdade.

— Mas não é. O que estão tentando fazer com você é *ruim* demais pra ser verdade. Eu tenho que ir. Está quase na hora do almoço.

— Não vou me esquecer disso — disse ela e apertou a mão dele. — Se você puder...

As portas bateram no final do corredor. De repente Luke teve certeza de que veria dois cuidadores, os dois piores, talvez Tony e Zeke, vindo atrás dele. Eles o levariam para algum lugar e fariam perguntas sobre o que estava conversando com Maureen e, se ele não contasse na mesma hora, usariam as “técnicas aprimoradas de interrogatório” até ele falar tudo. Ele estaria encrencado, mas o problema de Maureen talvez fosse pior.

— Calma, Luke — tranquilizou ela. — São só os novos residentes.

Três cuidadores de rosa passaram pela porta, puxando uma série de macas. Havia garotas dormindo nas duas primeiras, as duas loiras. Na terceira havia a silhueta de um garoto ruivo. Supostamente o fã de WWF. Todos estavam dormindo. Quando eles chegaram mais perto, Luke disse:

— Caramba, acho que essas garotas são gêmeas! Idênticas!

— Acertou. Elas se chamam Gerda e Greta. Agora vá comer alguma coisa. Tenho que ajudar esse pessoal a acomodar os novatos.

Avery estava sentado em uma das poltronas da sala, balançando os pés e comendo um Slim Jim enquanto assistia ao que estava acontecendo na Fenda do Biquíni.

— Ganhei duas fichas por não ter chorado quando levei a injeção.

— Que bom.

— Pode ficar com o outro, se quiser.

— Não, obrigado. Guarda pra mais tarde.

— Tudo bem. O *Bob Esponja* é legal, mas eu queria ir pra casa.

Avery não chorou nem berrou nem nada, mas as lágrimas começaram a cair do canto dos olhos.

— É, eu também. Chega pra lá.

Avery se mexeu um pouco e Luke se sentou ao seu lado. Ficou apertado, mas deu. Luke passou o braço pelos ombros de Avery e lhe deu um abraço. Avery reagiu botando a cabeça no ombro de Luke, o que o emocionou de um jeito indescritível e fez com que ele ficasse com vontade de chorar.

— Adivinha, Maureen tem um filho — contou Avery.

— É mesmo? Você acha?

— Claro. Ele era pequeno, mas agora é grande. Maior do que o Nicky.

— Aham, certo.

— É segredo. — Avery não tirou os olhos da tela, onde Patrick estava discutindo com o Sirigueijo. — Ela está guardando dinheiro pra ele.

— É mesmo? E como você sabe disso?

Avery olhou para Luke.

— Eu só sei. Como sei que Rolf é seu melhor amigo e que você morava na Wildersmoot Drive.

Luke olhou para ele, boquiaberto.

— Meu Deus, Avery.



— Bom, né?

E, apesar de ainda haver lágrimas nas bochechas dele, Avery deu uma risadinha.

12

Depois do almoço, George propôs um jogo de badminton de três contra três: ele, Nicky e Helen contra Luke, Kalisha e Iris. Iris disse que o time de Nicky podia até ficar com Avery como bônus.

— Ele não é bônus, é um atraso — disse Helen e afastou a nuvem de mosquitos em volta dela.

— O que é atraso? — perguntou Avery.

— Se você quiser saber, leia meus pensamentos — disse Helen. — Além do mais, badminton é pros frescos que não conseguem jogar tênis.

— Nossa, que companhia agradável — alfinetou Kalisha.

Helen saiu andando até as mesas de piquenique e dos armários de jogos e mostrou o dedo do meio acima do ombro, sem olhar para trás. E balançou. Iris disse que podia ser Nicky e George contra Luke e Kalisha. Ela ficaria de juíza na lateral. Avery disse que ajudaria. Como todos concordaram, o jogo começou. A pontuação estava empatada em dez a dez quando a porta da sala se abriu e o garoto novo saiu andando, quase conseguindo andar em linha reta. Ele parecia atordoado pela droga no organismo. Também parecia puto da vida. Luke imaginou que ele tinha um metro e oitenta e talvez dezesseis anos de idade. Ele tinha uma barriga considerável, uma pança de comida que poderia virar de chope na idade adulta, mas os braços bronzeados eram repletos de músculos e ele tinha trapézios incríveis, talvez de levantar peso. As bochechas eram cobertas de sardas e acne. Os olhos pareciam rosados e irritados. O

cabelo ruivo estava espetado como quem acabou de acordar. Todos pararam o que estavam fazendo para olhar para ele.

Sussurrando sem mover os lábios, como uma condenada em pátio de prisão, Kalisha disse:

— É o Incrível Hulk.

O novato parou perto da cama elástica e observou os outros. Ele falou devagar, pausadamente, como se desconfiando que as pessoas a quem se dirigia tivessem pouca compreensão de inglês. Seu sotaque era do Sul.

— *Que... porra... é essa?*

Avery se aproximou.

— É o Instituto. Oi, sou Avery. Qual é o seu n...

O novato encostou a base da mão no queixo de Avery e o empurrou. Não com muita força, mais com distração, mas Avery se estatelou em uma das almofadas em volta da cama elástica e ficou olhando com uma expressão de surpresa e choque. O novato não prestou atenção nele, nem nos jogadores de badminton, nem em Iris, nem em Helen, que tinha parado de virar as cartas de um jogo de paciência. Ele parecia estar falando sozinho.

— *Que... porra... é essa?*

Ele espantou os insetos com irritação. Como Luke na sua primeira ida ao parquinho, o novato não tinha passado repelente. Os mosquitos não estavam só voando em volta dele. Estavam pousando e experimentando seu suor.

— Ah, cara — disse Nicky. — Você não devia ter derrubado o Avester assim. Ele estava tentando ser legal.

O novato finalmente prestou atenção. Ele se virou para Nick.

— *Quem... é... você?*

— Nick Wilholm. Ajuda o Avery a se levantar.

— O quê?

Nick fez uma expressão paciente.

— Você derrubou ele, você ajuda ele a se levantar.

— Eu ajudo — disse Kalisha, e correu até a cama elástica. Ela se inclinou para segurar o braço de Avery e o novato empurrou *ela*. Em vez de cair no acolchoado, ela caiu no cascalho e arranhou o joelho.

Nick largou a raquete de badminton e foi até o novato. Ele botou as mãos nos quadris.

— Agora você pode ajudar os dois a se levantarem. Sei que você está perdidinho, mas isso não é desculpa.

— E se eu não ajudar?

Nick sorriu.

— Daí eu vou foder com a sua vida, gordo.

Helen Simms estava olhando com interesse da mesa de piquenique. George parecia ter decidido ir para um território mais seguro. Ele se dirigiu para a porta da sala, passando longe do novato no caminho.

— Não se incomode se ele quer ser babaca — disse Kalisha para Nicky. — Estamos bem, não estamos, Avery? — Ela o ajudou a se levantar e começou a recuar.

— Claro que estamos — concordou Avery, mas lágrimas mais uma vez desciam pelas bochechas fofas.

— Quem você está chamando de babaca, sua puta?

— Deve ser você, considerando que você é o único babaca aqui — disse Nick, dando um passo mais para perto dele. Luke estava fascinado pelo contraste. O novato era um martelo, e Nicky, uma lâmina. — Você tem que pedir desculpas.

— Foda-se você e foda-se seu pedido de desculpas — disse o novato. — Não sei que lugar é este, mas não vou ficar aqui. Agora, sai da minha



frente.

— Você não vai a lugar nenhum — disse Nicky. — Você veio pra ficar, assim como todos nós.

Ele sorriu sem mostrar os dentes.

— Parem, vocês dois — pediu Kalisha.

Ela estava com os braços nos ombros de Avery, e Luke não precisava ser leitor de mentes para saber o que ela estava pensando, porque ele estava pensando a mesma coisa: o novato devia ser uns trinta quilos mais pesado do que Nicky, talvez uns quarenta. E, apesar de ter um monte de gordura na frente, os braços não eram brincadeira.

— Último aviso — ameaçou o novato. — Sai da frente ou quebro a sua cara.

George pareceu ter mudado de ideia sobre entrar. Agora, estava indo em direção ao novato, não por trás, mas pelo lado. Já Helen se aproximava por trás, não rápido, mas com aquele rebolado que Luke tanto admirava. E um sorrisinho na cara.

O rosto de George se contraiu em uma careta de concentração, os lábios apertados e a testa franzida. Os mosquitos que estavam em volta dos dois de repente se juntaram e foram para a cara do novato, como se em um sopro de vento. Ele levou a mão aos olhos e balançou. Helen se ajoelhou às suas costas e Nicky lhe deu um empurrão. O novato caiu deitado, metade no cascalho e metade no asfalto.

Helen se levantou e se afastou, rindo e apontando.

— Quem se fodeu foi você, garotão, quem se fodeu foi você, quem se fodeu foi só você!

Com um rugido de fúria, o novato começou a se levantar. Antes que conseguisse, Nick deu um passo à frente e chutou a coxa dele. Com força. Ele gritou, botou a mão na perna e puxou os joelhos contra o peito.

— Meu Deus, para! — gritou Iris. — A gente já não tem problemas o suficiente sem isso?

O antigo Luke talvez tivesse concordado. O novo Luke, o Luke do Instituto, não.

— Ele começou. E talvez precisasse.

— Vou pegar vocês — choramingou o novato. — Vou pegar todos vocês, seus covardes de golpe baixo!

O rosto dele tinha ficado de um tom alarmante de vermelho-arroxeadado. Luke começou a se perguntar se um garoto de dezesseis anos acima do peso podia ter um derrame e concluiu (impressionante, mas verdadeiro) que não se importava.

Nicky se apoiou em um joelho.

— Não vai porra nenhuma. Agora, você precisa me ouvir, gordão. Nós não somos o seu problema. *Eles é que são.*

Luke olhou em volta e viu três cuidadores lado a lado, diante da porta da sala: Joe, Hadad e Gladys. Hadad não parecia mais simpático, e o sorriso plástico de Gladys tinha sumido. Os três estavam segurando dispositivos pretos com fios. Ainda não estavam se aproximando, mas estavam prontos para isso. Porque não aceitariam que suas cobaias brigassem, pensou Luke. Isso não seria permitido. Cobaias são valiosas.

— Me ajuda com esse filho da puta, Luke — pediu Nicky.

Luke segurou um dos braços do novato e o passou pelo pescoço. Nick fez o mesmo com o outro. A pele do garoto estava quente e oleosa de suor. Ele estava ofegante, tentando respirar entre dentes trincados. Juntos, Luke e Nicky o levantaram.

— Nicky? — perguntou Joe. — Tudo bem? Acabou a confusão?

— Acabou — disse Nicky.

— Melhor mesmo — avisou Hadad, e entrou ao lado de Gladys. Joe ficou onde estava, ainda segurando o dispositivo preto.

— Nós estamos bem — garantiu Kalisha. — Não foi uma confusão *de verdade*, só um pequeno...

— Desentendimento — completou Helen.

— Ele não estava com uma intenção ruim — disse Iris —, só estava chateado.

Havia uma gentileza sincera na voz dela, o que deixou Luke meio envergonhado de se sentir tão feliz quando Nicky chutou a perna do garoto.

— Vou vomitar — anunciou o novato.

— Não na cama elástica, não mesmo — disse Nicky. — A gente usa isso. Vem, Luke. Me ajuda a levar ele até a cerca.

O novato começou a fazer uns barulhos, sua barriga considerável tremendo. Luke e Nicky o levaram até a cerca, entre o parquinho e o bosque. Chegaram lá bem a tempo. O novato apoiou a cabeça no arame do alambrado e vomitou pelos vãos, expulsando os restos do que tinha comido lá fora, quando era um garoto livre em vez de ser o garoto novo.

— Eca — fez Helen. — Alguém comeu creme de milho. Nojento.

— Está melhor? — perguntou Nicky.

O novato assentiu.

— Terminou?

Ele balançou a cabeça e vomitou de novo, dessa vez com menos força.

— Acho...

Limpou a garganta e mais gosma saiu.

— Meu Deus — disse Nicky, limpando a bochecha. — Tem uma toalha pra acompanhar esse seu banho?

— Acho que vou desmaiar.



— Não vai — disse Luke. Ele não tinha certeza, mas achou melhor ser otimista. — Vem aqui pra sombra.

Eles levaram o novato até a mesa de piquenique. Kalisha se sentou ao lado dele e pediu para ele abaixar a cabeça. Ele obedeceu sem discutir.

— Qual é o seu nome? — perguntou Nicky.

— Harry Cross. — Ele não estava mais com vontade de brigar. Parecia cansado e humilhado. — Sou de Selma. Fica no Alabama. Não sei como vim parar aqui, nem o que está acontecendo, nem *nada*.

— A gente pode te contar umas coisas, mas você tem que parar de babaquice. Tem que agir direito — disse Luke. — Este lugar já é bem ruim sem a gente brigando.

— E você tem que pedir desculpas ao Avery — observou George, que agora não tinha nada do palhaço da turma. — É assim que se começa a agir direito.

— Tudo bem — disse Avery. — Ele não me machucou.

Kalisha não deu atenção a isso.

— Pede desculpas.

Harry Cross olhou para a frente. Passou a mão pelo rosto vermelho e simples:

— Desculpa por ter te derrubado, garoto. — Ele olhou para os outros.

— Está bom assim?

— Mais ou menos. — Luke apontou para Kalisha. — Pra ela também.

Harry deu um suspiro.

— Desculpa, seja lá qual for seu nome.

— É Kalisha. Se ficarmos mais amigos, o que não me parece muito provável neste momento, você pode me chamar de Sha.

— Só não chama ela de camarada — disse Luke. George riu e deu um tapinha nas costas dele.

— Vocês que sabem — murmurou Harry, limpando o queixo.

— Agora que a agitação passou, por que a gente não termina a porcaria do jogo de bad...

— Oi, meninas — disse Iris. — Querem vir até aqui?

Luke olhou para a porta. Joe tinha sumido. Havia duas garotas louras paradas onde ele estava antes. Elas estavam de mãos dadas e mostravam expressões idênticas de pavor atordoado. Tudo nelas era idêntico, exceto as camisetas, uma verde e outra vermelha. Luke pensou no Dr. Seuss: Coisa Um e Coisa Dois.

— Venham — chamou Kalisha. — Está tudo bem. A confusão acabou. *Se ao menos isso fosse verdade*, pensou Luke.

### 13

Às quatro e quinze daquela tarde, Luke estava no quarto lendo mais sobre advogados de Vermont especializados no Ato de Práticas Justas de Cobranças de Dívidas. Até então, ninguém tinha perguntado por que ele estava tão interessado naquele assunto. Ninguém tinha perguntado sobre o Homem Invisível de H.G. Wells. Luke achava que poderia elaborar algum tipo de teste para descobrir se estava sendo monitorado (pesquisar no Google sobre formas de cometer suicídio provavelmente funcionaria), mas decidiu que fazer isso seria loucura. Por que cutucar a onça com vara curta? Além disso, como não faria muita diferença para a vida que ele levava agora, era melhor não saber.

Uma batida rápida soou na porta, que se abriu antes que ele pudesse dizer que a pessoa podia entrar. Era uma cuidadora alta, de cabelo escuro. O crachá na blusa rosa dizia PRISCILLA.

— A coisa do olho, não é? — perguntou Luke, desligando o laptop.

— Exatamente. Vamos. — Sem sorriso, sem animação. Depois de Gladys, Luke achou essa abordagem um alívio.

Eles foram até o elevador e desceram para o nível C.

— Até onde este lugar vai pra baixo? — perguntou Luke.

Priscilla olhou para ele.

— Não é da sua conta.

— Eu só estava puxando conver...

— Bom, não faça isso. Cala a boca.

Luke calou a boca.

De volta à sala C-17, Zeke tinha sido substituído por um técnico cujo crachá dizia BRANDON. Dois homens de terno também estavam presentes, um com um iPad e um com uma prancheta. Não usavam crachás e Luke supôs que eram médicos. Um era muito alto, com uma barriga que fazia a de Harry Cross parecer ridícula. Ele deu um passo à frente e estendeu a mão.

— Oi, Luke. Sou o dr. Hendricks, chefe das Operações Médicas.

Luke só olhou para a mão, sem vontade nenhuma de apertá-la. Ele estava aprendendo vários tipos de comportamentos novos. Era interessante de um jeito meio horrível.

O dr. Hendricks deu uma gargalhada meio estranha e meio zurrada, meio expirada e meio inspirada.

— Tudo bem, tudo bem mesmo. Esse é o dr. Evans, encarregado das Operações Oftalmológicas.

Ele deu o zurro inspirado e expirado de novo e Luke concluiu que *Operações Oftalmológicas* era algum tipo de humor de médico. O dr. Evans, um homem pequeno com um bigode desgrenhado, não riu da piada, nem sorriu. Também não ofereceu a mão para ser apertada.



— Então você é um dos novos recrutas. Bem-vindo. Sente-se, por favor.

Luke fez o que ele mandou. Sentar na cadeira era melhor do que se curvar sobre ela com a bunda de fora. Além do mais, ele tinha quase certeza de que sabia o que era aquilo. Já tinha feito exame de vista. Nos filmes, o garoto nerd e genial quase sempre usava óculos grossos, mas a visão de Luke era perfeita, ao menos até então. Ele estava mais ou menos à vontade até Hendricks se aproximar com outra seringa. Seu coração apertou quando a viu.

— Não se preocupe, é só outra picadinha. — Hendricks zurrou de novo e exibiu a boca dentuça. — São muitas injeções, como no exército.

— Claro, porque eu sou um recruta — disse Luke.

— Correto, totalmente correto. Fique parado.

Luke levou a injeção sem protestar. Não houve dor nem calor, mas uma outra coisa aconteceu. Uma coisa ruim. Quando Priscilla se inclinou para colocar um band-aid transparente, ele começou a engasgar.

— Não consigo... — *Engolir* era o que ele queria dizer, mas não conseguiu. Sua garganta se fechou.

— Você está bem — prometeu Hendricks. — Vai passar. — Pareceu uma boa notícia, mas o outro médico estava se aproximando com um tubo, que aparentemente pretendia enfiar na garganta de Luke, se fosse necessário. Hendricks botou a mão no ombro do colega. — Dê alguns segundos a ele.

Luke olhou para aqueles homens com desespero, com cuspe escorrendo pelo queixo e a certeza de que seriam os últimos rostos que ele veria... mas então sua garganta destravou. Ele inspirou intensamente.

— Está vendo? Tudo ótimo. Jim, não há necessidade de entubar — disse Hendricks.

— O que... o que você fez comigo?

— Nada. Você está ótimo.

O dr. Evans entregou o tubo de plástico para Brandon e assumiu o lugar de Hendricks. Ele apontou uma luz para os olhos de Luke, pegou uma pequena régua e mediu a distância entre eles.

— Não usa lentes de contato?

— Quero saber o que foi aquilo! Eu não consegui *respirar*! Não consegui *engolir*!

— Você está bem — disse Evans. — Engolindo como um campeão. A cor está voltando ao normal. Agora, você usa lentes de contato ou não?

— Não — respondeu Luke.

— Que bom. Que bom mesmo. Olhe para a frente, por favor.

Luke olhou para a parede. A sensação de esquecer como se respira passou. Brandon puxou uma tela branca e apagou a luz.

— Fique olhando para a frente — disse o dr. Evans. — Se você afastar o olhar uma só vez, Brandon vai dar um tapa na sua cara. Se afastar o olhar uma segunda vez, Brandon vai dar um choque em você, de voltagem baixa, mas bem dolorido. Entendeu?

— Entendi — respondeu Luke. Ele engoliu em seco. Foi tudo bem, sua garganta parecia normal, mas seu coração ainda estava disparado. — A AMA sabe sobre isso?

— Você tem que calar a boca — disse Brandon.

Calar a boca parecia ser a ordem-padrão ali, pensou Luke. Ele ponderou que o pior já tinha passado, agora era só um exame de olhos, os outros tinham passado pelo mesmo e estavam bem, mas ele ficava

engolindo em seco para verificar que, sim, era capaz. Eles projetariam umas letras, ele leria e seria o fim.

— Pra frente — pediu Evans, quase cantarolando. — Olhos na tela e em nenhum outro lugar.

Uma música começou: violinos tocando alguma coisa clássica. Era para ter um efeito calmante, Luke achava.

— Priss, liga o projetor — disse Evans.

Em vez de uma tabela de letras, um ponto azul apareceu no meio da tela, pulsando de leve, como se tivesse batimento. Um ponto vermelho apareceu abaixo, fazendo-o pensar em HAL (“Desculpe, Dave”). Em seguida, um ponto verde. Os pontos vermelho e verde pulsavam em sincronia com o azul, depois os três começaram a piscar. Outros começaram a aparecer, primeiro um de cada vez, depois dois de cada vez, depois aos montes. Em pouco tempo, a tela estava cheia de centenas de pontos coloridos piscando.

— Na tela — cantarolou Evans. — Na *teeeela*. Em nenhum outro lugar.

— Então se eu não vejo sozinho vocês projetam? Tipo para dar o estímulo? Isso não...

— Cala a boca — Priscilla, dessa vez.

Agora, os pontos começaram a girar. iam uns atrás dos outros, como loucos, alguns parecendo espiralar, outros se amontoando, alguns formando círculos que subiam e desciam e se cruzavam. Os violinos estavam acelerando, a música clássica suave virando uma coisa que parecia música de dançar quadrilha. Os pontos não estavam só se movendo agora: tinham virado um painel eletrônico da Times Square com os circuitos elétricos e tendo um colapso nervoso. Luke começou a sentir como se *ele* estivesse tendo um colapso nervoso. Pensou em Harry



Cross vomitando no alambrado e soube que faria a mesma coisa se ficasse olhando para aqueles pontos coloridos correndo como loucos, e ele não queria vomitar, acabaria caindo no seu colo...

Brandon lhe deu um tapa forte. O barulho foi de uma bombinha estourando, perto e longe ao mesmo tempo.

— Olha pra tela, camarada.

Tinha uma coisa quente escorrendo no lábio superior dele. O filho da puta acertou meu nariz, além de bater na minha bochecha, pensou Luke, mas sem dar importância. Aqueles pontos rodopiando estavam entrando na sua cabeça, invadindo o seu cérebro como encefalite ou meningite. Algum tipo de *ite*, pelo menos.

— Pronto, Priss, desliga agora — pediu Evans.

No entanto, ela não devia ter ouvido, porque os pontos não sumiram. Só floresciam e encolhiam, cada florescimento maior do que o anterior: *woosh* para fora e *zip* para dentro, *woosh* e *zip*. Estavam ficando em 3D, saindo da tela, pulando em cima dele, recuando, se adiantando, correndo...

Ele achou que Brandon estivesse dizendo alguma coisa sobre Priscilla, mas devia ser coisa da sua cabeça, não? E havia alguém gritando? Se sim, podia ser ele?

— Bom menino. Isso está ótimo, Luke, você está indo bem. — A voz de Evans, vinda de longe. De um drone lá na estratosfera. Talvez do outro lado da lua.

Mais pontos coloridos. Não estavam só na tela agora, mas também nas paredes, girando no teto, ao seu redor, dentro dele. Nos últimos segundos antes de desmaiar, Luke teve a impressão de que os pontos estavam *substituindo* o seu cérebro. Ele viu as mãos voarem no meio dos

pontos de luz, viu as mãos dançando e correndo na pele, percebeu que estava se debatendo na cadeira.

Ele tentou dizer *Eu estou tendo uma convulsão, vocês estão me matando*, mas tudo que saiu da sua boca foi um gorgolejo. Os pontos sumiram, ele estava caindo da cadeira, estava caindo na escuridão e isso foi um alívio. Ah, Deus, que alívio.

14

Ele foi despertado com tapas. Não foram tapas fortes, não como o que tinha feito seu nariz sangrar (se é que isso realmente acontecera), mas também não eram tapinhas de amor. Ele abriu os olhos e viu que estava no chão, em uma sala diferente. Priscilla estava apoiada em um joelho, ao seu lado. Os tapas eram dela. Brandon e os dois médicos estavam ali perto, olhando. Hendricks ainda segurava o iPad, e Evans, a prancheta.

— Ele acordou — disse Priscilla. — Você consegue se levantar, Luke?

Luke não sabia se conseguia ou não. Quatro ou cinco anos antes, ele tivera faringite e febre alta. Sentia-se agora como nessa ocasião, como se metade dele tivesse saído do corpo e ido para a atmosfera. A boca estava com gosto ruim, e o local da última injeção coçava muito. Ele ainda sentia a garganta inchando e se fechando e sentia o quanto tudo isso tinha sido horrível.

Brandon não deu a Luke a chance de testar as pernas, só segurou seu braço e o puxou para que ficasse de pé. Luke ficou parado, oscilando.

— Qual é o seu nome? — perguntou Hendricks.

— Luke... Lucas... Ellis. — As palavras pareciam sair não da sua boca, mas da sua metade solta que flutuava acima da cabeça. Ele estava cansado. O rosto latejava pelos tapas repetidos e seu nariz estava doendo.

Ele levantou a mão (subiu lentamente, como se imerso na água), esfregou a pele acima do lábio e olhou sem surpresa para os flocos de sangue seco no dedo. — Quanto tempo fiquei apagado?

— Coloca ele sentado — pediu Hendricks.

Brandon segurou um dos braços de Luke e Priscilla o outro. Eles o levaram até uma cadeira (uma cadeira simples de cozinha, sem correias, graças a Deus). Ele estava na frente de uma mesa. Evans estava sentado atrás, em outra cadeira de cozinha, diante de uma pilha de cartas grandes como livros e azuis na parte de trás.

— Quero voltar pro meu quarto — disse Luke, cuja voz ainda não parecia estar vindo da boca, mas estava um pouco mais próxima. Talvez. — Quero me deitar. Estou enjoado.

— Sua desorientação vai passar — garantiu Hendricks —, mas pode ser uma boa pular a janta. Agora, quero que você preste atenção ao dr. Evans. Temos um teste pra você. Quando terminar, você pode voltar pro seu quarto e... er... despressurizar.

Evans pegou a primeira carta e olhou para ela.

— O que é?

— Uma carta — disse Luke.

— Guarda as piadas pro seu canal do YouTube — disse Priscilla, dando um tapa nele, bem mais forte do que os que ela usou para trazê-lo de volta.

O ouvido de Luke começou a apitar, mas pelo menos sua mente estava um pouco mais clara. Ele olhou para Priscilla e não viu hesitação. Nem arrependimento. Zero empatia. Nada. Luke percebeu que não era uma criança para ela. Ela tinha feito uma separação crucial na cabeça: ele era uma cobaia. Você obrigava a cobaia a fazer o que você queria e, se não fizesse, você administrava o que os psicólogos chamavam de reforço



negativo. E quando os testes acabavam? Você ia para a sala de descanso tomar um café e comer um bolinho e conversava sobre seus filhos (que eram crianças de verdade) ou reclamava de política, esporte, o que fosse.

Mas Luke já não sabia disso? Ele achava que sim, só que saber de uma coisa e sentir a verdade dela irritando sua pele eram duas coisas diferentes. Luke sabia que chegaria uma hora, e não demoraria, em que se encolheria todas as vezes que alguém abrisse a mão para ele, mesmo que fosse só para cumprimentá-lo ou pedir um *high five*.

Evans botou a carta de lado e pegou outra na pilha.

— E esta, Luke?

— Já falei, não sei! Como eu posso saber o que...

Priscilla deu outro tapa nele. Seu ouvido estava ecoando outra vez e Luke começou a chorar. Não conseguiu se controlar. Ele achava que o Instituto era um pesadelo, mas aquilo era o verdadeiro pesadelo: estar metade fora do corpo e ouvir perguntas sobre cartas que ele não conseguia ver e levar tapas quando dizia que não sabia.

— Tenta, Luke — disse Hendricks em seu ouvido que não estava ecoando.

— Quero voltar pro meu quarto. Estou *cansado*. E enjoado.

Evans colocou a segunda carta de lado e pegou uma terceira.

— O que é?

— Você cometeu um erro — disse Luke. — Sou TC, não TP. Pode ser que Kalisha consiga dizer o que tem nessas cartas e tenho certeza de que Avery também, *mas eu não sou tp!*

Evans pegou uma quarta.

— O que é? Chega de tapas. Me diz, senão dessa vez o Brandon vai te dar um choque com o bastão elétrico e vai doer. Você provavelmente não vai ter outra convulsão, mas talvez tenha, então me diz, Luke, o que é?

— A ponte do Brooklyn! — gritou ele. — A torre Eiffel! Brad Pitt de smoking, um cachorro cagando, as 500 milhas de Indianápolis, *sei lá!*

Ele esperou o bastão elétrico, que devia ser algum tipo de taser. Talvez fosse estalar ou zumbir. Talvez não fosse emitir som nenhum e ele só tremesse e caísse no chão, se sacudindo e babando. Mas Evans botou a carta de lado e fez sinal para Brandon se afastar. Luke não sentiu alívio.

Ele pensou: queria estar morto. Morto e fora disso.

— Priscilla — pediu Hendricks. — Leva o Luke de volta pro quarto.

— Sim, doutor. Bran, me ajuda com ele até o elevador.

Quando eles chegaram lá, Luke já se sentia reintegrado, a mente engrenando de novo. Eles teriam mesmo desligado o projetor? E ele *teria continuado* vendo os pontos?

— Vocês cometeram um erro. — A boca e a garganta de Luke estavam muito secas. — Eu não sou o que vocês chamam de TP. Vocês sabem, né?

— Não interessa — disse Priscilla, com indiferença. Ela se virou para Brandon e, com um sorriso de verdade, se transformou em outra pessoa. — Vejo você mais tarde, né?

Brandon sorriu.

— Com certeza.

Ele se virou para Luke, fechou a mão e mirou no rosto do garoto. Parou a dois centímetros do nariz, mas Luke se encolheu e gritou. Brandon deu uma gargalhada alta e Priscilla abriu um sorriso indulgente como quem diz “ah, esses meninos”.

— Vai devagar com ela, Luke — disse Brandon e foi para o corredor do nível C com um gingado diferente, o bastão elétrico preso no cinto batendo no quadril.

No corredor principal, que Luke entendia agora como a ala dos residentes, as gêmeas Gerda e Greta estavam paradas, com olhos

arregalados e assustados. Estavam de mãos dadas, segurando bonecas idênticas, como elas. Fizeram Luke pensar nas gêmeas de um filme antigo de terror.

Priscilla foi com ele até a porta do quarto e se retirou sem falar nada. Luke entrou, viu que ninguém tinha tirado seu laptop e desabou na cama, sem nem descalçar os sapatos. Ele dormiu por cinco horas.

## 15

A sra. Sigsby estava esperando quando o dr. Hendricks, também conhecido como Donkey Kong, entrou na pequena suíte privada adjacente ao escritório. Ela estava sentada no sofá. Ele lhe entregou uma pasta.

— Sei que você ama papel, então aqui está. Não vai te fazer bem nenhum.

Ela não abriu a pasta.

— Não pode me fazer bem nem mal, Dan. Esses são os seus testes, seus experimentos secundários e não parecem estar sendo concluídos.

Ele contraiu o maxilar com teimosia.

— Agnes Jordan. William Gortsen. Veena Patel. Dois ou três outros que agora não consigo me lembrar. Donna alguma coisa. Tivemos resultados positivos com todos eles.

Ela suspirou e ajeitou o cabelo cada vez mais ralo. Hendricks pensou que Siggers tinha cara de pássaro: nariz fino em vez de bico, mas os mesmos olhinhos ávidos. A cara de um pássaro com o cérebro de uma burocrata. Incorrigível, de verdade.

— E dezenas de Rosas com quem você não teve resultado nenhum.



— Talvez seja verdade, mas pensa bem — disse ele, porque na verdade o que queria dizer, *Como você pode ser tão burra?*, o meteria em muita confusão. — Se telepatia e telecinesia estiverem conectadas, como meus experimentos sugerem que estejam, talvez possa haver outras habilidades paranormais, latentes e esperando para serem reveladas. O que essas crianças conseguem fazer, até as mais talentosas, pode ser só a ponta do iceberg. E se a cura paranormal for possível? E se um tumor tipo o glioblastoma que matou John McCain pudesse ser curado só com o poder do pensamento? E se essas habilidades puderem ser canalizadas para prolongar a vida, até talvez uma vida de cento e cinquenta anos, quem sabe mais? O objetivo para o uso das crianças não precisa ser o fim: pode ser só o começo!

— Já ouvi tudo isso. E li no que você gosta de chamar de declaração da sua missão.

Leu, mas não entendeu, pensou ele. Nem Stackhouse. Evans entende, mais ou menos, mas nem ele consegue ver a amplitude do potencial.

— Não que Ellis ou Iris Stanhope sejam particularmente valiosos. Não à toa são classificados como Rosas. — Ele fez um som de desprezo e balançou a mão.

— Isso era mais verdade vinte anos atrás do que agora. Até dez.

— Mas...

— Chega, Dan. O garoto Ellis mostrou sinais de TP ou não?

— Não, mas ele continuou vendo as luzes depois que o projetor foi desligado, o que acredito que seja um indicador. Um indicador *forte*. Mas depois, infelizmente, ele teve uma convulsão. O que não é incomum, você sabe.

Ela suspirou.

— Não tenho nenhuma objeção aos seus testes com as luzes Stasi, Dan, mas você precisa manter a perspectiva aqui. Nosso objetivo principal é preparar os residentes pra Parte de Trás. Isso é o que importa, o objetivo principal. Qualquer efeito colateral não é motivo de grande preocupação. A gerência não está interessada no equivalente paranormal de Rogaine.

Hendricks se encolheu, como se tivesse levado um tapa.

— Um remédio pra hipertensão que também já se mostrou capaz de fazer cabelo crescer nos crânios de carecas não está à altura de um procedimento que poderia mudar o rumo da existência humana!

— Talvez não, e se seus testes tivessem resultados mais frequentes talvez eu e o pessoal que paga seus salários estivéssemos mais animados. Mas até agora você só tem alguns acertos aleatórios.

Ele abriu a boca para protestar, mas fechou de novo quando ela o encarou com expressão ameaçadora.

— Você pode continuar seus testes por enquanto, fique satisfeito com isso. E deveria mesmo ficar, considerando que o resultado deles foi a perda de várias crianças.

— Rosas — disse ele, e fez aquele som de desprezo de novo.

— Você age como se eles existissem às pencas — rebateu ela. — Talvez já tenha sido assim, mas não é mais, Dan. Não mais. Enquanto isso, aqui tem um arquivo pra você.

Era um arquivo vermelho, com um carimbo de REALOCAÇÃO.

Quando Luke entrou na sala naquela noite, encontrou Kalisha sentada no chão, com as costas para uma das janelas grandes que davam para o

parquinho. Ela estava bebendo uma das garrafinhas de álcool das máquinas.

— Você bebe isso? — perguntou ele, sentando-se ao lado dela.

No parquinho, Avery e Helen estavam na cama elástica. Aparentemente, ela estava ensinando a ele como rolar para a frente. Em pouco tempo, escureceria e eles teriam que entrar. Embora nunca fechasse, o parquinho não tinha luz, o que desencorajava visitas noturnas.

— Primeira vez. Usei todas as minhas fichas. É bem horrível. Quer um pouco? — Ela esticou a garrafa, que continha uma bebida chamada Twisted Tea.

— Eu passo. Sha, por que você não me contou que o teste das luzes era tão ruim?

— Me chame de Kalisha. É só você que me chama assim e eu gosto.

A voz dela estava um pouquinho arrastada. Ela não podia ter bebido mais do que alguns poucos mililitros do chá com álcool, mas Luke imaginava que ela não estivesse acostumada.

— Tudo bem. Kalisha. Por que você não me contou?

Ela deu de ombros.

— Eles fazem você ficar olhando pra umas luzes coloridas dançantes até você ficar meio tonto. O que tem de tão ruim nisso? — *Nisso saiu nhisso.*

— É mesmo? Foi só isso que aconteceu com você?

— Foi. Por quê? O que aconteceu com você?

— Me deram uma injeção primeiro e tive uma reação. Minha garganta fechou. Achei por um momento que ia morrer.

— Hã. Eu levei uma injeção antes do teste, mas não aconteceu nada. Isso parece horrível. Sinto muito, Lukey.



— Essa foi só a primeira parte ruim. Eu desmaiei olhando pras luzes. Acho que tive uma convulsão. — Ele também tinha molhado um pouco a calça, mas não pretendia revelar essa parte. — Quando acordei... — Ele fez uma pausa para se controlar. Não estava com vontade de chorar na frente daquela garota bonita com os olhos castanhos bonitos e o cabelo preto brilhoso. — Quando acordei, me deram uns tapas.

Ela se sentou, empertigada.

— Como *assim*?

Ele assentiu.

— Aí, um dos médicos... Evans, você conhece?

— O do bigodinho.

Ela franziu o nariz e tomou outro gole.

— Sim, ele mesmo. Ele estava com umas cartas e tentou me fazer adivinhar o que tinha nelas. Eram Cartas de Zener. Só podiam ser. Você falou delas, lembra?

— Claro. Já fizeram testes comigo mais de dez vezes. Mais de *vinte*. Mas não fizeram depois das luzes. Só me levaram pro meu quarto. — Ela tomou outro gole. — Devem ter confundido os papéis e achado que você era TP e não TC.

— Foi o que eu pensei e falei pra eles, mas continuaram me estapeando. Como se achassem que eu estava fingindo.

— É a coisa mais maluca que já ouvi — disse ela. *Uvi* no lugar de ouvi.

— Acho que aconteceu porque não sou o que vocês chamam de pos. Sou comum. Eles chamam as crianças comuns de Rosas.

— É. Rosas. Isso mesmo.

— E os outros? Alguma coisa assim aconteceu com algum deles?

— Nunca perguntei. Tem certeza de que não quer um pouco?

Luke pegou a garrafa e tomou um gole, mais para ela não beber tudo. Na avaliação dele, ela já tinha tomado o suficiente. Era tão horrível quanto ele esperava. Ele devolveu a garrafinha.

— Você não quer saber o que estou comemorando?

— O quê?

— Iris. À memória dela. Ela é como você, nada de especial, só uma TCzinha. Eles vieram e a levaram uma hora atrás. Como George diria, não vamos mais ver a pinta dela.

Kalisha começou a chorar. Luke passou os braços em volta dela. Não conseguiu pensar em outra coisa para fazer. Ela deixou e apoiou a cabeça no ombro dele.

## 17

Naquela noite, Luke entrou no site do sr. Griffin de novo, digitou o endereço do *Star Tribune* e ficou olhando o nome por quase três minutos antes de clicar no ENTER. Covarde, pensou ele. Sou um covarde. Se eles estiverem mortos, vou descobrir. Só que ele não sabia como poderia encarar essa notícia sem desmoronar completamente. Além do mais, de que adiantaria?

Por isso, digitou *Advogados de dívidas em Vermont*. Ele já tinha feito essa pesquisa, mas disse para si mesmo que conferir era sempre uma boa ideia. E ocuparia o tempo.

Vinte minutos depois, ele desligou o computador e estava pensando se devia dar uma volta para ver quem estava por aí (Kalisha seria sua escolha, se ela não estivesse dormindo), quando os pontos coloridos voltaram. Giraram diante de seus olhos e o mundo começou a sumir. A

se *afastar*, como um trem saindo da estação enquanto ele olhava da plataforma.

Ele abaixou a cabeça em cima do laptop fechado e respirou fundo lentamente, dizendo para si mesmo para aguentar, aguentar, só aguentar. Dizendo para si mesmo que passaria, sem se permitir pensar no que aconteceria se não passasse. Pelo menos, ele conseguia engolir. Engolir estava fácil, e a sensação de se afastar de si mesmo, de cair em um universo de luzes giratórias, acabou passando. Ele não sabia quanto tempo tinha levado, talvez um ou dois minutos, mas pareceu bem mais.

Ele foi ao banheiro e escovou os dentes, se olhando no espelho. Eles podiam saber sobre os pontos, provavelmente *sabiam* sobre os pontos, mas não sobre a outra coisa. Ele não tinha ideia do que havia na primeira carta, nem na terceira, mas a segunda era um garoto numa bicicleta e a quarta era um cachorrinho com uma bola na boca. Um cachorro preto pequeno com uma bola vermelha. Parecia que ele era TP, afinal.

Ou tinha passado a ser.

Ele enxaguou a boca, apagou a luz, se despiu no escuro e se deitou na cama. Aquelas luzes o tinham mudado. Eles sabiam que podia acontecer, mas não tinham certeza. Luke não sabia como podia ter certeza disso, mas...

Ele era uma cobaia, talvez todos fossem, mas TPs e TCs de nível baixo, os Rosas, sofriam mais testes. Por quê? Porque eram menos valiosos? Mais descartáveis se as coisas dessem errado? Não havia como ter certeza, mas Luke achava provável. Os médicos achavam que o experimento com as cartas tinha sido um fracasso. Isso era bom. Aquelas pessoas eram ruins, e guardar segredos de pessoas ruins devia ser bom, certo? Mas ele desconfiava que as luzes tivessem algum propósito para além de desenvolver o talento dos Rosas, porque os TPs e TCs mais fortes,



como Kalisha e George, também passavam por elas. Qual poderia ser o outro propósito?

Ele não sabia. Só sabia que os pontos tinham sumido, Iris tinha ido embora e os pontos poderiam voltar, mas Iris, não. Iris tinha ido para a Parte de Trás e eles não a veriam mais.

18

Havia nove pessoas no café da manhã no dia seguinte, mas sem Iris houve pouca conversa e nenhuma risada. George Iles não fez piadas. Helen Simms comeu só cigarros de mentira. Harry Cross pegou uma montanha de ovos mexidos no bufê e enfiou tudo na boca (com bacon e batatas) sem tirar os olhos do prato, como um homem fazendo seu trabalho. As gêmeas Greta e Gerda Wilcox não comeram nada até Gladys aparecer, com o sorriso largo e tudo, e fazê-las comer algumas colheradas. As gêmeas pareceram se animar mais ou menos com as atenções de Gladys; até riram um pouco. Luke pensou em puxá-las de lado mais tarde e dizer para não confiarem naquele sorriso, mas isso só as deixaria assustadas, e de que adiantaria?

*De que adiantaria* tinha se tornado outro mantra, e ele reconheceu que era um jeito ruim de pensar, um passo a mais no caminho da aceitação daquele lugar. Ele não queria seguir por ali, não queria mesmo, mas lógica era lógica. Se as pequenas Gs encontravam consolo na atenção da G grande, talvez fosse melhor, mas quando ele pensou nas garotinhas passando pelo termômetro retal... e pelas luzes...

— O que você tem? — perguntou Nicky. — Parece que mordeu um limão.

— Nada. Estou pensando em Iris.

— Ela já era, cara.

Luke olhou para ele.

— Que frieza.

Nicky deu de ombros.

— A verdade muitas vezes é fria. Quer ir lá fora jogar basquete?

— Não.

— Vamos lá. Te dou a vantagem do H e até deixo você repetir a jogada no final.

— Eu passo.

— Tá com medo? — perguntou Nicky, sem rancor.

Luke balançou a cabeça.

— Eu só ficaria me sentindo mal. Eu jogava com meu pai. — Ele ouviu o *jogava* e odiou o som da palavra.

— Tudo bem, entendi — disse ele, olhando com uma expressão que Luke mal conseguiu suportar, ainda mais vinda de Nicky Wilholm. — Escuta, cara...

— O quê?

Nicky suspirou.

— Só que vou estar lá fora se você mudar de ideia.

Luke saiu do refeitório e andou pelo corredor, o corredor do MAIS UM DIA NO PARAÍSO, depois pelo outro, que ele agora chamava de corredor da máquina de gelo. Não havia sinal de Maureen e ele foi em frente. Passou por mais pôsteres motivacionais e mais quartos, nove de cada lado. Todas as portas estavam abertas, exibindo camas desarrumadas e paredes livres de pôsteres, o que fazia com que os cômodos parecessem o que realmente eram: celas para crianças. Ele passou pelo anexo do elevador e seguiu andando por mais quartos. Certas conclusões pareceram inevitáveis. Uma foi que em algum momento houve bem mais

“residentes” no Instituto. A não ser que a administração tivesse sido otimista demais.

Luke acabou encontrando outra sala, onde o zelador chamado Fred estava passando uma enceradeira com movimentos longos e lentos. Havia máquinas de lanches e bebidas ali, mas estavam vazias e desligadas. Não havia parquinho lá fora, só uma área de cascalho, mais alambrado com alguns bancos lá fora (supostamente para funcionários que quisessem fazer a pausa de descanso ao ar livre) e o prédio verde baixo da administração uns setenta metros depois. A toca da sra. Sigsby, que lhe dissera que ele estava ali para servir.

— O que você está fazendo? — perguntou o zelador Fred.

— Só andando por aí. Vendo as paisagens.

— Não tem paisagens. Volta pro lugar de onde veio. Vá brincar com os outros.

— E se eu não quiser?

Foi mais patético do que desafiador, e Luke desejou ter ficado de boca fechada. Fred estava com um walkie-talkie de um lado do quadril e um bastão elétrico do outro. Ele levou a mão à arma.

— Volta. Não vou mandar de novo.

— Tudo bem. Tenha um bom-dia, Fred.

— Foda-se seu bom-dia. — A enceradeira foi ligada de novo.

Luke se afastou, maravilhado com a rapidez com que todas as suas suposições inquestionáveis sobre os adultos (que eles seriam gentis com você se você fosse gentil com eles, para começar) foram destruídas. Tentou não olhar para todos os quartos vazios quando passou. Eram sinistros. Quantos garotos e quantas garotas teriam morado ali? O que aconteceu com eles quando foram para a Parte de Trás? E onde estavam agora? Em casa?



— Bom, ele está certo. Dei meu filho para adoção na igreja logo depois que ele nasceu. Eu queria ficar com ele, mas o pastor e minha mãe me convenceram a não ficar. O cachorro com quem me casei não queria filhos, então só tive esse que dei para adoção. Você realmente se importa com isso, Luke?

— Sim.

Ele se importava, mas conversar por muito tempo talvez fosse má ideia. *Eles* podiam não conseguir ouvir, mas conseguiam ver.

— Quando comecei a ter dores nas costas, passou pela minha cabeça que eu precisava saber o que tinha acontecido com ele e acabei descobrindo. O Estado alega que não pode dizer o destino dos bebês, mas a igreja guarda os registros de adoção desde 1950, e consegui a senha do computador. O pastor deixa embaixo do teclado da paróquia. Meu garoto está duas cidades depois de onde eu moro em Vermont. Está no último ano do ensino médio. Quer fazer faculdade. Descobri isso também: meu filho quer fazer faculdade. O dinheiro é pra isso, não pra pagar as contas daquele cachorro imundo.

Ela secou os olhos na manga, um gesto rápido e quase furtivo.

Ele fechou a máquina de gelo e se empertigou.

— Cuida das suas costas, Maureen.

— Pode deixar.

Mas e se fosse câncer? Ela achava que era isso, ele sabia.

Ela tocou no ombro de Luke quando ele se virou e se inclinou para perto. O hálito dela estava ruim. Era o hálito de uma pessoa doente.

— Meu garoto nem precisa saber de onde o dinheiro veio. Mas ele tem que receber. Ah, Luke? Faça o que eles mandarem. *Tudo* que eles mandarem. — Ela hesitou. — E se você quiser conversar com qualquer pessoa sobre qualquer coisa... faça isso aqui.